

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO)

GABRIELA DE CASTRO PEREIRA

UMA TRADUÇÃO CULTURAL COMENTADA DE *BRAIDING SWEETGRASS*

Maringá – PR
2022

GABRIELA DE CASTRO PEREIRA

UMA TRADUÇÃO CULTURAL COMENTADA DE *BRAIDING SWEETGRASS*

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em Letras, área de concentração: Estudos Literários.
Orientadora: Prof^a Dr^a Alba Krishna Feldman.
Coorientadora: Prof^a Dr^a Liliam Cristina Marins

Maringá
2022

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

P436t

Pereira, Gabriela de Castro

Uma tradução cultural comentada de *Braiding sweetgrass* / Gabriela de Castro Pereira.
-- Maringá, PR, 2022.
183 f.: il. color.

Orientadora: Profa. Dra. Alba Krishna Feldman.

Coorientadora: Profa. Dra. Liliam Cristina Marins.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2022.

1. Kimmerer, Robin Wall, 1953-. *Braiding sweetgrass*. 2. Tradução cultural. 3. Literatura indígena norte-americana. 4. Socialismo científico. I. Feldman, Alba Krishna, orient. II. Marins, Liliam Cristina, coorient. III. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Letras. IV. Título.

CDD 23.ed. 418.04

GABRIELA DE CASTRO PEREIRA

UMA TRADUÇÃO CULTURAL COMENTADA DE *BRAIDING SWEETGRASS*

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, com requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em Letras, área de concentração: Estudos Literários.

Aprovada em 05 de Dezembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA



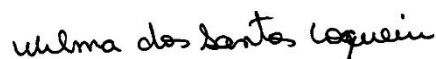
Prof^a Dr^a Alba Krishna Topan Feldman
Universidade Estadual de Maringá – UEM
- Presidente –



Prof^a Dr^a Liliam Cristina Marins
Universidade Estadual de Maringá – UEM
- Vice-presidente -



Prof^a Dr^a Roselene de Fatima Coito
Universidade Estadual de Maringá – UEM



Prof. Dr^a. Wilma dos Santos Coqueiro
Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR

A todas as mulheres, em especial às
de cor.
Nós sabemos melhor do que ninguém
a importância de estarmos aqui, na
academia!

AGRADECIMENTOS

À minha família por todo o apoio que me deram em todos os meus anos de formação intelectual. Em especial às mulheres da minha família, que se mostram guerreiras em meio ao contexto em que viveram/vivem.

A todos os meus professores, por terem sido exemplos para mim em todos os aspectos da vida, até mesmo enquanto professora. Em especial à minha orientadora Alba Krishna Topan Feldman e à minha coorientadora Liliam Cristina Marins, que foram duas mãezonas pra mim em meio à pandemia da Covid-19 e ao mergulho na vida acadêmica, aceitando o desafio que foi a execução do projeto dessa dissertação.

A todos os meus amigos, pelas risadas e pelos ombros amigos mesmo distantes em meio ao contexto da pandemia.

Ao meu companheiro, Marcos André de Souza Silva pela parceria e pelo apoio quanto a todos os dias que me fiz ausente para me dedicar a essa dissertação.

E a todos os demais envolvidos, do meio acadêmico ou não, que me auxiliaram para que pudesse chegar até aqui, o meu sincero “muito obrigada”.

RESUMO

A presente dissertação apresenta um Tradução Cultural comentada das histórias *A queda de Mulher Celeste* (Apêndice A), *O Consolo dos Lírios D'Água* (Apêndice B), *As Três Irmãs* (Apêndice C), *Umbilicaria: O Cordão Umbilical do Mundo* (Apêndice D), *Povo de Milho, Povo de Luz* (Apêndice E) e *Epílogo: Retornando o Favor* (Apêndice F), da obra *Braiding Sweetgrass*, de Robin Wall Kimmerer (2013a). Para a execução desse tipo de tradução, compreendeu-se que se prezaria por fazer com que o leitor tivesse contato com a cultura do texto fonte, que é uma obra da literatura indígena norte-americana. Sendo assim, utilizou-se a metodologia do Socialismo Científico (WILLIAMS, 1979), o qual se coloca como parte da luta contra as consequências que o colonialismo trouxe para os povos originários, como a marginalização e os diferentes tipos de preconceitos, principalmente o científico, o literário e o cultural, por exemplo. Afinal, compreende-se que a sociedade contemporânea está imersa em uma modernidade multicultural (BONNICI, 2011) que gira em torno do colonialidade do poder/ser (QUIJANO, 2009; CURIEL, 2020). Para que esse cenário seja revertido, entende-se que a instituição de uma sociedade intercultural (WALSH, 2002) seja uma opção válida, compreendendo, assim, que todas as culturas presentes no mundo possuam um valor igual em termos dos conhecimentos que produzem. Isso pode propiciar, portanto, o surgimento do renascimento da literatura pós-colonial (BONNICI, 2012). Diante do exposto, a presente dissertação realizou esta Tradução Cultural Comentada nos moldes apresentados, possibilitando, assim, que falantes da língua portuguesa tenham acesso ao conteúdo cultural presente no *corpus*. Diante disso, foram feitos comentários sobre as escolhas tradutórias no âmbito cultural.

PALAVRAS-CHAVE: *Braiding Sweetgrass*; Tradução Cultural Comentada; Socialismo Científico; Literatura indígena.

ABSTRACT

This master degree dissertation presents a Commented Cultural Translation about *Skywoman Falling* (Appendix A), *The Consolation of Water Lilies* (Appendix B), *The Three Sisters* (Appendix C), *Umbilicaria: The Belly Button of the World* (Appendix D), *People of Corn, People of Light* (Appendix E) e *Epilogue: Returning the Favor* (Appendix F), from *Braiding Sweetgrass*, by Robin Wall Kimmerer (2013a). This kind of translation was used considering to value the reader contact with the source text culture, which is a work of North American Indigenous Literature. Due to that, it was used the Scientific Socialism methodology (WILLIAMS, 1979), which is put on the fight against the colonialism consequences to native peoples, like marginalization and the different types of prejudice, mainly the scientific, literary and cultural, for example. It is known that our society is immersed in a multicultural modernity (BONNICI, 2011) that revolves around the power/being coloniality (QUIJANO, 2009; CURIEL, 2020). Aiming to reverse this scenario, it is understood that the institution of intercultural society (WALSH, 2002) can be a valid option. Thus, all world cultures can have an equal value in terms of the knowledge they produce. It can propitiate, so, the emergence of the post-colonialism renaissance (BONNICI, 2012). Regarding that, the master degree dissertation presented here made this Commented Cultural Translation in the way that is showed, enabling, then, Portuguese speakers to have access to the cultural content on the *corpus*. Considering that, commentaries about some choices related to this translation were made. They were related to cultural aspects.

KEYWORDS: *Braiding Sweetgrass*; Commented Cultural Translation; Scientific Socialism; Indigenous Literature.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- **Figura 1** – *América* de Theodor Galle (1589).....p. 57
- **Figura 2** – A agenda de Pesquisas dos povos originários norte-americanos..p. 60
- **Figura 3** – *Sweetgrass*.....p. 62
- **Figura 4** – Ilha da Tartaruga.....p. 67
- **Figura 5** – *Momento de Revoada* de Bruce King.....p. 68
- **Figura 6** – Tirar no palitinho.....p. 70

LISTA DE QUADROS

- **Quadro 1** – Tradução comentada sobre *Skyworld*.....p. 64
- **Quadro 2** – Tradução comentada sobre a Grande Tartaruga.....p. 65-66
- **Quadro 3** – Tradução comentada sobre *Moment in Flight*.....p. 68
- **Quadro 4** – Tradução comentada sobre o encontro entre Eva e Mulher Celeste.....p. 69
- **Quadro 5** – Tradução comentada sobre Linden.....p. 71-72
- **Quadro 6** – Tradução comentada sobre nomes de plantas.....p. 72-73
- **Quadro 7** – Tradução comentada sobre *spatterdock*.....p. 73-74
- **Quadro 8** – Tradução comentada sobre as diferentes épocas em que as estações do ano ocorrem.....p. 75
- **Quadro 9** – Tradução comentada sobre *squash vs. pumpkin*.....p. 76-78
- **Quadro 10** – Tradução comentada sobre *brown beans*.....p. 79
- **Quadro 11** – Tradução comentada sobre insetos que se instalam na plantação das Três Irmãs.....p. 79
- **Quadro 12** – Tradução comentada sobre o *oakleaf lichen*.....p. 80
- **Quadro 13** – Tradução comentada sobre consômê.....p. 80-81
- **Quadro 14** – Tradução comentada sobre o *Popol Vuh*.....p. 81-82
- **Quadro 15** – Tradução comentada sobre powwows.....p. 82-83

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13-14
2. A IMPORTÂNCIA DE UMA TRADUÇÃO CULTURAL COMENTADA DE BRAIDING SWEETGRASS	15
2.1. Um panorama sobre a Teoria da Tradução (Cultural).....	15-17
2.1.1. Metodologia de Pré-tradução.....	17-18
2.1.2. Cultura e a realidade moderna multicultural: a busca pela interculturalidade	18-20
2.1.3. A correlação entre tradução e cultura	20-22
2.1.4. Conceitualizando teoricamente “tradução (cultural)”	22-26
2.2. O que é ser “indígena”	26-27
2.3. Por que <i>Braiding Sweetgrass</i>	28-34
2.3.1. <i>Braiding Sweetgrass</i> e a Literatura Indígena	34-41
2.3.2. A importância da Ecocrítica na Literatura Indígena	41-43
2.4. A motivação em fazer uma Tradução Cultural Comentada de <i>Braiding Sweetgrass</i>	43-45
2.5. O indivíduo dos povos originários norte-americanos e a expressão de seu conhecimento na produção de literatura, como em <i>Braiding Sweetgrass</i>	45
2.5.1. O Cânone Literário, a Literatura Indígena e a busca dos povos originários norte-americanos por visibilidade	45-48
2.5.2. A importância da expressão do conhecimento dos povos originários norte-americanos para a academia	49-50
2.5.2.1. A contribuição dos povos originários norte-americanos para a construção de uma policultura de conhecimento científico coexistente ..	50-54
2.5.2.2. O papel político da Literatura Indígena enquanto sobrevivência	54-60
3. UMA ANÁLISE DA TRADUÇÃO CULTURAL DE BRAIDING SWEETGRASS 61- 63	
3.1. A queda de Mulher Celeste.....	63-71
3.2. <i>O consolo dos Lírios D’água</i>	71-75
3.3. <i>As Três Irmãs</i>	75-80
3.4. <i>Umbilicaria: o umbigo do mundo</i>	80-81
3.5. <i>Povo de Milho, Povo de Luz</i>	81-82

3.6. <i>Epílogo: retornando o favor</i>	82-83
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	84-86
REFERÊNCIAS	87-97
APÊNDICE A – A QUEDA DE MULHER CELESTE	98-111
APÊNDICE B – O CONSOLO DOS LÍRIOS D'ÁGUA	112-123
APÊNDICE C – AS TRÊS IRMÃS	124-146
APÊNDICE D – <i>UMBILICARIA</i>: O UMBIGO DO MUNDO	147-162
APÊNDICE E – POVO DE MILHO, POVO DE LUZ	163-175
APÊNDICE F – EPÍLOGO: RETORNANDO O FAVOR	176-183

1. INTRODUÇÃO

Com o objetivo de auxiliar no processo de introdução dos conhecimentos indígenas aos conhecimentos científicos, a presente dissertação apresentará uma tradução cultural da obra *Braiding Sweetgrass: indigenous wisdom, scientific knowledge and teaching of plants* (do inglês, *Trançando a Sweetgrass: sabedoria indígena, conhecimento científico e os ensinamentos das plantas*), de Robin Wall Kimmerer (2013a). No caso, a tradução será de sessões selecionadas e produzidas pela autora da presente dissertação, expostas nos Apêndices, visando, por meio das estratégias que esse tipo de tradução permite, trazer, de uma maneira esclarecedora, os conhecimentos indígenas presentes na obra para a língua portuguesa. Esta motivação está ligada à metodologia utilizada, do socialismo científico (WILLIAMS, 1979), o qual preza em se colocar como parte da luta contra o que o colonialismo trouxe de consequências aos povos indígenas: a marginalização e os diferentes tipos de preconceitos, principalmente o científico, o literário e o cultural, por exemplo. Afinal, segundo Hogan (2014), o que os grupos étnicos indígenas têm de conhecimento passado de geração em geração, ou seja, conhecimento tradicional, pode ser interpretado como o conhecimento científico eurocêntrico, só que sem fazer o uso dos termos técnicos que essa comunidade científica cunhou como canônico. Também se utiliza a metodologia sugerida por Schleiermacher (1813), que visa fazer com que o conteúdo estrangeiro seja esclarecido ao leitor na língua de chegada. Isso pode ser obtido ao utilizar a estrangeirização, de Venuti (1995), visando dar mais visibilidade aos termos estrangeiros, suscitando, assim, a maior visibilidade, na tradução, do conhecimento indígena expresso no *corpus*. E também foi feito o uso do processo de pré-tradução de Passos (2011) e Cambré (2010).

Os detalhes de como foi o processo dessa tradução, do porquê de ela ter sido realizada nos moldes de tradução cultural comentada, e da justificativa em se realizar este tipo de trabalho com o *corpus* desta dissertação serão detalhadamente explicados nos capítulos logo adiante.

Considerando o exposto até então, o Capítulo 2 trata de discutir as definições dos termos “tradução” e “cultura”, para então expor o que é uma tradução cultural e por que esta é uma metodologia adequada de tradução de *Braiding Sweetgrass*. Ademais, aponta-se resumidamente todos os artigos encontrados sobre o *corpus* e

também os feitos por Robin Wall Kimmerer – autora de *Braiding Sweetgrass*. Também se apresentam as características da Literatura Indígena – tendo como parâmetro o *corpus* –, discute o porquê de esta não ser tão comum e prestigiada quanto obras literárias canônicas, e a necessidade de se reverter esse quadro na academia.

O Capítulo 3 apresenta uma análise detalhada de cada uma das seis partes do *Braiding Sweetgrass* que foram traduzidas pela autora da presente dissertação, tendo como base os aspectos comentados nos capítulos anteriores. Após este capítulo, há as Considerações Finais, apresentando as conclusões plausíveis que se chegou a partir do trabalho realizado durante a discussão presente no Capítulo 2 e 3. Por fim, há os Apêndices A, B, C, D, E e F, que contêm as traduções culturais realizadas pela autora da presente dissertação, as quais são comentadas/analizadas no Capítulo 3.

2. A IMPORTÂNCIA DE UMA TRADUÇÃO CULTURAL COMENTADA DE *BRAIDING SWEETGRASS*

A primeira pergunta que se vê a necessidade de responder, no presente trabalho é: por que traduzir *Braiding Sweetgrass* de Robin Wall Kimmerer? Para responder crucialmente a essa pergunta, faz-se necessário discutir o que é “tradução” e expor os tipos de metodologias da Teoria da Tradução que foram levadas em consideração para a realização do presente trabalho, as quais possibilitam o conhecimento e o reconhecimento da tradução cultural. Além disso, é preciso trazer informações primárias sobre o *corpus* e sobre a autora, assim como sobre os tipos de textos literários que o caracterizam, sendo assim, diante da ordem exposta, a princípio, segue uma discussão sobre “tradução”.

2.1. Um panorama sobre a Teoria da Tradução (Cultural)

Etimologicamente, segundo Eco (2007), o termo “tradução” deriva do termo em latim “*translatio*”, cujo significado, a princípio, foi tido como “mudança” ou “[...] ‘transporte’, passagem bancária de dinheiro, enxerto botânico, metáfora”. No entanto, houve uma ocorrência declinada de “*translatio*”, “*tractum*” – na tradução de Leonardo Bruni da obra *Noctes I*, 18, de Aulo Gélion –, que deu ao termo a carga semântica de “tradução” como reconhecemos hoje: “[...] versão de uma língua para outra [...]” (ECO, 2007, p. 275).

Anos após o que ocorreu etimologicamente com o termo “tradução”, Rubel (2003, p. 8, tradução nossa¹) afirma que o ato de traduzir “[...] envolve um certo grau de interpretação por parte do tradutor.”. Em outras palavras, no âmbito do processo de tradução, viu-se a necessidade de primeiramente levar em consideração o papel do(a) tradutor(a), pois a interpretação deste(a) também se faz presente no Texto de Chegada (TC). Isso ocorre de tal maneira que é impossível dois tradutores diferentes traduzirem um mesmo texto igualmente. E é justamente por isso que o título do presente capítulo faz uso do artigo indefinido “uma”, demarcando, assim, a

¹ “[...] *the process of translation must involve a certain degree of interpretation on the part of the translator.*” (RUBEL, 2003, p. 8).

possibilidade de existirem outras traduções culturais do mesmo *corpus*, mas diferentes da que será exposta aqui, afinal, a individualidade do *corpus* e as diferentes experiências presentes nele influenciam os(as) tradutores(as) durante o processo tradutório, de modo que suas interpretações terminológicas serão diferentes em determinadas situações presentes no Texto de Partida (TP) (LEFEVERE, 2003; AMORIM, 2015).

Diante do exposto até agora, há a necessidade de comentar qual é o objetivo de se traduzir algo, afinal, o presente trabalho traz a tradução de um *corpus* específico. Delisle (2002, p. 11) expõe que o objetivo principal da tradução é possibilitar que haja maior acesso a produções estrangeiras, assim, a chamou de “[...] um poderoso fator de progresso.”. Algo compreensível se levado em consideração que o acesso a informações estrangeiras possibilita contato com novas visões de mundo sobre algo, o que pode gerar progresso (PYM, 2014). Afinal, isso possibilita que falantes imersos em suas próprias culturas tenham contato com pontos de vista advindos de outra(s) cultura(s), fazendo-os, assim, refletirem a partir de visões de mundo que, até então, eles possivelmente não tiveram contato, pois elas vêm de culturas diferentes daquela que estão imersos. Com isso, é possível compreender que o objetivo da tradução é gerar a sobrevida do TP (DERRIDA, 2002) por meio dessas reflexões que o acesso a traduções pode gerar.

Diante do exposto no presente tópico, precise-se expor o que, portanto, pode-se afirmar ser “tradução”. Segundo Boito e Olher (2013, p. 141), uma tradução é construída sobre

[...] cacos, ou seja, sua superfície aparentemente lisa e desenrugada possui um ‘outro’ lado mais intrigante e mais interessante: trata-se da heterogeneidade, da diferença, da opacidade, da desordem e da pluralidade de vozes presentes no texto traduzido. A tradução resulta de tensões, já que não é apenas a língua que muda no processo tradutório, mas também o contexto social e o momento histórico, a função, o leitor.

Sendo assim, apesar dos esforços expostos até aqui para definir o que a Teoria da Tradução coloca como “tradução”, é possível expressar que não há uma definição exata sobre o que é esse termo. Ademais, retomando a citação de Boito e Olher (2013, p. 141), é possível considerar que “tradução” é uma execução composta por “cacos” interligados, cuja superfície aparenta ser lisa, porém, apenas aparenta, pois a “heterogeneidade” e a “pluralidade de vozes” que a compõe são o que a define como

um conjunto de “tensões” ligadas a contextos sociais, momentos históricos, funções e leitores específicos. Ou também, “tradução” pode ser definida, retomando a etimologia da palavra exposta por Eco (2007), como um enxerto botânico – “[...] uma associação íntima entre duas partes de diferentes plantas que continuam seu crescimento como um ser único. [...]” (RIBEIRO; COSTA; VIEIRA; SANTOS, 2005, p. 1) –, em que há o entendimento de que tanto o TP quanto o TC (a tradução), segundo Cutchins (2017), vão modificando e contribuindo com a “sobrevida” (DERRIDA, 2002) um do outro, de maneira “bidirecional” (CATFORD, 1980). Contudo, é necessário reafirmar que ambas as alusões não implicam em definições exatas do que é a tradução, mas sim em tentativas de abranger um pouco mais ao que de fato implica o ato de traduzir.

2.1.1. Metodologia de Pré-tradução

Quanto à metodologia utilizada para realizar a pré-tradução da tradução cultural do *corpus* apresentada na presente dissertação, nos Apêndices, faz-se necessário expor o que é o processo de “pré-tradução”: um conjunto de ações que devem ocorrer antes de executar efetivamente uma tradução, em que recomenda-se ler o TP mais de uma vez, fazer anotações quanto a termos desconhecidos e quanto a trechos em que pode-se identificar trazer uma possível dificuldade na hora da execução da tradução, e fazer uso de dicionários e/ou glossários ligados aos termos que foram identificados como desconhecidos (PASSOS, 2011). Especificamente, quanto a essas anotações sobre termos desconhecidos, Cambré (2010) expõe que a “terminologia” é um instrumento utilizado pela tradução, pois possibilita que o(a) tradutor(a) consiga as informações necessárias para encontrar termos que o(a) auxiliem a resolver suas dificuldades tradutórias. No entanto, além disso, Cambré (2010, p. 358, tradução nossa²) enfatiza que a importância da “terminologia” em relação à tradução vai além disso:

[...] sua função instrumental [...] também serve aos tradutores como um meio de adquirir conhecimento sobre um domínio específico. Os

² “[...] *its instrumental function [...] also serves translators as a means for acquiring knowledge about a special domain. The terms of any specialty, interrelated by different types of relationships (generic-specific, cause-effect, part-whole, anterior-posterior, material-object, function-instrument, etc.), constitute knowledge structures. Thus, knowing the terminology of a field implies acquiring knowledge of it. In this sense, terminology has a metacognitive function as it helps translators to organize their knowledge on the subject, and provides them the lexical units (terms) to express the specialized knowledge units of the field adequately.*” (CAMBRÉ, 2010, p. 358).

termos de qualquer especialidade, interligados pelos diferentes tipos de relações (genérico-específico, causa-efeito, parte-todo, anterior-posterior, material-objeto, função-instrumento, etc.) constituem estruturas de conhecimento. Portanto, conhecer a terminologia de um campo implica em adquirir conhecimento sobre este. Sendo assim, a terminologia tem uma função metacognitiva enquanto auxilia os tradutores a organizarem seus conhecimentos sobre o assunto, e dá a eles as unidades (termos) lexicais para expressarem as unidades de conhecimento especializado do campo adequadamente.

Partindo, então, desse entendimento sobre o que é “tradução” e “pré-tradução”, agora, precisa-se tratar sobre “tradução cultural”. No entanto, antes, há a necessidade de entender o que é “cultura” e como ela se relaciona com a “tradução” para, então, ser possível compreender o que é, como funciona e qual é o objetivo de uma “tradução cultural”.

2.1.2. Cultura e a realidade moderna multicultural: a busca pela interculturalidade

Segundo o pesquisador dos Estudos Culturais, Jenks (2005), "cultura" não pode ser entendida como um sistema fechado, pois as múltiplas culturas existentes no mundo estão em constante renovação. No entanto, o mesmo afirma que “cultura”, enquanto categoria social, está ligada à maneira geral na qual um povo vive, e acrescenta que esta é a definição mais pluralista e potencialmente democrática desse conceito. Portanto, é possível entender que a busca pela definição de “cultura” é uma tarefa praticamente impossível, uma vez que é preciso levar em consideração todas as culturas existentes no mundo, as quais Jenks (2005) pontuou estarem se renovando constantemente.

Considerando o exposto quanto à “cultura”, é necessário verificar a citação de Bonnici (2011, p. 17) de que “todas as culturas são iguais e merecem o mesmo respeito”, algo que advém da ideia de que “[...] diferentes etnias iniciaram o processo da construção de uma sociedade multicultural que recusa admitir que um sistema particular de valores seja essencialmente superior a outro.”. Isso que Bonnici (2011) afirmou, Walsh (2002, p. 205, tradução nossa³) chamou de processo que visa constituir a “interculturalidade”, a qual definiu como a busca por

[...] desenrolar uma interação entre pessoas, conhecimentos e práticas culturalmente diferentes: uma interação que reconhece e parte das

³ “*interculturalidad*” (WALSH, 2002, p. 205).

assimetrias sociais, econômicas, políticas e de poder e das condições institucionais para que o 'outro' possa ser como sujeito com identidade, diferença e agência [...] se trata de impulsionar ativamente processo de intercâmbio que, por meio de mediações sociais, políticas e comunicativas, permitam construir espaços de encontro, diálogo e associação entre seres e saberes, sentidos e práticas distintas (WALSH, 2002, p. 205, tradução nossa⁴).

Em suma, a “pluralidade” que Jenks (2005) se referiu ao expor sua definição de “cultura” está diretamente ligada ao “multiculturalismo” abordado por Bonnici (2011), em que é entendida a existência de múltiplos grupos étnicos cuja “cultura” de cada um é única e está em constante renovação. Ademais, é necessário levar em consideração que tal situação constituiu a sociedade atual como multicultural, ou seja, composta por múltiplas culturas, de modo que nenhuma é inferior ou superior à outra. Esse entendimento é chamado de “interculturalidade” por Walsh (2002), em que se considera a existência de múltiplas culturas compondo a sociedade atual de tal maneira que as culturas interagem e se “misturam”, gerando diálogos, associações e saberes novos constantemente. No entanto, essa interculturalidade está em processo de concretização na atualidade – e não concretizada –, uma vez que isso só se efetivará a partir do momento que for de entendimento geral o que Bonnici (2011) afirmou quanto ao fato de que não existem culturas inferiores e nem superiores, todas são tidas como iguais no âmbito do valor. Contudo, esse entendimento ainda não pode ser considerado como algo compreendido por todos devido ao “eurocentrismo” – uma concepção predominante na modernidade que vê o continente europeu como produtor de toda produção cultural de valor –, gerando, assim, estereótipos que criam uma leitura

[...] ambivalente de projeção e introjeção de estratégias metafóricas e metonímias, deslocamentos, causas múltiplas, culpa e agressividade; significa o encobrimento e a ruptura de conhecimentos ‘oficiais’ e fantasmáticos para construir as posições e oposições do discurso racista (BHABHA, 1991, p. 200-201).

Em outras palavras, a impossibilidade de a modernidade considerar que todas as culturas são iguais está ligada ao fato de haver uma hierarquização de culturas na

⁴ “[...] *desarrollar una interacción entre personas, conocimientos y prácticas culturalmente diferentes: una interacción que reconoce y parte de las asimetrías sociales, económicas, políticas y de poder y de las condiciones institucionales para que el ‘otro’ pueda ser como sujeto con identidad, diferencia y agencia [...] se trata de impulsar activamente procesos de intercambio que, por medio de mediaciones sociales, políticas y comunicativas, permitan construir espacios de encuentro, diálogo y asociación entre seres y saberes, sentidos y prácticas distintas.*” (WALSH, 2002, p. 205).

sociedade, que entende as culturas diferentes da eurocêntrica como díspares em relação ao “padrão eurocêntrico”.

2.1.3. A correlação entre tradução e cultura

Se for levado em consideração que “cultura” está ligada à maneira como um povo vive (JENKS, 2005), é possível entender que parte dessa maneira está ligada à comunicação, pois, para que haja socialização, há a necessidade de haver comunicação. Portanto, a linguagem é uma expressão de cultura, de modo que “[...] muitas das palavras de uma língua estão inextricavelmente entrelaçadas com uma cultura, de tal maneira que é muito difícil transferi-las em sua totalidade para outra língua.” (LEFEVERE, 1992, p. 17, tradução nossa⁵). Ou seja, todo aspecto que torna um termo em uma língua distinto ou igual ao de outra língua é cultural.

Ainda quanto à “cultura” enquanto um aspecto ligado à comunicação e à linguagem, de acordo com Krupat (1996, p. 23, tradução nossa⁶), é necessário entender que, no caso de rituais e conhecimentos cerimoniais, a “cultura” não é escrita nem produzida, mas é transmitida. Afinal,

apesar da cultura de tradição não permanecer estática, as mudanças nela e a sua circulação é(são) tão organizada(s) que se mantém relativamente arrumadas. Distorcer tal conhecimento de seus circuitos de transmissão prescritos, abrindo-o à circulação ilimitada de conhecimento produzido, é uma violação de confiança e propriedade, e ações para prevenir tal violação constituem exercícios legítimos de soberania.

Em outras palavras, Krupat (1996) menciona aspectos do âmbito da “cultura”, afirmando, no caso da cultura dos indígenas principalmente, que há questões ligadas a rituais e a conhecimentos cerimoniais que possuem uma metodologia própria de transmissão, concluindo que não é comum propagá-los para que o mundo todo tenha acesso a eles. Ou seja, nem todo conhecimento cultural é transmitido a qualquer indivíduo. No entanto, no caso de *Braiding Sweetgrass: indigenous wisdom, scientific*

⁵ “[...] many of the words in a language are inextricably bound up with that culture and therefore very hard to transfer in their totality to another language.” (LEFEVERE, 1992, p. 17).

⁶ “[...] Although traditional culture does not remain static, the changes in it and the circulation of it are so organized as to remain relatively fixed. To wrench such knowledge from its prescribed transmissional circuits, thus opening it to the unlimited circulation of produced knowledge, is a violation of trust and propriety, and actions to prevent such violation constitute legitimate exercises of sovereignty.” (KRUPAT, 1996, p. 23).

knowledge and teaching of plants, de Robin Wall Kimmerer (2013a), *corpus* da presente dissertação, há coletâneas de conhecimentos culturais indígenas de grupos étnicos indígenas distintos da América do Norte, de modo que se realiza a disseminação desses. Ou seja, pode-se inferir que Kimmerer (2013a) possivelmente fez uso de sua criação como indígena e da sua posição como professora universitária para conseguir mais facilmente contato com os diversos grupos étnicos indígenas presentes na obra, possibilitando, assim, maior acessibilidade aos conhecimentos científicos indígenas, uma vez que seu currículo exposto na página da universidade em que trabalha, SUNY-ESF, deixa claro que ela é uma ecologista das plantas e escritora que traça uma conexão entre conhecimentos indígenas e científicos (ESF, *online*).

Newmark (1988, p. 10, tradução nossa⁷) corrobora e complementa o exposto por Krupat (1996) ao afirmar que “a tradução é usada agora para transmitir conhecimentos e para criar entendimentos entre grupos e nações, assim como para transmitir cultura”. Em outras palavras, Newmark (1988) compreende que um fator-chave para auxiliar no processo de transmissão de cultura é a tradução – tanto quando ela ocorre por meio da permissão do grupo étnico indígena para que seus conhecimentos sejam disseminados pelo mundo, quanto quando o conhecimento é verbalizado apenas no meio do grupo étnico indígena.

Esse processo de transmissão cultural Rodrigues (2010, p. 208) chamou de “transferência cultural” e afirmou ser um “[...] processo de relação entre dois ‘sistemas autônomos e assimétricos’[...]”, o qual é basicamente constituído de duas fases: “análise da conjuntura” e uso da hermenêutica. Ou seja, segundo Rodrigues (2010), para que se realize uma transmissão cultural, é preciso fazer inferências e interpretar os aspectos culturais a serem transmitidos. Neste processo, ainda segundo Rodrigues (2010, p. 208), há a necessidade levar em consideração “[...] o processo de migração e de recepção cultural.”. Em outras palavras, precisa-se levar em consideração também como a Cultura de Partida (CP) será interpretada por meio de inferências até que seja transmitida para a Cultura de Chegada (CC).

Diante desse processo de transferência cultural, o(a) tradutor(a) literário(a), de acordo com Remundino (2013, p. 244-245),

⁷ “Translation is now used as much to transmit knowledge and to create understanding between groups and nations, as to transmit culture.”. (NEWMARK, 1988, p. 10).

[...] deve [...] mergulhar na cultura ‘de saída’ esforçando-se por encará-la também como cultura ‘de chegada’. Tornando-a familiar a si mesmo ele a torna familiar, conseqüentemente, aos receptores da obra traduzida. Daí que, em face da obra literária, a tradução exige um desempenho comparável às vezes ao do sociólogo, ao do antropólogo, ao do folclorista.

Portanto, o ato de traduzir, quando leva em consideração o processo de transferência cultural, faz com que o(a) tradutor(a) tenha de interpretar e pesquisar sobre a CC de tal maneira que seu trabalho acaba se mostrando ligado a outras ciências como a sociologia e a antropologia, visto o tamanho do desdobramento que um(a) tradutor(a) tem de fazer para pesquisar sobre tal grupo étnico e sua cultura (de partida).

Considerando o exposto até agora no presente capítulo, ainda falta abordar sobre “tradução cultural”, uma vez que ambos os termos foram explicados individualmente e que a correlação entre eles foi discutida. Mas, além disso, foi possível compreender que apesar de esses dois termos possuírem definições muito abrangentes, eles possuem pontos em comum, como o fato, já comentado anteriormente, de que para se transmitir uma cultura é necessário traduzi-la sempre, uma vez que todo o ato de comunicação implica em uma tradução do pensamento em palavras.

Sendo assim, no próximo tópico, há um aprofundamento sobre como funciona tal correlação entre “tradução” e “cultura” por meio da “tradução cultural”.

2.1.4. Conceitualizando teoricamente “tradução (cultural)”

Toda tradução é uma ação que implica na comunicação de diferentes pessoas inseridas em culturas diferentes, promovendo uma acessibilidade de conhecimentos estrangeiros. Isso torna a tradução um fator social capaz de gerar uma interação entre línguas, resultando, assim, “[...] no compartilhamento de universos simbólicos entre pessoas de culturas distintas, sendo uma dimensão de interação e de interculturalidade [...]” (LOPES; LEAL, 2017, p. 206). Portanto, é inerente ao ato de traduzir levar em consideração os elementos culturais.

No entanto, segundo Burke e Hsia (2009), apenas no final dos anos 70 é que ocorreram algumas situações marcantes academicamente que foram particularmente importantes para a História Cultural da tradução: a busca por dar à “tradução” uma posição de maior destaque na academia, que partiu do movimento dos Estudos da

Tradução; os livros sobre a “arte da tradução”, anteriores a essa época, geralmente eram normativos e descritivos, mostrando com ênfase o que os tradutores executavam e não o que deveriam executar; os estudos posteriores a essa época focaram na teoria da recepção, ou seja, no público, observando as influências das alterações entre CP e CC. Em outras palavras, apenas após o final dos anos 70 é que afirmações como a de Lopes e Leal (2017), mencionadas anteriormente, foram possíveis de serem levadas em consideração pelos Estudos da Tradução, de modo que tais mudanças marcaram essa área, gerando um entendimento de que

um texto traduzido deveria ser um local onde uma diferença cultural emerge, onde um leitor vislumbra a cultura do outro, onde há resistência. Uma estratégia de tradução baseada em uma estética de descontinuidade pode preservar essa diferença, essa alteridade, ao lembrar o leitor dos ganhos e das perdas do processo de tradução e das lacunas intransponíveis entre culturas. [...] (VENUTI, 1995, p. 306, tradução nossa⁸).

Ou seja, a partir dessa mudança de pensamento, tornou-se compreensível como a correlação entre “tradução” e “cultura” acontece, e que a ligação entre ambas é intrínseca, assim, surgiram teóricos, como Venuti (1995), os quais defendem que o(a) tradutor(a) deixe evidente em sua tradução as diferenças culturais, para que elas propositalmente chamem a atenção do leitor.

Segundo Tecchio (2013), o ato de traduzir está ligado a usos da língua em que há uma negociação entre culturas, de modo que o(a) tradutor(a) tem a opção de tornar as manifestações culturais nítidas ou não, fazendo da tradução, portanto, um ato não apenas intercultural, mas também “intracultural” (RIBEIRO, 2004). Diante disso, Tecchio (2013, p. 89) defende que, o ato de traduzir não é um processo em que há perdas de informações, uma vez que, apesar de exigir que o tradutor realize renúncias, compreende que “[...] o tradutor em seu trabalho imprime suas experiências linguísticas e extralinguísticas, refletindo a sua cultura e os seus pensamentos. [...]”. Ou seja, conforme já foi abordado nesse capítulo anteriormente, o ato de traduzir deixa em evidência as escolhas tradutórias individuais de cada tradutor inevitavelmente.

Agora, retomando a correlação entre “tradução” e “cultura”, faz-se necessário entender o que é “tradução cultural”. Para tanto, é preciso compreender a sua origem,

⁸ “A translated text should be the site where a different culture emerges, where a reader gets a glimpse of a cultural other, and resistancy, a translation strategy based on an aesthetic of discontinuity, can best preserve that difference, that otherness, by reminding the reader of the gains and losses in the translation process and the unbridgeable gaps between cultures. [...]” (VENUTI, 1995, p. 306).

primeiramente. Segundo Burke (2009), o termo “tradução cultural”, a princípio, foi empregado pelos antropólogos ligados a Edward Evans-Pritchard, que visavam descrever os acontecimentos em decorrência de “encontros culturais”, em que um indivíduo advindo de uma cultura tentava entender a cultura de outro indivíduo advindo de outra cultura.

Apesar do exposto por Burke (2009) quanto às primeiras vezes que o termo “tradução cultural” foi utilizado academicamente, este também afirma que, um tempo após isso, a literatura acolheu o termo, fazendo com que hoje “tradução cultural” seja considerada como “[...] um duplo processo de descontextualização e recontextualização [...]” (BURKE, 2009, p. 16), de modo que o leitor/receptor da tradução pode ser visto com um indivíduo beneficiado por isso ao receber conhecimentos sobre uma cultura estrangeira. Tais ganhos, segundo Burke (2009), podem ocorrer por meio da “domesticação”. Tal termo foi cunhado por Venuti (1995), que em inglês é *domesticating*, e que implica em alterar as informações culturais da CP para informações da CC. Ou seja, em um processo de domesticação, o tradutor busca mudar a cultura do TP para uma cultura conhecida pelo(a) seu(sua) leitor(a)/receptor(a). Porém, se for considerado todo o exposto até aqui, é possível compreender que, ao fazer uso dessa abordagem como “norte” durante uma tradução, o(a) tradutor(a) estaria buscando impedir deixar as diferenças culturais emergirem (VENUTI, 1995). Tal situação, portanto, pode ser vista como um tanto contraditória, pois se a tradução cultural busca fazer com que seu(sua) leitor(a)/receptor(a), por meio da leitura, identifique as diferenças culturais, como seria possível identificá-las se o(a) tradutor(a) buscou executar uma metodologia de tradução que visa retirá-las?

Apesar disso, via de regra, a “domesticação” (VENUTI, 1995) não acontece predominantemente nas traduções culturais, visto que a metodologia que mais se evidencia nelas é a “estrangeirização”. Tal termo também foi cunhado por Venuti (1995), cujo processo preza por deixar os termos ligados à cultura do texto fonte “estrangeiros”. Diante disso, pode-se inferir que as traduções culturais têm o objetivo de deixar as diferenças culturais emergirem, ao fazerem uso predominantemente da “estrangeirização” (VENUTI, 1995). Considerando isso, compreende-se como algo necessário, fazer uso da proposta metodológica de tradução de Schleiermacher (1813), cujo objetivo é esclarecer o conteúdo estrangeiro ao leitor na língua de chegada, por meio do uso predominante da “estrangeirização” (VENUTI, 1995).

Essa “fusão” (tradução + cultura) que gera a “tradução cultural” é tão poderosa que, segundo Baker (1999, p. 22-23), os Estudos Culturais, ao atribuírem à “tradução” “[...] o poder de transportar atitudes ideológicas [...]”, conceberam a tradução como uma forma de desafiar posturas hermenêuticas sociais e culturais, propiciando que sejam revistas atitudes ligadas a esses aspectos. Portanto, se for retomado o que foi tratado anteriormente no presente capítulo, de que todo discurso possui uma marcação de ideologia e que, conseqüentemente, toda tradução possui uma ideologia, é notório afirmar que, a partir da concepção do que é “tradução cultural”, as atitudes ideológicas dos tradutores que levam em consideração os aspectos abordados por Baker (1999) reviram a maneira como executam suas traduções, compreendendo, assim, que o objetivo principal de uma tradução cultural é gerar um movimento entre pessoas (socialização) e não entre textos (de partida e de chegada) (PYM, 2014).

Sendo assim, da parte do(a) tradutor(a), traduções culturais que trazem informações culturais ou linguísticas novas, segundo Pym (2014, p. 44-45, tradução nossa⁹), não podem conter expectativas de que o(a) leitor(a) as receba como algo “natural”,

Uma vez que coisas novas vão requerer eventualmente termos e expressões novos(as), as traduções terão marcações não condizentes com seus textos de partida. Esse argumento geralmente se torna uma questão para a terminologia: o tradutor deve usar termos do texto de partida, ou termos novos devem ser inventados por meio de pesquisas para que sejam considerados ‘naturais’ na língua de chegada? A ideologia da equivalência natural certamente prefere a última opção, mas a velocidade das mudanças tecnológicas e as desigualdades entre línguas estão fazendo com que os tradutores realizem empréstimos de termos, particularmente advindos do inglês. Há poucas evidências de que há línguas sofrendo diretamente por conta disso, visto que as línguas tendem a morrer quando não recebem tradução.

Diante disso, é possível pensar que a interação entre as múltiplas culturas do mundo (interculturalidade) está ocorrendo de tal maneira que a busca pela “naturalidade” de

⁹ “*Since new things will eventually require new terms and expressions, the translations are going to be marked in ways that their start texts are not. This argument usually becomes a question for terminology: should the translation use loans from the start text, or should new terms be invented from resources considered “natural” in the target language? The ideology of natural equivalence would certainly prefer the latter, but the speed of technological change and imbalances between languages are pushing translators to make use of loans and the like, particularly from English. There is little evidence that languages are suffering directly because of it. Languages tend to die when they receive no translations at all.*” (PYM, 2014, p. 44-45).

uma tradução no TC não é mais um fator indispensável para a tradução. No entanto, é preciso afirmar que, apesar do emprego do termo, a “naturalidade”, segundo Pym (2014), é uma ilusão, assim como a busca pela equivalência/simetria entre TP e TC. Isso se dá por conta do fato de o multiculturalismo estar auxiliando na conclusão do processo de implementação da interculturalidade cada vez mais e mais, de modo que a “mistura” cultural, e, conseqüentemente, entre línguas é algo cada vez mais comum na realidade atual, conforme o demonstrado por Pym (2014).

Portanto, pensando na tradução cultural em relação à literatura, mais precisamente à literatura indígena, uma vez que o *corpus* dessa dissertação está ligado a isso, conclui-se que a metodologia mais recomendável para traduzir textos da literatura indígena é a tradução cultural. No entanto, antes de discutir sobre o *corpus*, vê-se a necessidade de, primeiramente, debater sobre o termo “indígena”, em si, que até então foi utilizado na presente dissertação como um adjetivo ou substantivo visando fazer menção a aspectos ligados a indivíduos que deliberadamente são chamados de índios, selvagens, nativos, indígenas, ameríndios, povos originários etc. Com isso, é preciso questionar o termo “indígena” é o que melhor se aplica para designar esses indivíduos?

2.2. O que é ser “indígena”

O termo “indígena” se refere a “[...] aqueles que pertencem a um lugar [...]” (JUSTICE, 2018, p. 6, tradução nossa¹⁰), de modo que isso é geralmente associado a aqueles “[...] cujas conexões a esse hemisfério são anteriores à chegada intencional dos colonizadores [...]” (JUSTICE, 2018, p. 6, tradução nossa¹¹). Além disso, em inglês, tal termo é escrito comumente com a primeira letra maiúscula, visando indicar “[...] um status político distinto de humanidade, em vez de descrever uma mercadoria explorável como uma ‘planta indígena’ ou um ‘mamífero nativo’. [...]” (JUSTICE, 2018, p. 6, tradução nossa¹²). Em outras palavras, em inglês, o termo “*Indigenous*” implica

¹⁰ “[...] *those who belong to a place* [...]” (JUSTICE, 2018, p. 6).

¹¹ “[...] *whose connections to this hemisphere predate the arrival of intentional colonizing settlers* [...]” (JUSTICE, 2018, p. 6).

¹² “[...] *a distinctive political status of peoplehood, rather than describing an exploitable commodity, like an ‘indigenous plant’ or a ‘native mammal’* [...]” (JUSTICE, 2018, p. 6).

em fazer referência a povos que estavam em um continente antes de colonizadores advindos de outro continente chegarem em suas terras.

Uma distinção que direciona mais tal terminologia é a palavra “ameríndio”, que tem o mesmo significado, com exceção do fato de direcionar a referência apenas a indígenas do continente americano¹³. No entanto, é preciso mencionar também que tanto tais termos como a palavra “índio” advêm da denominação de “Índias” para a região do Oriente Médio, entre os séculos XIV e XVIII, onde havia um mercado dominante no comércio de especiarias, que nada mais eram do que itens que advinham daquela região (ROBINS, 2012). E assim, portanto, seguindo a mesma lógica, os indivíduos, seus hábitos, os alimentos que plantavam, os animais que habitavam no mesmo ambiente que eles, eram todos adjetivados e denominados também de índios, assim como aqueles do Oriente Médio.

Diante disso, não parece muito coerente com a presente proposta utilizar termos advindos dos colonizadores para se referir ao povo que estava no continente, denominado pelos colonizadores como “norte-americano”. Sendo assim, optou-se por, a partir desse momento, utilizar o termo “povos originários norte-americanos” para se referir aos grupos que geraram as histórias presentes no *corpus*, uma vez que estes estão espalhados tanto nos Estados Unidos da América quanto no Canadá. Desse modo, é possível fazer referência a tais povos sem utilizar os resquícios do termo genericamente usado para se referir a povos da América, da África, da Oceania, da Ásia e do Polo Norte. No entanto, é preciso mencionar que se viu a necessidade de manter o termo “norte-americanos” para restringir geograficamente de onde vêm esses povos, mesmo sabendo que tal termo é colonial, uma vez que se compreende que vivemos em um contexto de colonialidade do poder/ser – termo que será explicado mais adiante. Ademais, faz-se importante mencionar que o termo “Literatura Indígena” manterá a palavra “indígena” – assim como no caso de citações diretas –, uma vez que os teóricos aqui mencionados escolheram utilizá-la dessa maneira para fazer referência à literatura produzida pelos povos originários norte-americanos – ou a eles mesmos –, ou até mesmo por americanos no geral, conforme será retratado a seguir.

¹³ Denominação que surgiu após a colonização do local, em homenagem a Amerigo Vespucci, (de modo que “América” pode significar “a terra de Amerigo”) um viajante que ajudou a compreender o posicionamento de tais terras que anteriormente eram chamadas de “Novo Mundo” (PAPAVERO, 2018).

2.3. Por que *Braiding Sweetgrass*

Quando os povos originários norte-americanos passaram a ter contato com os brancos, apesar de terem se mostrado receptivos com eles, essa gentileza não foi recíproca. A consequência disso acarretou na devolutiva dos brancos estereotipando-os na literatura e na mídia, retratando-os como seres violentos e com sede de sangue, ou como tolos e calmos que sentam na mesa (DELORIA JR., 2003). No entanto, o ativismo desses indivíduos se intensificou juntamente com os Direitos Civis estadunidenses nos anos 60, como um movimento contra a estereotipação destes também, segundo Deloria Jr. (2003). Apesar disso,

Branco vinham sinceramente, mas desinformados, perguntar aos indígenas, durante o auge do movimento ativista, se ainda vivíamos em tendas, se tínhamos permissão para sairmos da reserva, e outras questões relevantes, indicando que, para um número substancial de estadunidenses, ainda estávamos filmando *Aliança de Aço* nos dias de folga. [...] (DELORIA JR., 2003, p. 25).

Indicando que esses estadunidenses achavam que tais indivíduos ainda estavam atirando em trens e diligências nos dias de folga, como os “selvagens” retratados desde os primeiros filmes de faroeste da década de 30, deixando, portanto, explícita a ignorância do restante dos estadunidenses em relação a quem é o indivíduo originário norte-americano e quais são os seus valores e suas intenções de fato. Basicamente, esse comportamento demonstra que o indivíduo originário norte-americano que esses estadunidenses “conhecem” é o estereotipado pelo branco preconceituoso – aquele que criou um pré-conceito sobre tal indivíduo, de modo que isso bastou para que o branco julgasse conhecer tudo o que precisava e para que ele visse a necessidade de disseminar esse pré-conceito aos seus iguais, “conscientizando-os” sobre esse tolo selvagem.

Deloria Jr. (2003, p. 26) afirma que "era desconcertante perceber que muitas pessoas achavam que os livros antigos sobre os indígenas eram o suficiente para informar o público estadunidense moderno sobre a natureza da vida indígena [...]", uma vez que havia romances que não deveriam ter sido publicados, pois geravam atrito entre brancos e povos originários norte-americanos.

Diante disso, temos o livro *Braiding Sweetgrass: indigenous wisdom, scientific knowledge and the teachings of plants*, de Robin Wall Kimmerer (2013a), uma obra que, dentre os aspectos culturais de povos originários norte-americanos distintos tratados, contém o aspecto da relação parental que os povos originários norte-americanos acreditam ter com todas as criaturas do mundo. Isso faz-se compreensível na afirmação de Robin Wall Kimmerer em uma entrevista com Schuessler (2015), comunicando que apresentar histórias, em *Braiding Sweetgrass*, sobre a sabedoria das plantas – advinda do conhecimento de povos originários norte-americanos, de pesquisas científicas e da sua própria experiência como professora universitária de Biologia Ambiental e como estudiosa da cultura do povo Potawatomi, a cultura de seus antepassados – é a sua herança. A tradução do título dessas histórias foi realizada pela autora da presente dissertação, de modo que se optou por manter o nome da planta *Sweetgrass* estrangeiro justamente por não ser uma planta típica de países que falam português – apesar de Portugal estar localizado no hemisfério norte. Ou seja, a *Sweetgrass* não possui uma tradução usual aos falantes da língua portuguesa.

Diante do exposto, vê-se a necessidade de expor como as histórias traduzidas estão dispostas no livro:

- *Planting Sweetgrass* (do inglês, Plantando a *Sweetgrass*), da qual a presente dissertação traz a tradução comentada, nos moldes já explicados brevemente no subtópico anterior, da história *Skywoman Falling* (do inglês, A queda de Mulher Celeste) (Apêndice A);
- *Tending Sweetgrass* (do inglês, Cuidando da *Sweetgrass*), em que a história traduzida foi *The Consolation of Water Lilies* (do inglês, O consolo dos Lírios D'Água) (Apêndice B);
- *Picking Sweetgrass* (do inglês, Colhendo a *Sweetgrass*), cuja tradução foi da história *The Three Sisters* (do inglês, As Três Irmãs) (Apêndice C);
- *Braiding Sweetgrass* (do inglês, Trançando a *Sweetgrass*), em que foi traduzida a história Umbilicaria: *The Belly Buttom of the World* (do inglês, *Umbilicaria: o umbigo do mundo*) (Apêndice D);
- *Burning Sweetgrass* (do inglês, Queimando a *Sweetgrass*), cuja história traduzida foi *People of Corn, People of Light* (Povo de Milho, Povo de Luz) (Apêndice E);

- *Epilogue: Returning the favor* (do inglês, Epílogo: retornando o favor), cuja tradução se faz presente na íntegra no Apêndice. Além disso, há a necessidade de comentar que o livro também é composto de um Prefácio, de modo que este faz um convite para o(a) leitor(a) aprender a importância de trançar a *Sweetgrass* lendo o livro, afirmando que este é “uma trança de histórias para curar o nosso relacionamento com o mundo.” (KIMMERER, 2013a, p. 9).

Também se faz importante comentar que *Braiding Sweetgrass* possui – de acordo com uma pesquisa *online* feita no site de busca dos Periódicos da CAPES no dia 31 de janeiro de 2022, utilizando o nome da obra como palavras-chave – apenas um artigo sobre esta. *Keeping life going: Plants and people today, yesterday and tomorrow*, de Laura Rival (2021), o qual cita brevemente do que se trata *Braiding Sweetgrass*, colocando a obra como de cunho poético profundo que ensina a humanidade a não separar o conhecimento científico da espiritualidade. Ademais, há um paralelo com os primeiros eventos da colonização do continente americano e com o aquecimento global, afirmando que o ensinamento das plantas é capaz de apreender a hostilidade colonial por meio da implementação de uma cultura recíproca.

Braiding Sweetgrass, ademais, foi uma escrita que levou sete anos para ser concluída, o que Kimmerer afirmou ter sido um ato de reverência com a reciprocidade em relação ao mundo: “É o que posso retribuir por tudo o que tem sido dado a mim” (SCHUESSLER, 2015, *online*, tradução nossa¹⁴), expôs Kimmerer sobre a experiência. Ainda sobre a autora, é preciso comentar as contribuições acadêmicas que ela fez, uma vez que, conforme já fora exposto, ela é uma professora universitária que aparentemente está inserida ativamente na academia. Diante disso, foi feita uma pesquisa *online* no site de busca dos Periódicos da CAPES no dia 31 de janeiro de 2022, utilizando o nome da autora como palavras-chave:

- O artigo *Bryophyte Species Richness on Insular Boulder Habitats: The Effect of Area, Isolation, and Microsite Diversity*, de Robin Wall Kimmerer e Melanie J. L. Driscoll (2000), visa testar líquens saxícolas para verificar se estes comprovam a teoria da ilha biogeográfica de Mac Arthur e Wilson (1967);

¹⁴ “[...] *It is what I can give back for everything that has been given to me. [...]*” (SCHUESSLER, 2015, *online*).

- O artigo *The Effect of Polytrichum piliferum on Seed Germination and Establishment on Iron Mine Tailings in New York*, de Aimee Delach e Robin Wall Kimmerer (2002), tem como objetivo determinar se a cobertura da briófito *Polytrichum piliferum Hedw* facilitou ou inibiu a germinação das sementes e a sobrevivência desta na área do Parque Adirondack, em que há rejeitos de minas de ferro;
- No artigo *Weaving Traditional Ecological Knowledge into Biological Education: A Call to Action*, de Robin Wall Kimmerer (2002), afirma-se que o Conhecimento Ecológico Tradicional (em inglês, TEK – *Traditional Ecological Knowledge*) é algo ignorado pela ciência contemporânea, mas que vem sendo reconhecido como importante na academia nos últimos anos. Diante disso, discorre-se sobre a TEK ter um papel legítimo na educação das próximas gerações de acadêmicos ligados às ciências biológicas;
- No artigo *Reestablishing Roots of a Mohawk Community and a Culturally Significant Plant: Sweetgrass*, de Daniela Shebitz e Robin Wall Kimmerer (2005), a Sweetgrass foi plantada em cinco grupos em um mesmo terreno, porém, cada um sofreu um tratamento distinto. Tal estudo demonstrou que quando esta planta é respeitada enquanto ente, como ser vivo digno de respeito, ela se desenvolve melhor;
- O artigo *Patterns of Dispersal and Establishment of Bryophytes Colonizing Natural and Experimental Treefall Mounds in Northern Hardwood Forests*, de Robin Wall Kimmerer (2005), aborda como meio geográfico de análise, novamente, florestas de árvores Adirondack, determinando a estrutura da comunidade de briófitos de montículos destas; avalia a influência da estrutura da comunidade de montículos de árvores em relação à limitação de dispersão e sucesso do estabelecimento do *corpus*; e analisa o papel do microsítio em relação ao estabelecimento bem sucedido dos esporos semeados. Tal experimento teve como maior sucesso de estabelecimento com os fragmentos semeados em substratos de húmus em clareiras, sendo significativamente maior do que os demais semeados, afinal, a colonização foi muito baixa na ausência de propágulos semeados.

Assim, concluiu-se, a partir dos dados coletados, que a composição da comunidade de montículos de queda de árvores é fortemente influenciada pela limitação de dispersão;

- No artigo *Learning the Grammar of Animacy* de Robin Wall Kimmerer (2012, p. 5), são retratadas experiências e reflexões da autora quanto à importância de se ouvir as raízes e os lugares selvagens, no sentido de que reflete-se sobre o fato de línguas dos povos originários norte-americanos conterem palavras para descrever situações em que é preciso parar para escutar a natureza, como é o caso da palavra *Puhpowee*, que expressa "a força que faz com que os cogumelos vão acima da terra à noite", segundo a etnobotânica Keewaydinoquay, do grupo étnico Anishnaabe. Kimmerer expõe que as palavras são o coração de uma cultura, e que a língua inglesa tem como base substantivos, algo que se afirma ser apropriado para uma cultura obcecada por coisas, de modo que, nesta língua, ou se é humano ou uma coisa, fechando-se para a animacidade – as características do animismo na linguagem, o qual será expressa a sua definição mais adiante;
- O artigo *Teaching Biology in the Field: Importance, Challenges, and Solutions*, de Thomas L. Fleischner, Robert E. Espinoza, Gretchen A. Gerrish, Harry W. Greene, Robin Wall Kimmerer, Eileen A. Lacey, Steven Pace, Julia K. Parrish, Hilary M. Swain, Stephen C. Trombulak, Saul Weisberg, David W. Winkler e Lisa Zander (2017), sugere expandir o âmbito dos estudos de exploração de campo, visando incluir os ecossistemas influenciados pela ação humana assim como habitats naturais mais convencionais, o que a autoria considera como algo necessário para instigar os alunos e fazê-los exercitarem a paixão e a sabedoria que vêm dos estudos de campo;
- No artigo denominado *Mishkos Kenomagwen, the Lessons of Grass: Restoring Reciprocity with the Good Green Earth*, de Robin Wall Kimmerer (2018), propõe-se que a metodologia científica, de princípios eurocêntricos, reconheça o conhecimento dos povos originários norte-

americanos como igual e possibilitador de trazer propostas para tornar o mundo verdadeiramente sustentável;

- O artigo *From the Pond to the Streets: This Earth Day, it's time to pick up a shovel and get to work*, de Robin Wall Kimmerer (2020), apresenta-se uma reflexão sobre o dia da Terra, introduzida por um relato de uma experiência vivida pela própria autora no Ensino Médio, em que ela conseguiu convencer a escola de que poderia organizar uma celebração para o dia da Terra, visando criar um refúgio para salamandras. Assim, comenta-se que palavras e pás são as ferramentas utilizadas até hoje pela autora enquanto escritora e ecologista de restauração, assim como ela as utilizou quando organizou a celebração no colégio. Diante disso, reflete-se sobre como o dia da Terra, atualmente, parece mais um dia de expor a complacência verde que a população mundial vive, achando que fazer apenas algumas pequenas ações como a reciclagem serão o suficiente para resolver todos os problemas ambientais que se fazem cada vez mais presente na realidade do planeta. Com isso, a autora convida seus leitores a gerarem uma união efetiva em busca de fazer com que a diferença se concretize, não apenas cada um fazer a sua parte e esperar que os outros façam a deles.

Ainda quanto ao exposto por Kimmerer na entrevista com Schuessler (2015, *online*, tradução nossa¹⁵), esta afirmou que a escrita dela é um dom e que “[...] o poder da voz de sua narrativa colhe tranças rijas e suaves de contos que vêm como a *Sweetgrass*” e que Kimmerer é proporcionalmente cientista e contadora de histórias. Ademais, há a necessidade de comentar que esse aspecto crucial de *Braiding Sweetgrass*, de expor a sabedoria das plantas por meio de histórias e pesquisa científica, fazendo uma mesclagem entre literatura e a linguagem científica/acadêmica, é algo que pode ser caracterizado como “animismo”, pois, segundo Hogan (2014), isto é uma maneira como a academia define o ponto de vista e a inteligência de povos não-ocidentais de teorizarem sobre a criação e o princípio do mundo/universo. Apesar disso, há aqueles que preferem utilizar um termo mais simples para definir essa questão: tradição.

¹⁵ “[...] *Her gift for writing is considerable, and the power of her narrative voice pulls taut and smooth the braid of tales that comes together in Sweetgrass.*” (SCHUESSLER, 2015, *online*).

Considerando o exposto, é possível compreender que a escrita literária-científica de *Braiding Sweetgrass* implica na exposição da cultura dos povos originários norte-americanos por meio da escrita de histórias sobre a sabedoria das plantas, de modo que

Kimmerer tomou a decisão estratégica de combinar ambos, a contação de histórias ficcional e o estilo tradicional retórico de explanação de produção textual acadêmica, para assegurar que sua audiência de acadêmicos aceitasse sua nova aproximação teórica. (CAMPBELL, 2019, p. 66).

Em outras palavras, Robin Wall Kimmerer apresenta uma obra de histórias trançadas, visando curar o relacionamento da humanidade com o mundo, ao entrelaçar três vertentes: os diversos conhecimentos dos povos originários norte-americanos, o conhecimento científico e a história de uma cientista do povo Anishinabekwe. Assim, o *corpus* busca trazer tudo isso por meio da literatura (LONGWOOD, GARDENS, 2015), a serviço do que é mais importante: a necessidade dos seres humanos se reintegrarem ao relacionamento com a natureza, e ao entendimento das implicações dos presentes dados pela Terra e a nossa responsabilidade de retribuirmos esse favor. Para entender exatamente qual é a amplitude de expor tudo isso em literatura, faz-se necessário entender o que é a literatura indígena.

2.3.1. *Braiding Sweetgrass* e a Literatura Indígena

A língua primordial dos povos originários norte-americanos não é a do colonizador e sim a de seu povo, portanto, quando um membro desses povos faz uso da língua do inimigo, ele faz dela “[...] uma arma poderosa na luta pela autodeterminação e soberania.” (COLUMBE, 2011, p. 19, tradução nossa¹⁶). Em outras palavras, os povos originários norte-americanos colonizaram a língua do colonizador assim como o colonizador colonizou o seu povo (COLUMBE, 2011). Sendo assim, quando se observa uma obra de literatura indígena, como *Braiding Sweetgrass*, fazer uso da língua do inimigo (colonizador) para produzi-la, mas ao mesmo tempo apresentar conhecimentos dos povos originários norte-americanos nela, é possível compreender que há a manifestação de hibridismo. E esse hibridismo se faz presente no *corpus* não apenas nessa questão, mas também no âmbito da

¹⁶ “[...] a powerful weapon in the fight for self-determination and sovereignty.” (COLUMBE, 2011, p. 19).

proposta da obra em si, que expõe histórias da literatura oral indígena de povos originários norte-americanos diferentes, contendo conhecimentos sobre plantas, tanto no âmbito na agricultura prezando pelos cuidados ambientais, quanto no âmbito da cosmogonia – “Conjunto de teorias, princípios ou doutrinas, com base científica, religiosa ou meramente mítica¹⁷, que procura explicar e descrever a origem e a formação do Universo [...]” (DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUESA MICHAELIS, online b) – dos povos originários norte-americanos, deliberando explicações sobre a origem das plantas e/ou sobre o porquê de possuírem alguma característica singular.

Portanto, ao retomar a definição de que o “colonialismo” é o ato de criar um outro insuficiente, inacabado, primitivo, dependente de países imperialistas, e o ato de convencer o restante do mundo de que isso é verdade, colocando esse indivíduo colonizado à margem da sociedade (marginalizado), é possível compreender que a disseminação dessas concepções, segundo Ferreira (2019, p. 60-61), cria uma ideologia em que os objetificados (colonizados) se convencem de que tais afirmações são verdadeiras. Sendo assim, o “colonialismo” pode ser entendido como “[...] uma opressão sobre muitos (ou todos) campos da sociedade: econômico, cultural, religioso e assim por diante. [...]”.

Desse modo, a partir do momento que formalmente as colônias se tornaram independentes, pode-se entender que começou o período pós-colonial, em que as nações oprimidas que sobreviveram buscaram a descolonização, a qual não “[...] é só uma tentativa de estar livre do colonizador opressor, mas também de toda forma de poder e controle provindo da metrópole.” (FERREIRA, 2019, p. 61). Esse processo de descolonização implica em um momento em que os povos sobreviventes estão reavaliando suas culturas, línguas e religiões, buscando rever suas identidades. Algo que Ferreira (2019) chamou de “resistência”. No entanto, Feldman e Silvestre (2019) vão além e chamam tal fenômeno – que se estende às artes, incluindo a literatura – de “sobrevivência”. Tal termo é um neologismo que mescla as palavras da língua inglesa: “*survival*” (sobrevivência), “*endurance*” (continuidade) e “*resistance*” (resistência), de modo que sua formação advém de “*survivance*”, cunhado por Vizenor

¹⁷ Vale apontar que, apesar da definição do Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis (online c) exposta, o uso do termo “mítica” é problemático, pois vem de um pressuposto eucêntrico cristão preconceituoso de que toda crença não-cristã, ou de origem não-bíblica, é um mito, diminuindo, portanto, todas as outras crenças e segregando-as hierarquicamente.

para descrever a vida do indivíduo advindo dos povos originários norte-americanos, que não apenas sobrevive aos ataques opressores neocolonialistas, mas que continua e apropria-se dos conhecimentos e estilos do homem branco para sobreviver e prosperar. Em outras palavras, a “sobrevivência” se faz presente em *Braiding Sweetgrass* devido ao fato de que nesta obra há uma aproximação do conhecimento ocidental branco, uma vez que há o uso de termos científicos – como os nomes específicos das partes das plantas, expressos nas histórias *As Três Irmãs* (Apêndice C) e *O Consolo dos Lírios D’Água* (Apêndice B), por exemplo – e da língua colonizadora para explicar a sabedoria dos povos originários norte-americanos das plantas.

Ou seja, todo esse processo de descolonização do momento pós-colonialista atual gera essa busca pela “sobrevivência” (FELDMAN; SILVESTRE, 2019), por parte dos descendentes dos povos colonizados primordialmente. Tal processo também pode ser considerado como ligado ao processo de transição/superação/descontinuação das energias emancipatórias da modernidade (SANTOS, 1996), principalmente se for levada em consideração a afirmação de Aníbal Quijano (2009, p. 83, grifo do autor) quanto ao fato de que a modernidade ainda vive colonizada devido ao eurocentrismo, que fez o mundo todo admitir sua absoluta primazia, governando, assim, o comportamento de tudo e de todos, e fazendo com que “[...] as possíveis variantes do movimento de cada parte [...] [sejam] secundárias, sem efeito sobre o todo e reconhecidas como *particularidades* de uma regra ou lógica geral do todo a quem pertence.”. Essa situação de colonização da sociedade contemporânea foi denominada de “colonialidade do poder” (QUIJANO, 2009), enquanto que Nelson Maldonado a denominou de “colonialidade do ser” (CURIEL, 2020, p. 127),

[...] em que a humanidade de certas populações (sobretudo indígenas e afrodescendentes) é negada por ser considerada um obstáculo para a cristianização e para a modernização. Essa negociação do ser (Dasein) foi justificada para escravizar essas populações, tomar suas terras, promover guerras contra elas ou simplesmente assassiná-las. (CURIEL, 2020, p. 127-128);

de modo que a realidade atual se mostra semelhante à do período colonial. Portanto, a realidade contemporânea deve ser vista como situada na colonialidade do poder/ser,

o que, de acordo com Restrepo e Rojas (2010, p. 104, tradução nossa¹⁸), implica que a modernidade

[...] é o universo específico de relações intersubjetivas sobre a dominação da hegemonia eurocentrada. É o modo de conhecimento eurocêntrico denominado racional, que dava conta das necessidades cognitivas do capitalismo, o que aparece como emblema da modernidade. Contudo, o eurocentrismo é antes de tudo uma perspectiva cognitiva, a qual não é exclusiva dos europeus [...]. Desta maneira, não apenas os europeus e seus descendentes diretos nos territórios coloniais reproduzirão a perspectiva eurocêntrica do conhecimento.

Em outras palavras, é possível entender que, ao atrelar a concretização da descolonização do poder/ser à ideia de que a modernidade estará concluída quando as transições inseridas nela, como a descolonização, forem concretizadas, torna-se possível compreender que a modernidade terá cumprido o seu papel enquanto movimento artístico-literário-filosófico-sociológico a partir da realização disso, por exemplo.

Mas o que isso tudo tem a ver com a literatura indígena? Para responder tal questionamento, é preciso, primeiramente, observar a definição de Graúna (2013, p. 15):

A literatura indígena contemporânea é um lugar utópico (de sobrevivência), uma variante do épico tecido pela oralidade[, que] [...] vem se preservando na auto-história de seus autores e autoras e na recepção de um público-leitor diferenciado, isto é, uma minoria que semeia outras leituras possíveis no universo de poemas e prosas autóctones.

[...] Mas, apesar da intromissão dos valores dominantes, o jeito de ser e de viver dos povos indígenas vence o tempo: a tradição literária (oral, escrita, individual, coletiva, híbrida, plural) é uma prova dessa resistência.

Ou seja, a “literatura indígena” é uma literatura que visa expressar o processo de descolonização e de sobrevivência em uma atualidade que, apesar de formalmente

¹⁸ “[...] es el específico universo de relaciones intersubjetivas bajo la dominación de la hegemonía eurocentrada. Es el modo de conocimiento eurocéntrico denominado racional, que daba cuenta de las necesidades cognitivas del capitalismo, el que aparece como emblema de la modernidad. Ahora bien, el eurocentrismo es ante todo una perspectiva cognitiva, la cual no es exclusiva de los europeos [...]. De esta manera, no sólo los europeos y sus descendientes directos en los territorios coloniales reproducirían la perspectiva eurocéntrica del conocimiento.” (RESTREPO; ROJAS, 2010, p. 104).

se mostrar pós-colonial, ainda tem presente a colonialidade do poder/ser como ideologia central da sociedade.

Mas, “por que enfatizar a literatura indígena? [Porque esta luta vê a necessidade de] [...] mais um caminho para combater o preconceito literário e o descaso com que a literatura indígena é tratada [...]” (GRAÚNA, 2013, p. 22), assim como o próprio indivíduo advindo dos povos originários norte-americanos. Esse preconceito literário pode ser lido como apenas mais um aspecto ligado à colonialidade do poder/ser, que gera polêmicas em relação à “doutrina literária”, de modo que, no cânone literário, a literatura indígena se vê colocada à margem (GRAÚNA, 2013).

Apesar da falta do seu reconhecimento na sociedade letrada, as vozes indígenas não se calam. O seu lugar está reservado na história de um outro mundo possível. Visando à construção desse mundo, os textos literários de autoria indígena tratam de uma série de problemas e perspectivas que tocam na questão identitária e que devem ser esclarecidos e confrontados com os textos não indígenas, pois trata-se de uma questão muito delicada e muito debatida hoje entre os escritores indígenas. (GRAÚNA, 2013, p. 55)

Ademais, a literatura indígena vai além de ser uma literatura mediadora da voz dos povos originários norte-americanos. Ela também se coloca como um mecanismo de transmissão de cultura, de tal modo que sua literatura abrange a literatura oral, ou oratura, que, segundo apresenta Graúna (2013), se trata da manifestação de um conjunto de sabedorias, ações e crenças retidos na oralidade mnemonicamente por um grupo de pessoas, sendo a “fusão” entre os termos “ora(lidade)” + “litera(tura)”. Portanto, apesar do preconceito literário e da marginalização que a literatura indígena sofre pelo conflito em relação à “doutrina literária”, é possível perceber que seus aspectos que não se enquadram na doutrina (como o atrelamento entre literatura e oralidade, e o aspecto de denúncia contra a colonialidade do poder/ser) estão nela propositalmente. Afinal, o indivíduo advindo dos povos originários norte-americanos faz uso da língua do colonizador para conceber sua literatura como uma arma contra a colonialidade do poder/ser, colonizando a literatura que, até o período primordial do colonialismo, foi tida como apenas do colonizador europeu digno de colocar em prática a doutrina literária no fazer literário. Sendo assim, agora a literatura indígena é uma demarcadora da sobrevivência dos povos originários norte-americanos na modernidade. Ademais, o aspecto cultural da literatura oral indígena faz com que esta

seja vista como um remédio pelos povos originários norte-americanos. Acredita-se que ela drena venenos e cura o espírito e a alma, ajudando, assim a lembrar que todos os indivíduos devem ser gratos pela jornada que viveram e que estão por viver. “[...] Por isso não somos guiados pela narrativa colonial da usurpação e da vitimização. Somos mais que isso – apesar de algumas vezes precisarmos ser lembrados, para que os povos indígenas internalizem as histórias ruins também.” (JUSTICE, 2018, p. 5, tradução nossa¹⁹).

Diante disso, torna-se a questionar, de uma maneira mais específica: por que fazer uma tradução cultural de *Braiding Sweetgrass*, uma vez que nem todos os aspectos culturais de um povo originário norte-americano estarão disponíveis para que outras pessoas tenham acesso a eles por meio de um livro, como é o caso do *corpus* da presente dissertação?

Há vários fatores que são necessários de se levar em consideração para responder a essa pergunta. O primeiro é porque, como já comentado anteriormente, a sociedade multicultural contemporânea está em um processo que busca a concretização da interculturalidade, portanto, para que isso se concretize, é necessário que haja cada vez mais interação entre as culturas, e, para que isso aconteça, precisa-se que todas as culturas obtenham conhecimentos sobre outras culturas. No entanto, para que isso seja possível, há a necessidade de que esses conhecimentos sejam acessíveis, e isso implica que eles também sejam compreensíveis, ou seja, que estejam em uma língua em que quem for buscar saber sobre esses conhecimentos entenda o que está exposto. Portanto, é por isso que traduzir obras de literatura indígena, como *Braiding Sweetgrass*, faz-se importante, pois, a partir disso, possibilita-se que o conhecimento exposto nessa obra esteja disponível para falantes de outras línguas além da inglesa, contribuindo, assim, para a concretização da interculturalidade, e conseqüentemente da modernidade.

Outro fator que precisa ser levado em consideração para responder a essa pergunta é o preconceito literário juntamente com a marginalização que a literatura indígena sofre. Quanto a isso, segundo Campbell (2019, p. 69), quando busca-se inserir na academia práticas da retórica dos povos originários norte-americanos como

¹⁹ “[...] so that we’re not determined by the colonial narrative of deficiency. We’re far more than that – though sometimes we need to be reminded, for Indigenous people internalize the bad stories, too.” (JUSTICE, 2018, p. 5).

“[...] a integração de lições das práticas culturais tribais. [...]”²⁰, ela “torce o nariz”, pois a comunidade que a forma não compreende que “[...] a teoria e as grandes ideias das histórias não são a norma e não estão onde a academia quer vê-las.” (CAMPBELL, 2019, p. 69). O mesmo ocorre com a literatura indígena em relação à doutrina literária (branca) – ou o cânone literário (branco) –, pois a busca por inserir na Teoria da Literatura (acadêmica) a literatura indígena sofre esse mesmo tratamento acadêmico. (CAMPBELL, 2019).

De acordo com Galdino (2011, p. 20), autor do livro *A Astronomia Indígena*, “consideramos os povos primitivos mais primitivos [...]” do que realmente são, justamente por conta da colonialidade do poder/ser já comentado. E isso é o que a pesquisa de Galdino desconstrói, expondo diversos monumentos de povos ancestrais das mais distintas regiões do mundo não-ocidentais, que, a partir da observação da lua, do sol, das estações etc., foram capazes de auxiliar a humanidade a demarcar calendários e a se organizar em relação à colheita, por exemplo.

Outra situação de como a cultura dos povos originários norte-americanos é marginalizada por puro preconceito é *Braiding Sweetgrass*, que, conforme já comentado anteriormente, traz, por meio de histórias, o conhecimento dos povos originários norte-americanos em relação à sabedoria das plantas. Um exemplo presente na obra é a história chamada *As Três Irmãs* (Apêndice C), que expõe como a sabedoria dos povos originários norte-americanos compreende que o milho, o feijão e a abóbora, se plantadas juntas, geram uma cultura agrícola com um aproveitamento superior à monocultura de qualquer uma das três, justamente porque os povos originários norte-americanos puderam observar esse processo colaborativo natural, sem qualquer adicional de agrotóxicos ou fertilizantes.

Diante do exposto, é possível observar que, ao traduzir uma obra de literatura indígena como *Braiding Sweetgrass*, contribui-se com a maior acessibilidade desse tipo de literatura, pois possibilita-se que falantes de outras línguas tenham acesso a isso, e, conseqüentemente, ao conhecimento exposto nela, uma vez que, segundo Adamson (2001), os povos originários norte-americanos atualmente são tidos como pessoas sem voz. Portanto, o ato de traduzir o *corpus* dessa dissertação implicaria em uma mediação das vozes dos povos originários norte-americanos presentes na

²⁰ Tal artifício se faz presente em *Braiding Sweetgrass* quando “Kimmerer para a sua história para explicar o que são essas práticas. [...]” (CAMPBELL, 2019, p. 69).

obra traduzida, trabalhando como um movimento contra a marginalização dos povos originários norte-americanos e contra a colonialidade do poder/ser. Afinal, conforme Linda Hogan (2014) esclarece, o conhecimento científico eurocêntrico, que é tido como canônico, nada mais é do que o conhecimento tradicional dos povos originários norte-americanos disfarçado por meio de termos técnicos específicos cunhados, a princípio, predominantemente por homens brancos europeus. O que se configura como um tipo de marginalização sofrida pelos povos originários norte-americanos, desvalorizando, assim, academicamente o conhecimento desse povo, conforme será comentado mais a diante.

O último aspecto que precisa ser levado em consideração será melhor explicado no próximo item, que é a “ecocrítica”.

2.3.2. A importância da Ecocrítica na Literatura Indígena

Para Adamson (2001), a "ecocrítica" é uma literatura que traz esperança ambiental. Glotflety (1996) complementa essa afirmação ao expor que a "ecocrítica" estuda a relação entre a literatura e o meio ambiente, de modo que a literatura que a utiliza tem “[...] como assunto as interconexões entre natureza e cultura, especificamente os artifícios culturais da linguagem e da literatura [...]” (GLOTFLETY, 1996, p. xix, tradução nossa²¹).

Mas por que abordar o meio ambiente na literatura? Segundo Love (2003), assim como qualquer outra prática cultural, o ato de fazer literatura ocorre na biosfera – o local na Terra onde há vida – e no contexto da literatura ecocrítica. A natureza se faz presente como parte do assunto tratado no contexto da literatura ecocrítica, visando fazer com que a humanidade se atente à realidade atual do meio ambiente. No entanto, paradoxalmente a isso, Love (2003) expõe que, apesar da relevância do que a literatura ecocrítica trata, essa literatura é vista como irrelevante pela sociedade.

Ou seja, a literatura ecocrítica sofre preconceito literário. Portanto, teoricamente, *Braiding Sweetgrass* tende a sofrer preconceito literário duplamente, uma vez que é uma obra de literatura indígena por trazer os conhecimentos culturais de povos originários norte-americanos diferentes, e que também aborda a ecocrítica

²¹ “[...] as its subject the interconnections between nature and culture, specifically the cultural artifacts of language and literature.” (GLOTFLETY, 1996, p. xix).

ao colocar a natureza como assunto diretamente ligado à relação entre a humanidade e o meio ambiente.

Sendo assim, ao abordar a ecocrítica na literatura, seus autores tornam suas obras políticas, pois,

à medida que avançamos para um novo século com crises sociais e ambientais cada vez mais complexas e inter-relacionadas, uma 'literatura de esperança' ambiental pode despertar nosso senso de beleza e alimentar uma preocupação espiritual profunda pela preservação de lugares selvagens únicos e da diversidade biológica. Mas a jornada de um escritor sobre natureza, visando preservar a vida selvagem, pode nos dar informações sobre os processos ecológicos em pequena escala que ocorrem em um lugar em particular. (ADAMSON, 2001, p. 42, tradução nossa²²).

Essa afirmação resume a importância de fazer com que mais pessoas tenham contato com obras de literatura ecocrítica, pois, a partir disso, gera-se mais consciência crítica, por parte dos leitores, em relação a como a humanidade está tratando o meio ambiente; e, ao mesmo tempo, eles têm a possibilidade de ter mais conhecimentos sobre os diferentes processos ecológicos e as diferentes faunas e floras que existem no mundo. Considerando isso e o conteúdo disposto no *corpus*, é possível concluir que a literatura indígena é ecocrítica (DREESE, 2002), de modo que oferece à humanidade a oportunidade de adiar o fim do mundo, demonstrando outras maneiras de tratar a natureza (KRENAK, 2020b). No caso, os povos originários norte-americanos tratam os diferentes seres da natureza como iguais e seus parentes, detentores de conhecimentos e possuidores de “[...] hábitos, forças, fraquezas e personalidades. [...]” (JUSTICE, 2018, p. 38, tradução nossa²³) diferentes. Essa visão faz com que as plantas, portanto, sejam vistas como professoras para humanidade, segundo Kimmerer para Schuessler (2015), as quais, por meio da literatura indígena, têm seus conhecimentos disseminados para pessoas que não fazem parte dessas etnias, propiciando, assim, a possibilidade que a humanidade busque melhorar seu relacionamento com a natureza, adiando o fim do mundo.

²² “As we move into a new century with increasingly complex, interrelated social and environmental crises, an environmental “literature of hope” may reawaken our sense of beauty and fuel a deeply spiritual concern for the preservation of unique wild places and biological diversity. But the journey of one nature writer into a wilderness preserve can tell us only about the small-scale ecological processes occurring in one particular place.” (ADAMSON, 2001, p. 42).

²³ “[...] habits, strengths and personalities. [...]” (JUSTICE, 2018, p. 38).

Apesar do exposto quanto à ecocrítica, faz-se importante mencionar que essa ideia de trazer à tona os conhecimentos dos povos originários norte-americanos como relevantes para a sociedade contemporânea eurocêntrica pode ser lida como um aspecto cultural revivalista. Tal aspecto “[...] pode ser definido como o ressurgimento de valores tradicionais espirituais e/ou culturais no âmbito de uma cultura que se percebe retrocedendo em resposta à crescente neutralização desses valores por uma cultura percebida como dominante ou se tornando tão dominante. [...]” (HOROWITZ, 1999, p. 205, tradução nossa²⁴). No caso, a cultura dominante advém do eurocentrismo e da colonialidade do poder/ser, enquanto que a outra cultura pode ser a dos povos originários norte-americanos, se levarmos em consideração o *corpus*. No caso, conforme já fora mencionado anteriormente, as culturas dos povos originários norte-americanos acreditam que todos os seres que habitam a terra são fruto de divisões que ocorreram a partir de um demiurgo, portanto, entende-se que todos os seres são parentes uns dos outros. O conhecimento cosmogônico dos povos originários norte-americanos que auxilia na ecologia é chamado de “conhecimento ecológico” (STIEGLER, 2019, p. 111), ele “[...] guia a comportamentos sustentáveis e seu resultado advém de culturas humanas e promove a sustentabilidade humana. [...]”. (STIEGLER, 2019, p. 111).

Basicamente, essas noções de ecocultura e conhecimento ecológico não operam “[...] apenas para a 'natureza', mas também para os sistemas de vozes e de conhecimento ecológico de comunidades que há muito tempo têm sido deixadas de lado pelas hegemonias ocidentais de poder e de produção de conhecimento científico [...]” (ALEX, 2016, p. 201). Ou seja, a geração de maior acessibilidade a esse tipo de conhecimento (por meio da tradução, por exemplo) é um caminho que pode proporcionar mudanças e resistência em relação a como os povos originários norte-americanos vêm sendo tratados desde o seu primeiro contato com os brancos.

2.4. A motivação em fazer uma Tradução Cultural Comentada de *Braiding Sweetgrass*

²⁴ “[...] may be defined as the resurgence of traditional spiritual and/or cultural values within a culture perceiving itself as receding in response to the increasing neutralization of those values by a culture perceived as dominant or becoming so. [...]” (HOROWITZ, 1999, p. 205).

Diante de tudo o que foi exposto no presente capítulo, é possível observar que o ato de fazer uma tradução cultural de *Braiding Sweetgrass* implica em possibilitar maior acessibilidade a conhecimentos estrangeiros (DELISLE, 2002), o que conseqüentemente contribui com o processo de concretização da interculturalidade (WALSH, 2002). Ademais, essa tradução auxiliaria no processo de adiamento do fim do mundo (KRENAK, 2020b). No entanto, para que isso ocorra, há a necessidade de que haja uma maior valorização dos conhecimentos que os povos originários norte-americanos têm a oferecer, tanto no âmbito da literatura – lutando, portanto, contra o preconceito literário que tem ocorrido, que os deixou marginalizados (GRAÚNA, 2013) – quanto no âmbito do conhecimento científico –, uma vez que, no caso de *Braiding Sweetgrass*, há uma coletânea de diferentes contos de diferentes povos originários norte-americanos expondo conhecimentos científicos advindos de povos originários norte-americanos.

Segundo Mazzocchi (2018) e Kimmerer (2018), a atenção que o conhecimento dos povos originários norte-americanos tem tido está diretamente ligada à sua relação com a natureza (ecocrítica), de modo que colocar em prática suas técnicas – principalmente às ligadas aos conhecimentos sobre plantas – é algo visto como significativo para diferentes áreas, pois pode possibilitar que a comunidade científica comece a questionar criticamente a universalidade dos métodos científicos “canônicos”. Apesar disso, a “introdução” dos conhecimentos dos povos originários norte-americanos aos conhecimentos científicos ainda se encontra em debate, uma vez que as pessoas que se colocam contra tal feito argumentam que as informações dadas pelos povos originários norte-americanos não são totalmente claras (MAZZOCCHI, 2018). E é justamente por conta desse tipo de justificativa que se viu a necessidade de fazer uma tradução cultural comentada de *Braiding Sweetgrass*, visando, assim, demonstrar que o conhecimento dos povos originários norte-americanos é científico e que pode auxiliar a humanidade a rever pensamentos eurocêntricos que estão destruindo o nosso ecossistema, por exemplo (HOGAN, 2014). Porém, ao mesmo tempo que o conhecimento dos povos originários norte-americanos tem o seu teor científico que pode ser aplicado à prática da humanidade como um todo, no âmbito da ecocrítica, esse conhecimento também tem suas raízes advindas da cultura dos povos originários norte-americanos. Ou seja, a prática desses conhecimentos, por parte dos povos originários norte-americanos, está diretamente

ligada a rituais, como o ato de trançar e queimar a *Sweetgrass*. Há uma simbologia de respeito em relação à planta, de modo que se vê a necessidade de fazer todo um ritual de cuidar e trançar a *Sweetgrass* até o momento de queimá-la como um incenso para inspirar os povos originários norte-americanos a buscarem sempre o respeito pela natureza, a Mãe Terra – tal ritual será explicado mais detalhadamente no Capítulo 3. E é justamente situações ritualísticas como essa que fazem com que a comunidade científica, de base eurocêntrica, crie obstáculos para desconsiderar a validade do conhecimento dos povos originários norte-americanos como de mérito científico também.

2.5. O indivíduo dos povos originários norte-americanos e a expressão de seu conhecimento na produção de literatura, como em *Braiding Sweetgrass*

Até agora foi possível observar o objetivo e a motivação da presente dissertação, o que é uma tradução cultural e a sua importância, e algumas informações e características sobre o *corpus*. Diante disso, é preciso compreender mais a fundo como *Braiding Sweetgrass* se coloca enquanto estética literária na realidade moderna atual e como a metodologia escolhida para abordar o presente trabalho se enquadra no objetivo desta dissertação.

2.5.1. O Cânone Literário, a Literatura Indígena e a busca dos povos originários norte-americanos por visibilidade

O discurso que sustenta a “literariedade” – o teor literário de uma obra – é o que a ideologia, que rege a realidade contemporânea, deixa em evidência, sendo ela “[...] o mecanismo que naturaliza o sentido dominante e o apresenta como única forma de dizer, como representação fiel da realidade [...]” (ROMÃO, 2002, p. 10). Em outras palavras, o que se compreende como literariedade é o sintoma da geração do cânone literário. Considerando isso, faz-se importante comentar a situação notada por Glen Love (1996) de que, na visão da literatura ocidental, um texto literário que coloca a natureza como algo relevante é, em contrapartida, considerado irrelevante, e, portanto, uma obra de literariedade baixa, inferior a um cânone. Isso também vale

para textos literários sobre a relação do ser humano com a natureza. Sendo assim, é possível concluir que a ideologia que predomina na sociedade contemporânea sustenta a ideia de que as obras canônicas da literatura não retratam situações que podem ser analisadas pelo viés da ecocrítica e, conseqüentemente, não podem ser da Literatura Indígena. Isso pois este tipo de literatura tende a retratar o viés cultural, no caso, dos povos originários norte-americanos, mostrando a natureza como uma forma próxima a dos seres humanos, conforme já foi comentado anteriormente. No entanto, é preciso expor que há situações, na literatura ocidental, em que esse tipo de representação também ocorre, sem der na Literatura Indígena. Um exemplo disso é o caso do *Cântico das Criaturas* de São Francisco de Assis²⁵, que também é conhecido como o *Cântico do Irmão Sol* (GHIRARDI, 2019). Nessa obra, o eu-lírico reverencia o "senhor irmão sol", a "nossa irmã e mãe terra" e a "irmã lua e as estrelas" (GHIRARDI, 2019, p. 55, 57), representando-os como parentes da humanidade, algo que também acontece na Literatura Indígena, de acordo com o que já foi demonstrado anteriormente.

Bonnici (2019, p. 267-268) sugere que, para que o cânone literário seja revisto, precisa-se haver um movimento de descolonização (do poder/ser) deste, enquanto um “[...] processo de desmascaramento e demolição do poder colonial em todos os seus aspectos.” e de “[...] recuperação dos idiomas e culturas pré-coloniais [...]” (BONNICI, 2012, p. 30), algo que a literatura indígena já vem fazendo estruturalmente. Isso se mostra visível com obras como o *corpus*, apresentando termos advindos da língua dos povos originários norte-americanos na literatura indígena, como *ilbal*, termo mencionado e explicado em *Povo de Milho, Povo de Luz* (Apêndice E).

Se, a princípio, retomarmos Candido (2012, p. 27), para compreendermos as características básicas de qualquer obra literária, veremos que: “Toda obra literária pressupõe [...] [a] superação do caos, determinada por um arranjo especial das palavras a fazendo uma proposta de sentido”. Ou seja, por definição, é pressuposto que a literatura – e isso inclui a literatura indígena – trabalhe em busca de superar aquilo que “bagunça” a realidade. Com isso, se considerarmos o fato de que a sociedade contemporânea está submissa a uma colonialidade do poder/ser, de modo

²⁵ Cujo período de publicação estima-se ser no ano de 1224, ou seja, na Idade Média. Nessa época, a igreja prezava por difundir a “palavra de deus” por meio das informações dispostas no livro *Bíblia*, pregando que o homem, a princípio Adão, era a imagem e semelhança de deus (LIMA, 2018). Sendo assim, compreendia-se que todo restante do mundo e suas criaturas estavam lá ao dispor de Adão, o qual se colocaria, portanto, como o senhor da natureza.

que a literatura indígena trabalha buscando superar tal situação, é possível refletir que, por excelência, a literatura indígena contém uma das características fundamentais da literatura, segundo Candido (2012, p. 31, 35), e contém, portanto, também, as características que possibilitam a realização da descolonização (do ser/poder) do cânone literário:

A eficácia humana é função estética, e portanto o que na literatura age como força humanizadora é a própria literatura, ou seja, a capacidade de criar formas pertinentes. [...] a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, mutilação espiritual. Tanto num nível quanto no outro ela tem muito a ver com a luta pelos direitos humanos.”.

Sendo assim, obras de literatura indígena, como *Braiding Sweetgrass*, atuam com a sua literariedade visando a descolonização (do ser/poder) do cânone literário e da sociedade contemporânea, que ainda está em processo de superação de estigmas coloniais, como a desconsideração do conhecimento dos povos originários norte-americanos como científico, conforme já foi abordado. Isso acaba impedindo que obras literárias indígenas, por exemplo, tenham visibilidade semelhante aos taxados cânones, com o objetivo de conscientizar a população e possibilitar agregar melhorias ao mundo no âmbito da agronomia, da ecologia e do relacionamento com a natureza, como faz o *corpus* da presente dissertação.

Para que a sociedade contemporânea supere tal contexto, é possível considerar que a presente dissertação pode contribuir com a implementação da proposta de Bonnici (2012, p. 38), segundo o qual o renascimento pós-colonial terá a sua fase histórica quando a cultura dos povos originários norte-americanos prosperar e anular “[...] todos os malefícios que informaram a cultura no período pós-colonial [...]”, uma vez que, pode-se concluir, que tal proposta sugere até um possível nome para o novo movimento histórico/literário/artístico que surgir após o modernismo: renascimento pós-colonial.

No entanto, antes de buscar alcançar o renascimento pós-colonial, a literatura e a cultura dos povos originários norte-americanos precisam lutar pela libertação das amarras sociais geradas pela ideologia da colonialidade do poder/ser, e o ponto de partida para isso, segundo Bonnici (2012), é buscar restaurar (e descolonizar) a cultura pré-colonial. Tal atitude é vista como necessária, uma vez que a população

dos povos originários norte-americanos sofre, desde a colonização, o chamado Darwinismo Social, um

[...] agente de controle social [que] apela desesperadamente a Deus e não à natureza para reter o colonizador num ponto determinado da ordem social, a partir do qual o poder colonial, na especificação de Foucault, será simultaneamente capaz de aumentar as forças subordinadas e melhorar sua força e eficácia na sujeição [...] (BHABHA, 1991, p. 186).

Assim,

Os nativos [...] encontram-se 'individualizados' através do testemunho racista da ciência e da sabedoria colonial administrativa, como possuindo estas aparências divergentes étnicas e mentais cuja integração e independência são consideradas impossíveis. [...] (BHABHA, 1991, p. 185).

Portanto, para reverter tal quadro, buscando, assim, valorizar o conhecimento dos povos originários norte-americanos, no caso, vê-se a necessidade de praticar o socialismo científico (WILLIAMS, 1979). A aplicação de tal metodologia, segundo Raymond Williams (1979), pode ser uma atitude que visa reconhecer sistematicamente a sociedade e as leis tidas como universais e fundamentais, segundo o espectro eurocêntrico colonialista da ciência.

Sendo assim, ao utilizar a metodologia do socialismo científico (WILLIAMS, 1979) para analisar e traduzir culturalmente *Braiding Sweetgrass*, possibilita-se que a literatura, a cultura e os povos originários norte-americanos tenham a oportunidade de serem valorizados e de alcançarem a sobrevivência. Isso pois tais povos contêm indivíduos cujas vozes foram silenciadas e exiladas desde a colonização (GRAÚNA, 2013). Com isso, a presente dissertação pode contribuir para com a reconfiguração da sociedade contemporânea que está imersa cegamente na ideologia eurocêntrica e colonial. Além disso, o presente trabalho pode, portanto, também contribuir para com a realização efetiva do movimento preliminarmente denominado por Bonnici (2012), "renascimento pós-colonial", visando gerar um marco final na escola literária do modernismo para o, então, surgimento dessa nova escola. Isso pode possibilitar que a cultura dos povos originários norte-americanos prospere em detrimento dos malefícios eurocêntricos que ainda se fazem presente com a colonialidade do poder/ser.

2.5.2. A importância da expressão do conhecimento dos povos originários norte-americanos para a academia

Apesar de se compreender até aqui que *Braiding Sweetgrass* é uma obra da Literatura Indígena que expõe, por meio de histórias da tradição oral dos povos originários norte-americanos, aspectos relevantes para que haja uma maior valorização dos aspectos culturais advindos do conhecimento que esses povos possuem em detrimento do pensamento eurocêntrico em que estamos imersos, compreende-se que tal obra não é tida como um cânone literário, justamente por conta da falta de visibilidade que a Literatura Indígena possui. Afinal,

[...] o aspecto mais apelativo da visão tradicional do cânone é a sua determinação em acreditar em uma cultura comum, um *corpus* que define algo que nós todos (independentemente de quem 'nós' somos) podemos acreditar e compartilhar igualmente. [...] (KRUPAT, 1989, p. 33, tradução nossa²⁶).

Algo que já foi refutado em situações como a vivida pela antropóloga estadunidense Laura Bohannan no artigo denominado “*Shakespeare In The Bush*” - *História E Tradução* de Esteves e Aubert (2008). Nessa situação, a antropóloga concluiu que não é possível considerar que as obras canônicas de William Shakespeare, como *Hamlet* – a qual Bohannan leu à tribo africana Tiv –, retratam assuntos universais. Isso pois foi observado, por exemplo, que aspectos responsáveis pela agonia do personagem principal, como o tio ter se casado com a mãe do personagem, que era recém viúva, não eram vistos como plausíveis segundo a cultura da tribo Tiv, uma vez que é comum um irmão se casar com a viúva do outro para prestar auxílio a ela e aos filhos. Portanto, não há aspectos comuns/“universais” entre culturas e sim uma ideologia, que coloca em evidência o que o pensamento eurocêntrico rege como relevante para se “canonizar”, fazendo com que a população tenha, assim, um contato cultural restrito. E é justamente essa restrição que motivou a presente dissertação a propor uma tradução cultural comentada, prezando, portanto, que os leitores do *corpus* tenham a oportunidade de conhecer os aspectos culturais dos povos originários norte-americanos retratada nas histórias de *Braiding Sweetgrass*.

²⁶ “[...] *the most appealing aspect of the traditional view of the canon is its determination to believe in a common culture, a body of work that defines some part of what we all (whoever “we” are) can believe in and share. [...]*” (KRUPAT, 1989, p. 33).

Agora faz-se importante observar as características singulares da cultura dos povos originários norte-americanos que não são (re)conhecidas por grande parte da humanidade e pela academia como relevantes, mas que têm potencial para contribuir para com o que se entende enquanto a construção de uma policultura de conhecimento científico coexistente, que será discutido a seguir.

2.5.2.1. A contribuição dos povos originários norte-americanos para a construção de uma policultura de conhecimento científico coexistente

Segundo Oliveira, Lampoglia, Silva e Romão (2010, p. 65), o indivíduo dos povos originários norte-americanos foi apagado, desde a colonização, no âmbito de sua cultura e sua terra, sendo tratado como um ser inferior e “selvagem” e “[...] excluído nas relações de produção nos moldes do branco. [...]”, uma vez que o lugar ditado como dele é a “reserva”, “[...] onde o branco não pisa, exceto em contextos muito específicos tais como visitas de escolas, atividades de pesquisa, eco-turismo. [...]” (OLIVEIRA, LAMPOGLIA, SILVA, ROMÃO, 2010, p. 66). E é nesses moldes que a mídia dissemina esse discurso que controla o modo como o mundo enxerga o indivíduo dos povos originários norte-americanos, “[...] agenciando um modo de narrar como o único [...]”, mantendo, assim, uma univocidade ilusória.

Dessa forma, o indivíduo dos povos originários norte-americanos, desde a colonização, aos olhos da ciência e da academia, foi tido como um *corpus* de pesquisa observável e analisável de cultura compreensível, que, com a catequese, tem potencial de tornar-se assimilável (OLIVEIRA, LAMPOGLIA, SILVA, ROMÃO, 2010):

[...] Diríamos, pois, que a compreensão amansa o conceito índio, a pacificação amansa o índio como corpo e a conversão amansa o índio como espírito, como alma. Essa domesticação representa o processo pelo qual ele deixa de funcionar, com sua identidade, na constituição da consciência nacional (ORLANDI, 1990, p. 57).

No entanto, um dos aspectos em que a colonialidade do poder/ser falhou desde o início é o de desconsiderar a cultura dos povos originários norte-americanos totalmente. Viram-na apenas como algo primitivo e pagão, mas não como algo que possui um pensamento de natureza essencialmente mística e psíquica, não do ponto de vista do que se compreende enquanto mágica, mas sim como uma percepção, ou fluxo criativo, forte da fluidez e maleabilidade de tudo o que há na terra (DREESE,

2002). Também é característica do pensamento dos povos originários norte-americanos comunicar realidades de maneiras simbólicas (DREESE, 2002). Assim, “[...] Compreender essa maneira de perceber a realidade e como isso contrasta com as noções ocidentais da história e da realidade é importante no âmbito [...] de qualquer obra da literatura ameríndia.” (DREESE, 2002, p. 27, tradução nossa²⁷), pois a literatura transmite cultura, portanto, a Literatura Indígena difere das obras canonizadas pelo pensamento do colonizador eurocêntrico, pois transmite a cultura dos povos originários norte-americanos.

Um aspecto típico da literatura/oratura indígena é a contação de histórias, em que é comum em culturas dos povos originários norte-americanos a disseminação da literatura por meio da oralidade, sendo seus contadores os relatores das “[...] verdades que precisamos ouvir [...]” (SCHUESSLER, 2015, *online*). Kimmerer (2013a) transcreve em *Braiding Sweetgrass* algumas dessas histórias, provocando o senso de responsabilidade do leitor quanto à sua herança: o relacionamento com a natureza, fazendo-o se importar com ela (SCHUESSLER, 2015). Assim, o *corpus* demonstra que os livros são como cestas, carregando a cultura, possibilitando que a tradição e o conhecimento dos povos originários norte-americanos sejam passados adiante, pois “[...] um livro pode entrelaçar tópicos de ideias novas na nossa vida. [...]” (SCHUESSLER, 2015, *online*). Esse é o diferencial em relação à literatura eurocêntrica que a Literatura Indígena apresenta, pois traz um novo ponto de vista em relação a como a natureza vem sendo tratada e como ela pode ser tratada, conforme será possível observar durante a análise das histórias.

Diante disso, levanta-se a discussão sobre a relevância e a importância de se “integrar” o conhecimento dos povos originários norte-americanos à (ao) comunidade/conhecimento científica(o), pois o emprego de técnicas e práticas dos povos originários norte-americanos pode agregar em diferentes áreas do conhecimento (MAZZOCCHI, 2018), como:

- na agronomia, no âmbito da sugestão de substituir a monocultura pela policultura, conforme já fora mencionado que se faz presente na história *As Três Irmãs* (Apêndice C);

²⁷ “Understanding this way of perceiving reality and how it contrasts to Western notions of history and reality is important when approaching [...] any American Indian work of literature.” (DREESE, 2002, p. 27).

- na astronomia, conforme Galdino (2011) elenca demarcações escritas de diferentes tipos de calendários dos povos originários norte-americanos feitos por meio da observação da lua, das mudanças climáticas, das épocas de colheitas mais fartas, etc., desmitificando a concepção colonialista eurocêntrica que tem o indivíduo dos povos originários norte-americanos como uma criatura selvagem, e, portanto, sem a capacidade de produzir conhecimento para compreender o universo;
- e na literatura – conforme o presente trabalho visa discutir –, por exemplo.

Mazzocchi (2018) propõe que o conhecimento dos povos originários norte-americanos seja tratado com o mesmo “peso” que o conhecimento eurocêntrico (tido como universal), visando uma democratização do conhecimento que auxilie as pessoas que o acessarem a avaliarem criticamente a pressuposição da universalidade dos métodos científicos. Assim, possibilita-se que seja reconsiderada a concepção do que até então é tido como conhecimento universal, podendo promover processos decoloniais que revelam o débito que os moldes coloniais de pensamento geraram à comunidade científica ao marginalizar o conhecimento dos povos originários norte-americanos por tantos anos (MAZZOCCHI, 2018). No entanto, Mazzocchi (2018) compreende que tal possibilidade tem poucas chances de se concretizar por conta da “burocracia” científica eurocêntrica implementada, que dificulta a legitimação de uma informação ou de um conhecimento, como é a questão de quem são os portadores de tais informações/conhecimentos dos povos originários norte-americanos: os idosos de tais povos. Por conta desse tipo de situação, entre outras,

[...] A partir do ponto de vista ocidental, o conhecimento indígena arrisca-se ser visto como condenado em uma mistura de gravações de base empírica, concepções supersticiosas e normas epistêmicas incorretas. (MAZZOCCHI, 2018, p. 329, tradução nossa²⁸).

A crítica de Mazzocchi (2018), portanto, compreende que a mudança para a validação científica do conhecimento dos povos originários norte-americanos, até então, só ocorre quando todos os critérios impostos são validados, “minando-o” e utilizando-o prioritariamente, ainda, como “matéria-prima” que, quando processada, pode ser aproveitada pelo conhecimento científico ocidental.

²⁸ “[...] *From a Western standpoint, IK risks being seen as grounded on a mix of empirically based records, superstitious conceptualizations and incorrect epistemic norms.*” (MAZZOCCHI, 2018, p. 329).

Diante desse cenário atual sobre o conhecimento dos povos originários norte-americanos em relação à ciência e à academia, a autora e pesquisadora Robin Wall Kimmerer (2018, p. 47, tradução nossa²⁹) afirma que

A ciência pode nos dizer como algo funciona, mas sua objetividade é apenas uma dimensão da estrutura de tomada de decisão que também deve incluir valores, ética e perspectivas espirituais; podendo ser uma ferramenta esplêndida para responder perguntas de verdadeiro/falso, mas não tem a capacidade de apontar quais são as respostas certas/erradas. De fato, muitas das questões complexas que vemos hoje caem na intersecção entre natureza e cultura, orientadores e elaboradores de políticas, assim como cientistas, confirmando que a ciência sozinha não é suficiente para auxiliá-los. [...] A exploração respeitosa de temas fundamentais para a visão de mundo indígena pode enriquecer nossas imaginações morais, explicando como podemos viver em sociedades baseadas na reciprocidade, e moldadas para nós por plantas. Cultivar as condições que visam a coexistência de sistemas de conhecimento e soluções adaptáveis que podem se sustentar deveria ser uma prioridade assim como os humanos se lançam até os limites da sustentabilidade. Não precisamos de uma monocultura intelectual do cientificismo, mas sim de um pluralismo cultural. Uma policultura de ideias é especialmente importante nesse período crítico enquanto buscamos estratégias de resiliência em relação à aceleração das mudanças ecológicas e culturais de uma magnitude sem precedentes.

Em outras palavras, Robin Wall Kimmerer (2018) expõe que a objetividade não é o único pilar do conhecimento científico, demonstrando ser possível e necessário, portanto, que o conhecimento dos povos originários norte-americanos seja reconhecido para que vivamos em uma sociedade verdadeiramente sustentável em que todos possam coexistir, independentemente de suas peculiaridades. Uma sociedade plural culturalmente contém uma policultura de ideias que podem ser um diferencial importante para reverter as mudanças ecológicas e culturais que até então ocorreram. Sendo assim, basicamente, Kimmerer (2018) propõe que a humanidade

²⁹ “Science can tell us how something works, but its strict objectivity is only one dimension in a decision-making framework that must also include values, ethics, and spiritual perspectives. Science is a superb tool for answering true/false questions, but it does not have the capacity to address questions of right/wrong. Indeed, many of the complex issues we face today lie at the intersection of nature and culture, and leaders and policy makers, as well as scientists, acknowledge that science alone is not sufficient to address them.

[...] Respectful exploration of the themes fundamental to the Indigenous worldview may enrich our moral imaginations, explaining how we might live in societies based on reciprocity, and modeled for us by plants. Cultivating the conditions for the coexistence of knowledge systems and the adaptive solutions that they may hold should be a priority as humans push against the limits of sustainability. What we need is not the intellectual monoculture of scientism, but an intellectual pluralism. A polyculture of ideas is especially important at this critical time as we search for strategies of resilience in the face of accelerating ecological and cultural shifts of unprecedented magnitude.”. (KIMMERER, 2018, p. 47).

se abra para o surgimento de uma sociedade receptiva e policultural a todos os conhecimentos científicos que estas contêm, e isso inclui histórias, discursos, artigos e comunicações orais, as quais representam a retórica tribal de cada indivíduo dos povos originários norte-americanos literato (CAMPBELL, 2019).

Ademais, há a necessidade de comentar sobre como essa postura científica/acadêmica atual também precisa ser subvertida no âmbito da língua, segundo Campbell (2019). Afinal, desde a colonização, os povos originários norte-americanos tiveram a morte forçada de suas línguas, sendo compelidos a aprender exclusivamente a língua do colonizador, e assim, portanto, para que um trabalho tenha validade acadêmica, ele deve estar nesta mesma língua (CAMPBELL, 2019). Diante disso, Campbell (2019, p. 57, tradução nossa³⁰) questiona: “[...] Como as ideias, teorias e histórias de um escritor podem ser verdadeiramente compreendidas se devem passar por essa tradução historicamente opressora?”. E é justamente como uma forma de reparação histórica em relação a isso que a metodologia da tradução cultural tem também por objetivo que os falantes da língua do colonizador, ao se depararem com uma tradução que preza pela estrangeirização (VENUTI, 1996), sejam “forçados” a topiar com o choque cultural, para assim visualizarem que há diversos aspectos que a cultura dos povos originários norte-americanos contém, os quais são distintos das culturas eurocêntricas consideradas como universais. Também visa-se fazer com que o presente trabalho agregue à(s) pautas/agenda dos povos originários norte-americanos ao realizar uma tradução que busca preservar os aspectos culturais que trariam “estranhamento” aos leitores de culturas de raízes colonialistas, buscando, assim, garantir a “sobrevivência” (FELDMAN; SILVESTRE, 2019) da obra.

2.5.2.2. O papel político da Literatura Indígena enquanto sobrevivência

Agora, faz-se importante mencionar que a *Sweetgrass* é uma planta sagrada para a cultura dos povos originários norte-americanos e que, em *Braiding Sweetgrass*, é utilizada como uma metáfora para simbolizar a Mãe Terra; os presentes/dons que ela nos deu, e dá; a cultura (dos povos originários norte-americanos) de se manter um relacionamento recíproco com ela; e o que implica o fim dessa reciprocidade

³⁰ “[...] How can the ideas, theories, and stories of the writer be truly understood if they must go through this historically oppressive translation?” (CAMPBELL, 2019, p. 57).

(LONGWOOD GARDENS, 2015, *online*). Basicamente, o *corpus* demonstra ser uma mensagem de restauração da esperança ecológica, por meio do ensinamento da cultura dos povos originários norte-americanos de retornar o favor feito pela Mãe Terra, de nos fornecer tudo o que há na terra, possibilitando, assim, o equilíbrio ideal entre a humanidade e a natureza (LONGWOOD GARDENS, 2015, *online*). Portanto, tal obra se coloca como um guia de ensinamentos, por meio de histórias da oratura indígena e das experiências de Robin Wall Kimmerer, para a humanidade rever seus hábitos que estão prejudicando o relacionamento da humanidade com o planeta, gerando catástrofes naturais de amplo espectro: o aquecimento global, o degelo das geleiras, queimadas e as poluições do ar, das águas e do solo (LONGWOOD GARDENS, 2015, *online*).

Ademais – conforme será expresso mais detalhadamente no Capítulo 3 –, o nome científico da planta *Sweetgrass* é *Hierochloa odorata*, que significa “o brotamento de aroma/perfume sagrado”, portanto, pode-se considerar até então que *Braiding Sweetgrass* é uma obra que busca levar o aroma do sagrado até a “ciência/academia” (LONGWOOD GARDENS, 2015, *online*). Afinal,

Como as circunstâncias do mundo natural trazem cada vez mais urgentemente, nos ensinamentos e na escrita, a necessidade de se considerar interconexões – o diálogo implícito entre o texto e as condições ambientais – se torna cada vez mais insistente. A ecocrítica está desenvolvendo, como uma resposta crítica a esse diálogo desconhecido, uma tentativa para levantar isso para um nível maior da consciência humana: trazer o ensino e o estudo da literatura sem referências³¹ às condições naturais do mundo, e os princípios ecológicos básicos que são prioridade para toda a vida e que parecem amplamente desfocados, algo incongruente. (LOVE, 2003, p. 16, tradução nossa³²).

Ou seja, vê-se que o reconhecimento de obras ecocríticas da literatura indígena, como *Braiding Sweetgrass*, pela academia, é uma possível esperança para a humanidade

³¹ Aqui, o termo “sem referências” foi utilizado para retomar o que já foi comentado no presente trabalho sobre a oratura indígena ser algo sem uma autoria aos moldes acadêmicos eurocêntricos.

³² “*As the circumstances of the natural world intrude ever more pressingly into our teaching and writing, the need to consider the interconnections, the implicit dialogue between the text and the environmental surroundings, becomes more and more insistent. Ecocriticism is developing as an explicit critical response to this unheard dialogue, an attempt to raise it to a higher level of human consciousness. Teaching and studying literature without reference to the natural conditions of the world and the basic ecological principles that underlie all life seems increasingly shortsighted, incongruous.*” (LOVE, 2003, p. 16).

rever seus hábitos em relação à natureza, possibilitando, assim, o impedimento da devastação completa de nosso planeta.

No entanto, para que isso se concretize, é preciso que a ciência e a academia adotem uma perspectiva decolonial, erradicando, assim, a colonialidade do poder/ser e o racismo epistêmico contemporâneo, e se livrando de perspectivas unicamente dicotômicas: selvagem/ciência, preto/branco, homem/mulher, certo/errado, pagão/cristão, natural/racional, superior/inferior (CASTRO, 2020). Afinal, uma vez que é reconhecida a importância de se tratar de obras ecocríticas da literatura indígena, como o *corpus*, na ciência e na academia, há a necessidade de compreender que a perspectiva decolonial a se adotar implica na adesão de uma perspectiva ecofeminista também, que é o estabelecimento de “[...] que o destino dos oprimidos está intimamente ligado ao destino da Terra” (BARRAGÁN; LANG; CHÁVEZ; SANTILLA, 2020, p. 229), ou seja, “Todo apelo à justiça social implica uma ecojustiça³³” (POBIERZYM, 2002, s.p., tradução nossa³⁴). Isso pois a própria Mãe Terra, da cultura dos povos originários norte-americanos, é um exemplo desse ecofeminismo, em que a natureza é tratada pela colonialidade do poder/ser – que é a criatura masculina, o homem – como uma criatura feminina, ou uma mulher, de modo que ambas convivem em um sistema patriarcal e sexista opressor no qual o homem doma/domina a mulher a seu bel prazer. Tal situação pode ser melhor visualizado na obra *América* (Figura 1), de Theodor Galle (1589), em que é possível observar um(a) dicotomia/polarização/antagonismo entre as informações expressas na obra. No lado direito, há o colonizador vestido, homem e branco, e seus navios atracados na praia do Novo Mundo. Enquanto que no lado esquerdo, há a mulher nua advinda de um dos povos originários do continente, que posteriormente seria denominado pelo colonizador como “América”. Essa mulher está em um nível inferior em relação ao colonizador, sentada na rede, abaixo da altura dele – o que pode simbolizar a inferioridade de todos os elementos do continente também, os quais podem, portanto, ser representados pela própria mulher.

³³ Que seria, nesse caso, a busca pela concretização dos objetivos da luta feminista, a qual tem como proposta política a preservação da vida – isso inclui toda a Mãe Terra, ou seja, a natureza – e dos direitos de todas as mulheres do mundo – assim como os dos homens são respeitados pela sociedade – que estão sob um sistema opressor sexista e patriarcal, guiado por uma ideologia supremacista masculina que encoraja as mulheres a não verem nenhum valor em si mesmas, a não ser que este se dê por meio dos homens (CARVAJAL, 2020; HOOKS, 2019).

³⁴ “[...] toda apelación a la justicia social, implica una eco-justicia” (POBIERZYM, 2002, s.p.).



Figura 1 – América de Theodor Galle (1589). **Fonte:** Mackenthun (2016) e Straet (online).

Cenários como o disposto na Figura 1 expõem algo que aprendemos a ver e aceitar, mas que, se desafiado, pode ser “[...] um passo crucial na luta pela eliminação de todas as [outras] formas de opressão.” (HOOKS, 2019, p. 70). E é justamente por conta desse tratamento descompensado/opressor que o ecofeminismo, aliado à literatura dos povos originários norte-americanos, busca trazer propostas para balanceá-lo, uma vez que, em obras como *Braiding Sweetgrass*,

A narrativa autobiográfica ou confessional de autoria feminista [...] vai problematizar as convenções sociais e literárias do gênero, enfocando o sujeito do discurso como um ser fragmentado e enfatizando o caráter relacional de sua identidade, [...] [assim,] um sentido de identidade é constituído a partir do *eu* com outros indivíduos. (FERREIRA-PINTO, 2012, p. 24, grifo da autora).

Afinal,

A Ecocrítica deve contar histórias, usar a narrativa como uma estratégia constante e intermitente para a análise literária. O propósito não é competir com a literatura em si, mas simplesmente iluminar e apreciar o contexto de leitura – isto é compreender o texto literário como uma linguagem que de alguma maneira contribui com as nossas

vidas 'no mundo lá fora' [...] ³⁵. (SLOVIC, 2008, p. 28, tradução nossa ³⁶).

Em outras palavras, a maior visibilidade de obras como o *corpus* pode possibilitar que a sociedade coloque em prática um revisionismo feminista que corrija e desconstrua as atitudes machistas e sexistas que têm normalizado e que são, e têm sido, prejudiciais para todos os seres que estão envolvidos nesse relacionamento que tem sido literalmente tóxico principalmente para a Mãe Terra, a natureza (BONNICI, 2007). Isso, segundo Ailton Krenak (2020a), é fruto de a humanidade estar viciada na modernidade, que busca projetar na matéria os nossos corpos, dando uma ilusória sensação de poder permanente de que vamos continuar existindo se continuarmos agindo da maneira como estamos agindo em relação à natureza, mas, na realidade, estamos nos desconectando cada vez mais da Mãe Terra. Além disso, as atitudes machistas e sexistas que “normalmente” adotamos são prejudiciais a outras criaturas minorizadas como as mulheres, os indivíduos dos povos originários norte-americanos e todas as pessoas não brancas, que têm um potencial igualmente poderoso na contribuição com a luta ecofeminista por ecojustiça, se a ciência e academia se mostrassem abertas a darem uma oportunidade a elas (BONNICI, 2007).

Diante de tudo o que foi exposto até então, é necessário tratar sobre o fato, expresso por Justice (2018), de que a Literatura Indígena é tida como “política demais”, uma vez que não se coloca como neutra em relação à realidade atual do indivíduo dos povos originários norte-americanos minorizados e marginalizados, tanto socialmente quanto cientificamente. Afinal, “as tradições indígenas estão bem abastecidas de avisos à humanidade no âmbito do potencial de destruição e de lições para uma coexistência mais respeitosa com os nossos outros-parentes-mais-

³⁵ Tal termo é geralmente um sinônimo de “sociedade”, uma vez que “[...] a ecocrítica se preocupa com as consequências altamente evidentes de testes nucleares, superpopulação, chuva ácida, aquecimento global e aquíferos esgotados, e questiona como a literatura e a crítica literária podem ser uma força a favor ou contra as mudanças globais, [...]” ampliando, assim, o que se entende como “mundo”, visando incluir toda a ecosfera. (ADAMSON, 2001, p. 14, tradução nossa). Trecho traduzido: “[...] *Ecocritics, concerns about the increasingly evident consequences of nuclear testing, overpopulation, acid rain, global warming, and depleted aquifers, ask how literature and literacy criticism can be a force or against environmental change [...]*”.

³⁶ “*Ecocritics should tell stories, should use narrative as a constant or intermittent strategy for literary analysis. The purpose is not to compete with literature itself, but simply to illuminate and appreciate the context of reading – that is, to embrace the literary text as language that somehow contributes to our lives ‘out in the world.’ [...]*”. (SLOVIC, 2008, p. 28).

humanos³⁷.” (JUSTICE, 2018, p. 39, tradução nossa³⁸). E assim, segundo Justice (2018), a Literatura Indígena se coloca como algo relevante ao refletir sobre as verdades da realidade do indivíduo dos povos originários norte-americanos e sobre as belezas especiais do mundo que pertencemos, não escondendo nada, como os traumas da existência dos povos originários norte-americanos, pois acredita-se que não restará nada do colonialismo se ele não persistir.

[...] Mas as nossas obras literárias nos lembram de que as nossas histórias são mais do que tragédias, mais do que sofrimento, mais do que histórias de degradação e deficiência que instauram o colonialismo como teríamos de acreditar. Elas nos lembram de que somos herdeiros de legados pesados, dolorosos, mas também de que esperança e possibilidades, de uma responsabilidade que pode gerar um mundo melhor para aqueles que estão por vir. (JUSTICE, 2018, p. 210, tradução nossa³⁹).

Portanto, em suma, pode-se compreender que as obras da Literatura Indígena, assim como os objetivos da Agenda de Pesquisas dos povos originários norte-americanos (Figura 2), visam a sobrevivência (GRAÚNA, 2013). Tal agenda tem por objetivo a cura, a descolonização, a mobilização e a transformação da sociedade como um todo por meio da busca pela sobrevivência da cultura e dos povos originários norte-americanos, pela recuperação de tudo o que se perdeu com o colonialismo – tanto perdas de terras como de espaço na sociedade enquanto intelectuais –, pelo desenvolvimento e, principalmente, pela autodeterminação. Algo que, no caso da Literatura Indígena, tem como tema básico o ato de contação de histórias, típico de culturas orais, como as dos povos originários norte-americanos (LEEN, 1995, p. 3), visando a cura, a recuperação, o desenvolvimento, a descolonização, a mobilização e a transformação do indivíduo dos povos originários norte-americanos, inclusive perante a sociedade, implicando, assim, na superação da colonialidade do poder/ser, das amarras do patriarcado e do machismo, na valorização do conhecimento dos povos originários norte-americanos como tão relevante quanto qualquer outro

³⁷ Aqui, o termo “humano” se faz presente por conta do entendimento indígena de que “ser humano é praticar humanidade” (JUSTICE, 2018, p. 42).

³⁸ “*Indigenous traditions are well stocked with warning against human destructiveness and lessons for more respectful co-existence with our other-than-human relatives.*” (JUSTICE, 2018, p. 39).

³⁹ “*But our literatures remind us that our histories are more than tragedy, more than suffering, more than the stories of degradation and deficiency that settler colonialism would have us believe. They remind us that we’re the inheritors of heavy, painful legacies, but also of hope and possibility, of a responsibility to make the world better for those yet to come.*” (JUSTICE, 2018, p. 210).

conhecimento científico acadêmico, para assim, buscarmos a salvação do nosso ecossistema e, conseqüentemente, da humanidade, socialmente e literalmente.



Figura 2 – A agenda de Pesquisas dos povos originários norte-americanos. Fonte: Adaptado de Tuhiwai Smith (2008, p. 117).

Sendo assim, a tradução cultural de *Braiding Sweetgrass*, apresentada na presente dissertação, enquadra-se nessa questão ao apresentar o “socialismo científico” (WILLIAMS, 1979) como metodologia, uma vez que “os métodos não dependem do ideal metodológico e sim do objeto (ADORNO, 1962, p. 50). Ou seja, para trabalhar com uma obra da Literatura Indígena, viu-se necessário utilizar uma metodologia que abrangesse as ideias do *corpus* em si.

3. UMA ANÁLISE DA TRADUÇÃO CULTURAL DE *BRAIDING SWEETGRASS*

É importante expor que a planta *Sweetgrass*⁴⁰, cujo nome se faz presente no título do *corpus* analisado na presente dissertação, possui o nome científico *Hierochloe odorata*. A composição que gerou tal nome está ligada ao latim e ao grego, de modo que:

- “*Hiero-*”, ou “*ἱέρων*”, é um adjetivo grego que significa “sagrado(a)” (DICIONÁRIO PRIBERAM, *online*);
- “*chloe*”, ou “*χλόη*”, é tido como um termo feminino de origem grega, que pode significar “o primeiro brotamento de plantas da primavera”, “capim/grão esverdeado maduro”, ou “folhagem madura” (TLG, *online*), ou pode ser compreendido como um nome próprio feminino, o qual foi atribuído à deusa grega Demeter de maneira composta, e marcante na literatura grega, no texto do grego Pausanias, *Description of Greece* – escrito durante a dominação romana da Grécia no século II (ELSNER, 1992) –, remetendo nessa nomenclatura a concepção de que esta deusa faz as plantas brotarem (ENCYCLOPEDIA BRITANNICA, *online*);
- e “*odorata*” é um termo feminino do latim que significa “de aroma/perfume” (PORTO EDITORA, 2011).

Portanto, a grosso modo, pode-se compreender que o nome científico da *Sweetgrass* significa: o brotamento de aroma/perfume sagrado.

No âmbito da biologia, a *Sweetgrass*, ou *Hierochloe odorata*, é definida como um capim de aroma doce, de climas frios, nativa da temperatura das regiões da Eurásia e da América do Norte, típica de áreas abertas e úmidas, e também é conhecida pelo nome *Vanilla Grass* ou *Holy Grass*, em inglês (NORSTOG, 1960; WHITE, 2002). Sua aparência se assemelha à registrada na Figura 3, ilustrada por Norman Criddle.

⁴⁰ Seu nome pode ser traduzido como “erva doce”, porém, as plantas que, na Língua Portuguesa, são comumente denominadas assim são as espécies: *Foeniculum vulgare* e *Pimpinella anisum* (SOUZA, 2008; NASCIMENTO, LACERDA, MELO, LIMA, AMORIM, ALBUQUERQUE, 2005). Sendo assim, se trata de uma outra planta que não é semelhante à do título do *corpus*, pois não possui nem o mesmo gênero ou família da *Sweetgrass*. Por isso optou-se por manter o seu nome estrangeiro na tradução.

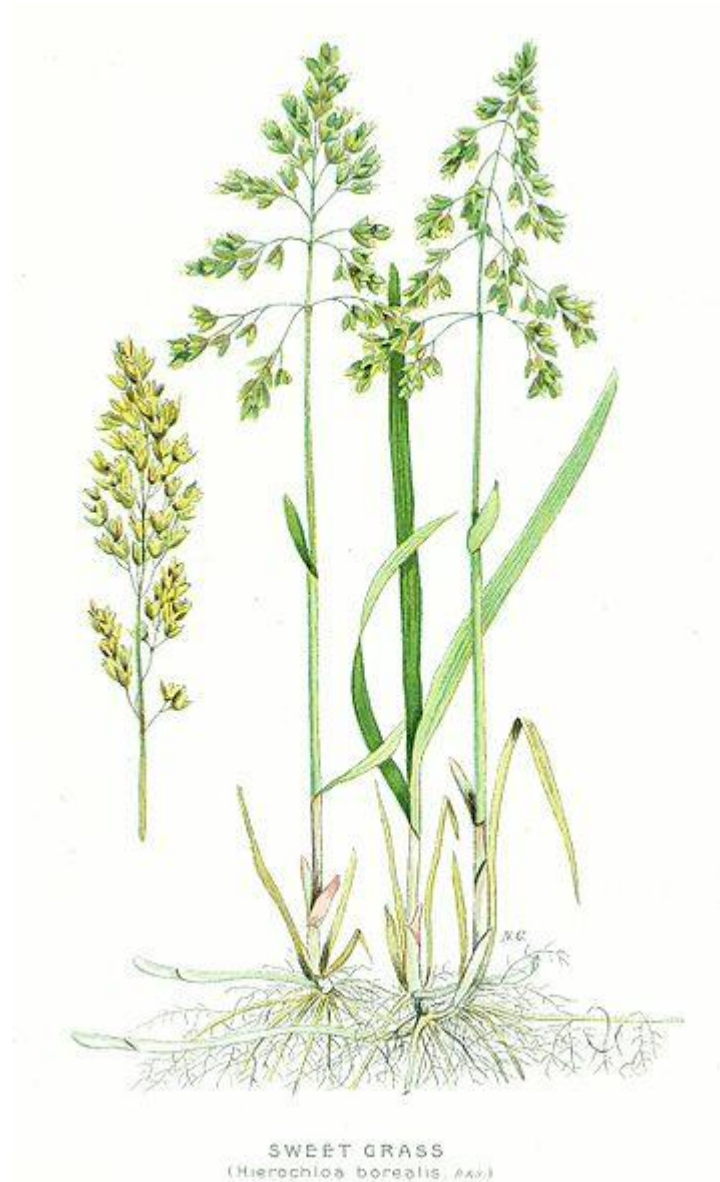


Figura 3 – *Sweetgrass*. Fonte: Clark e Fletcher (1906, p. 92-93).

A compreensão da etimologia do nome científico da *Sweetgrass* e a compreensão básica no âmbito da biologia sobre esta se fez necessária para que seja observada uma característica presente na maioria das histórias de *Braiding Sweetgrass*, que é o hibridismo entre literatura, linguagem científica e conhecimento dos povos originários norte-americanos. Diante disso, compreender como esses três pilares se entrelaçam, como uma trança – uma vez que, conforme o próprio título da obra traz, “*braiding*” vem do verbo “*to braid*”, do inglês, “trançar” –, e sustentam essa obra durante as histórias é essencial para o entendimento de cada uma das histórias aqui traduzidas e analisadas. Ademais, também se faz importante expor que as

traduções serão comentadas de forma analítica no âmbito cultural, conforme veremos a seguir.

3.1. *A queda de Mulher Celeste*

A história traduzida no Apêndice A, cujo Texto Fonte (TF) foi retirado de Kimmerer (2013a, p. 1-10), *A queda de Mulher Celeste*, assim como as demais traduções dos outros apêndices da presente dissertação, apresenta o TF, em inglês, que está disposto na coluna do lado esquerdo, e o Texto de Chegada (TC), em português, disposto na coluna do lado direito, de modo que todos os parágrafos estão alinhados para facilitar a leitura analítica de parâmetro entre TF e TC.

É preciso expor que antes de apresentar a análise da tradução aqui expressa, propriamente dita, há a necessidade de também colocar que previamente às histórias presentes nos Apêndices de A a E, há uma página que precede a história na qual está expressa a introdução de cada seção em que a obra *Braiding Sweetgrass* foi subdividida. Compreende-se que o *corpus* possui tais subdivisões como uma maneira de remeter ao ato comum da cultura dos povos originários norte-americanos com a planta *Sweetgrass* em si de cultivá-la, colhê-la, trançá-la e queimá-la (como um tipo de incenso), para se sentir o aroma do sagrado – que, segundo o prefácio da obra, é algo que simboliza lidar com os cabelos recentemente lavados da própria Mãe Terra, afinal, na língua dos povos originários norte-americanos, o nome desta planta é *wiingaashk*, que significa “o doce aroma do cabelo da Mãe Terra” (KIMMERER, 2013a, p. ix). Portanto, pode-se inferir que a disposição das seções trabalha como uma espécie de tutorial para que os leitores busquem compreender a importância de trançar a sabedoria dos povos originários norte-americanos, o conhecimento científico (eurocêntrico) e as histórias de uma cientista do povo originário norte-americano Anishinabekwe (Robin Wall Kimmerer), para assim “sentirem aroma do conhecimento sagrado indígena”, disposto por meio de histórias no *corpus*.

No caso do Apêndice A, há a seção *Planting Sweetgrass*, cujo título foi traduzido como: *Plantando a Sweetgrass*. Nela expõe-se brevemente a melhor maneira de literalmente plantar uma *Sweetgrass*, que é por meio da colocação das raízes, e não das sementes, diretamente no solo, tendo sempre, portanto, de ser

manipuladas pelas mãos humanas para então serem plantadas. Algo de caráter bastante simbólico, pois, compreende-se que tal planta simboliza os cabelos da própria Mãe Terra. Pode-se inferir, assim, que quem proporciona o surgimento das ações do sagrado na humanidade é ela mesma, pois é ela quem propicia o plantio/surgimento do sagrado, portanto, também é ela quem pode ser o agente da mudança das questões já comentadas quanto à desvalorização do conhecimento científico em relação ao conhecimento científico eurocêntrico.

Quanto ao título da história: *A queda de Mulher Celeste*, é importante comentar que o nome da personagem gerou um impasse durante a tradução, pois a tradução literal de “*Skywoman*” para “Mulher do Céu” não soava muito semelhante a algo que na Língua Portuguesa (LP) poderia aparentar ser um nome próprio, portanto, a princípio, considerou-se traduzi-lo apenas como “Celeste”, que é um nome próprio comum na LP. No entanto, como parte do objetivo do presente trabalho também é trazer estrangeirizações durante a leitura para que o leitor seja sempre lembrado de que a obra que está lendo não é algo semelhante aos modelos literários eurocêntricos, mas sim uma obra da Literatura Indígena que, portanto, obrigatoriamente irá conter elementos da cultura dos povos originários norte-americanos “estranhos” a este, optou-se por traduzir o nome da personagem como “Mulher Celeste”. Afinal, há ocorrências de outros nomes de indivíduos de povos originários norte-americanos que ficaram com composições parecidas como o “Touro Sentado” e o “Cavalo Doido”. Isso pois, como o próprio prefácio da obra expressou, o *corpus* contém histórias que visam curar o relacionamento das pessoas umas com as outras e com a terra, e para curar isso, precisa-se conhecer esse Outro que até então é um estranho para as pessoas que vivem inseridas na colonialidade do poder/ser (KIMMERER, 2013a).

Quanto a pontos do enredo dignos de nota no âmbito cultural, o primeiro que se vê a necessidade de comentar é o seguinte:

Texto Fonte	Texto de Chegada
<i>In the beginning there was the Skyworld.</i>	No princípio havia o Mundo do Céu.

Quadro 1 – Tradução comentada sobre *Skyworld*. Fonte: a autora.

Em tal contexto, viu-se a necessidade de começar como a passagem inicial bíblica de Gênesis faz, “No princípio...”, para gerar o tom familiar eurocêntrico cristão de história de criação no leitor, mas, ao mesmo tempo, distancia-lo dele, ao chamar o “*Skyworld*” de “Mundo do Céu” e não de “Reino dos céus” (BÍBLIA SAGRADA, 2015), fazendo o

uso de letras maiúsculas, como no TF. Isso indica, portanto, que o “*Skyworld*” é um lugar, ou uma localização geográfica, para a cultura dos povos originários norte-americanos.

Outra situação que se faz necessária expor, no âmbito da tradução cultural comentada, é:

Texto Fonte	Texto de Chegada
<i>A great turtle floated in their midst and offered his back for her to rest upon.</i>	Durante o encontro, uma Grande Tartaruga flutuou para o centro e ofereceu as suas costas como ponto de repouso.
<i>Turtle said, “Here, put it on my back and I will hold it.”</i>	Ao se vislumbrar isso, Tartaruga disse: – Venha! Coloque-o aqui nas minhas costas e eu o manterei seguro.
<i>Skywoman bent and spread the mud with her hands across the shell of the turtle. Moved by the extraordinary gifts of the animals, she sang in thanksgiving and then began to dance, her feet caressing the earth. The land grew and grew as she danced her thanks, from the dab of mud on Turtle’s back until the whole earth was made. Not by Skywoman alone, but from the alchemy of all the animals’ gifts coupled with her deep gratitude. Together they formed what we know today as Turtle Island, our home.</i>	Mulher Celeste manipulou o barro com as suas mãos sob a concha da tartaruga , e, tocada pelas dádivas extraordinárias fornecidas pelos animais, cantou e dançou em agradecimento. Durante a dança, seus pés acariciavam a terra, fazendo-a crescer daquele punhadinho de barro nas costas da Tartaruga para a geração de toda a terra que existe hoje. Isso não foi obra de Mulher Celeste unicamente, mas sim da alquimia das dádivas de todos os animais somadas à profunda gratidão dela. Juntas conceberam o que hoje conhecemos como a Ilha da Tartaruga , o nosso lar.
<i>And now that the animals, too, had plenty to eat, many came to live with her on Turtle Island.</i>	E agora os animais também tinham bastante comida, além disso, muitos deles vieram morar com ela na Ilha da Tartaruga .
<i>And as I turn it over again and again, Skywoman seems to look me in the eye and ask, in return for this gift of a world on Turtle’s back, what will I give in return?</i>	E conforme eu repasso tudo isso em minha mente, Mulher Celeste parece olhar nos meus olhos e me perguntar: – Como retribuição pela dádiva de um mundo nas costas de Tartaruga , o que você dará em retorno?
<i>Since 1492, most here are immigrants as well, perhaps arriving on Ellis Island without even knowing that Turtle Island</i>	Desde 1942, muitas pessoas que aqui habitam são imigrantes também, e talvez atracaram na Ilha Ellis sem nem terem qualquer conhecimento de que a Ilha da

<p><i>rested beneath their feet. Some of my ancestors are Skywoman's people, and I belong to them. Some of my ancestors were the newer kind of immigrants, too: a French fur trader, an Irish carpenter, a Welsh farmer. And here we all are, on Turtle Island, trying to make a home.</i></p>	<p>Tartaruga estava bem debaixo de seus pés. Alguns dos meus ancestrais eram um tipo mais novo de imigrantes também: um comerciante de peles francês, um carpinteiro irlandês e um fazendeiro galês. E aqui estamos todos nós, na Ilha da Tartaruga, tentando torná-la nosso lar.</p>
---	---

Quadro 2 – Tradução comentada sobre a Grande Tartaruga. Fonte: a autora

Diante dessas ocorrências, é possível observar que o termo “*turtle*” (do inglês, “tartaruga”) ora encontra-se com a primeira letra minúscula e ora maiúscula. Com isso, analisou-se cada situação levando em consideração, segundo a cultura do povo originário norte-americano iroquesa, a história de Mulher Celeste é uma história de criação, ou seja, que conta como o mundo que conhecemos hoje surgiu. Tal história, exposta no *corpus*, advém da coletânea de nove histórias iroquesas, a qual foi organizada por Joanne Shenandoah e Douglas M. George em 1988, denominada *Skywoman: Legends of the Iroquois*. Em outras palavras, a história da literatura oral da cultura iroquesa, apresentada no *corpus*, é uma versão adaptada da exposta na coletânea de Shenandoah e George (1988).

Portanto, é preciso comentar que a primeira ocorrência não manteve o padrão em minúsculo do TF. Isso se deu pois levou-se em consideração que o termo “Grande Tartaruga” é, conforme algumas das versões destacadas por Shenandoah e George (1998) demonstram, o nome próprio da entidade divinizada totêmica⁴¹ que simboliza a terra, presente em tal história de criação de origem dos povos originários norte-americanos. Essa concepção pode ser observada na Figura 4, justificando, assim, o termo recorrentemente também presente no texto, “Ilha da Tartaruga”, o qual representa, de outro modo, tal criatura totêmica. Diante dela, compreende-se uma percepção dos povos originários norte-americanos de como era o mapa do mundo conhecido por eles.

Quanto às demais ocorrências, prezou-se por manter o formato do TF: quando o termo “*turtle*” aparecesse com a primeira letra minúscula isso seria mantido e vice-versa. Mas, para deixar clara a diferenciação entre tais ocorrências:

⁴¹ Termo ligado ao conceito de totemismo, que compreende definir os aspectos espirituais ligados à parceria, ou ao relacionamento, entre algum animal com o ser humano de modo que um se identifica com o outro (BLEAKLEY, 2000).

- Quando houvesse a referência com a primeira letra maiúscula, utilizou-se “**de** Tartaruga”, indicando que o termo “Tartaruga” é um substantivo próprio (nome/apelido);
- Quando houvesse a referência com a primeira letra minúscula, utilizou-se “**da** tartaruga”, indicando que o termo “tartaruga” é um substantivo comum (nomeando o tipo de animal apenas).



Figura 4 – Ilha da Tartaruga. Fonte: Adaptado de Inspiring Young Minds (*online*).

Outro ponto expresso na história digno de nota, no âmbito cultural, é a parte em que a professora universitária Robin Wall Kimmerer afirma ter a pintura de Bruce King, retratando Mulher Celeste, chamado “*Moment in Flight*” (Figura 5) – que foi traduzido como “Momento em Revoada” – pendurado em seu laboratório, conforme é possível observar no trecho disposto no Quadro 3:

Texto Fonte	Texto de Chegada
<i>I have Bruce King's portrait of Skywoman, Moment in Flight, hanging in my lab.</i>	Eu tenho um retrato de Mulher Celeste feito por Bruce King, chamado Momento em Revoada , pendurado no meu laboratório.

Quadro 3 – Tradução comentada sobre *Moment in Flight*. **Fonte:** a autora.

Diante disso, há a necessidade de comentar que o nome da obra de Bruce King mencionada nunca foi traduzido para a língua portuguesa até então. Por essa razão, optou-se por acompanhar o nome da pintura traduzido com uma nota de rodapé esclarecendo, assim, tal informação ao leitor. Considerando o exposto, é preciso discutir sobre o uso de notas de rodapé, pois Mittmann (2003) e Eco (2007) concordam que o uso desse recurso tradutório é uma forma do tradutor controlar o discurso traduzido. No entanto, se compreendemos que o objetivo principal de uma tradução é possibilitar que falantes de uma língua tenham acesso a produções estrangeiras escritas em uma língua diferente da que os falantes conhecem (DELISLE, 2002), faz-se importante compreender que, portanto, o uso do recurso das notas de rodapé visa auxiliar o leitor nesse processo de se inteirar em relação ao exposto no TP. Sendo assim, nem sempre que as notas de rodapé se fazem presentes em uma tradução, elas visam manifestar um aspecto controlador do tradutor quanto ao discurso, pois, dependendo da situação, pode-se interpretar tal uso como um mecanismo que visa a melhor compreensão do leitor sobre algum aspecto exposto no TP.



Figura 5 – *Momento em Revoada* de Bruce King. **Fonte:** Annie KW (2021).

Há outro momento na história que se vê a necessidade de comentar, pois nele se coloca a existência de um lugar no mundo no qual há um povo ligado às tradições advindas de Mulher Celeste, enquanto que, em outro ponto do mundo, há uma mulher que foi banida de um jardim por ter provado de um fruto. Esta mulher, mais adiante, é chamada de Eva, a primeira mulher a povoar o Jardim do Éden criado pelo deus cristão, pois na história presente no livro de Gênesis (BÍBLIA SAGRADA, 2015), expõe-se que esta foi punida por Deus após comer o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, o qual este deus proibiu Adão e Eva de comerem, porém, eles o desobedeceram, culminando, assim, em tal punição. Tal momento é uma representação simbólica e metafórica do paralelo colonial entre Mulher Celeste e Eva, ou seja, entre os ocidentais cristãos e os povos originários norte-americanos. Afinal, ambas essas “mães” se encontram, na história, e são descritas levando em consideração as suas próprias histórias. No caso de Mulher Celeste, esta foi recebida e cuidada pela natureza, criando a terra como um local comum para todos coexistirem igualmente em harmonia com a natureza. Já Eva foi criada a partir de uma relação hierárquica, em que a terra e ela foram tidas como propriedades e fonte de poder/controlado de um ser superior a quem devem obedecer cegamente. Como Eva desobedeceu às regras impostas a ela, foi expulsa do local em que foi criada, sendo essa a sua punição somada ao fato de que, para sobreviver, estaria condenada a vagar pela terra e sofrer. A conclusão dessa parte da história expõe que:

Texto Fonte	Texto de Chegada
<p><i>And then they met—the offspring of Skywoman and the children of Eve—and the land around us bears the scars of that meeting, the echoes of our stories. They say that hell hath no fury like a woman scorned, and I can only imagine the conversation between Eve and Skywoman: “Sister, you got the short end of the stick . . .”</i></p>	<p>Então elas se encontraram – a prole de Mulher Celeste e os filhos de Eva – e a terra ao redor de nós contém as cicatrizes desse encontro, os ecos de nossas histórias. Dizem que o inferno não carrega uma fúria maior do que a de uma mulher menosprezada. Então, considerando isso, imagino que a conversa entre Eva e Mulher Celeste se resumiu a: – Mana, você saiu perdendo...</p>

Quadro 4 – Tradução comentada sobre o encontro entre Eva e Mulher Celeste. Fonte: a autora.

Diante do contexto prévio sobre o encontro de Mulher Celeste e Eva, é possível pressupor que Eva ressentia a boa vida de Mulher Celeste, uma vez que essa não teve a mesma oportunidade nas mesmas condições. Isso resultou na situação em que

os filhos de uma se colocaram contra aos da outra. Tal parâmetro explica de maneira poética o desejo ambicioso eurocêntrico de cunho colonial advindo dos “filhos de Eva” em relação aos “filhos de Mulher Celeste” e à terra onde habitavam. Com isso, vê-se a necessidade de discorrer sobre a fala de Eva: “*Sister, you got the short end of the stick...*”, que foi traduzido como “Mana, você saiu perdendo...”, uma vez que, devido ao que já foi exposto na presente dissertação quanto ao colonialismo que atua até hoje na sociedade de maneira geral, é possível compreender que os seguidores eurocêntricos do cristianismo foram os principais responsáveis por tudo o que ocorreu na história dos povos originários norte-americanos desde a colonização, como as desapropriações de terras, a desvalorização cultural, o tratamento com os “selvagens” etc., que ocorre até hoje com a colonialidade do poder/ser. No entanto, além desse aspecto, é preciso frisar que “*you got the short end of the stick...*” é uma expressão da língua inglesa que está ligada à prática de um jogo de sorte comumente traduzido como “tirar no palitinho”. Nele alguém segura vários palitos, conforme é retratado na Figura 6, de modo que um deles é menor que os demais. Assim, quem pegar o menor palito perde.

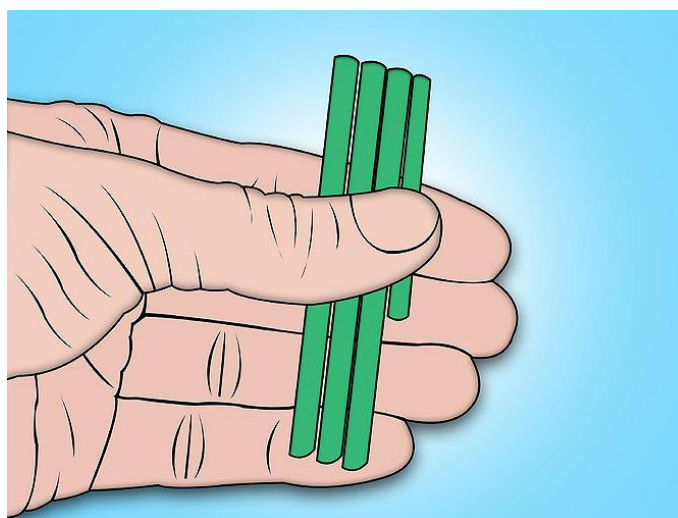


Figura 6 – Tirar no palitinho. Fonte: Landreth (2014).

Tal jogo é uma prática culturalmente comum em países falantes da língua inglesa, no qual quem pega o palitinho de comprimento menor perde. Portanto, considerando que a metodologia da tradução cultural aqui apresentada se embasa na premissa de que o objetivo principal é esclarecer termos estrangeiros ao leitor na língua de chegada (SCHLEIERMACHER, 1813), optou-se por traduzir tal expressão como “você saiu perdendo...”. Tal escolha eliminou o fator ligado à expressão cultural

inglesa remetendo ao jogo do palitinho, mas manteve o entendimento de que Mulher Celeste saiu, e ainda sai, perdendo (ou seja, perdeu) em meio ao contexto de colonialidade do poder/ser que perdura até hoje. Apesar disso, há a necessidade de enfatizar que “sair perdendo” é uma expressão cultural da língua portuguesa que dá o entendimento de que alguém ficou em desvantagem em relação a outra pessoa. Sendo assim, é possível considerar que, nessa situação, trocou-se uma expressão cultural por outra na língua de chegada, presando que o leitor compreendesse a mensagem advinda da CP para a CC.

3.2. O consolo dos Lírios D'Água

O *consolo dos Lírios D'Água* é uma história cuja tradução está no Apêndice B, de modo que seu TF foi retirado de Kimmerer (2013a, p. 98-104). Diante disso, no âmbito da tradução cultural, é importante comentar, a princípio, sobre o título da história, mais precisamente sobre o termo “Lírios D'Água”. Este, no TF, era “*Water Lilies*”, e abrange, segundo a nota de rodapé exposta no Apêndice B, toda a família de plantas *Nymphaeaceae*. Contudo, o substantivo “lírio(s) d'água” não está catalogado nos livros de botânica como um nome popular comum, apesar de esse termo se fazer presente em dicionários da língua portuguesa (INFOPÉDIA, online; DICIONARIUM, online). O único nome popular catalogado na língua portuguesa é quanto a uma espécie: “Nenúfar-amarelo”, por conta de esta se fazer presente em alguns lugares em Portugal, apesar de estar em extinção por lá (SOLDADO, 2019). Diante disso, optou-se por traduzir “*Water Lilies*” como “Lírios D'Água” ao levar em consideração que a história apresenta lírios cujas raízes estão na água, apesar de este termo não estar catalogado botanicamente na língua portuguesa, pois há apenas a presença de uma única espécie dessa família em Portugal (ZHU; ZHENG; SHU; LI; ZHONG; ZHANG; XU; WANG; WANG, 2012).

Outro termo traduzido digno de nota no âmbito cultural está exposto no trecho a seguir:

Texto Fonte

Texto de Chegada

<i>My daughter Linden chose to leave the little pond and put her feet in the ocean at a redwood college far from home.</i>	Minha filha Linden escolheu deixar nossa pequena lagoa e colocar seus pés no oceano rumo a uma universidade de Redwoods longe de casa.
--	--

Quadro 5 – Tradução comentada sobre Linden. Fonte: a autora.

Neste trecho, há a presença do termo “Linden”, que é o nome próprio da filha da narradora, e também é, conforme está expresso na nota de rodapé do Apêndice B, o nome de uma planta, em inglês, cuja tradução para o português é “Tília”. Apesar de considerar isso, optou-se por manter o nome próprio da filha da narradora, que também é o nome próprio da filha da autora, pois, conforme já foi abordado no presente trabalho, parte da estética do *corpus* está ligada à expressão de situações que ocorreram com a autora, pesquisadora, mãe e descendente dos povos originários norte-americanos Robin Wall Kimmerer. Portanto, apesar da simbologia do nome da filha da narradora ter a possibilidade de estar relacionada com a planta Tília, manteve-se o termo estrangeiro, ocultando esse significado do leitor falante da língua portuguesa, a fim de visar priorizar o nome próprio da filha da autora-narradora e o tom poético do TF, que é uma característica não só dessa obra, mas da literatura indígena de maneira geral, como já foi abordado anteriormente.

Além disso, precisa-se comentar sobre a escolha de colocar a letra inicial maiúscula e acrescentar o sufixo “-s” no termo “Redwoods”, no TC, que também está ligada ao objetivo de buscar manter o tom poético do TF. Isso pois há uma universidade que se chama “*College of the Redwoods*”, que é a universidade onde a filha da autora, Linden, foi estudar. Considerando o exposto, optou-se por mudar a forma de escrita da palavra como uma maneira poética de possibilitar que o leitor tivesse a possibilidade de alcançar essa poeticidade presente na obra. Também foi inserida uma nota de rodapé informando ao leitor que “redwood” é um tipo de sequoia.

Ademais, quanto à citação a seguir, há a necessidade de chamar a atenção, no âmbito da tradução cultural realizada:

Texto Fonte	Texto de Chegada
<i>Mired in the weeds, I rested for a bit surrounded by water shield, fragrant water lily, rushes, wild calla, and the eccentric flowers known variously as yellow pond lily, bullhead lily, Nuphar</i>	Atolada pelas plantas, descansei um pouco, enquanto estava cercada por um escudo de água, pela fragrância dos lírios d’água, por juncos, calas selvagens e flores excêntricas também conhecidas como lírios amarelos de lagoa, lírios cabeça de touro, Nuphar

<i>luteum, spatterdock, and brandybottle.</i>	<i>luteum, lírios spatterdock e lírios garrafa de conhaque.</i>
---	---

Quadro 6 – Tradução comentada sobre nomes de plantas. Fonte: a autora.

Nesse trecho há o nome de diversas plantas mencionados, dentre eles, é preciso observar:

- O termo “*wild calla*”, que foi traduzido como “calas selvagens”, segundo a nota de rodapé presente no Apêndice B, é uma planta da família do copo-de-leite, típica do hemisfério norte (N.C. COOPERATIVE EXTENSION, online). A relevância disso está ligada ao fato de que tal planta não se faz presente em nenhum país falante da língua portuguesa, portanto, não possui uma tradução, no âmbito da biologia, catalogada. Diante disso, optou-se por traduzir literalmente o termo, uma vez que “cala-branca” é utilizado como um sinônimo popularmente comum na língua inglesa para o “copo-de-leite” (PATRO, 2014). Com isso, compreendeu-se que os falantes da língua portuguesa, conhecendo ou não o termo “cala-branca” como ligado ao “copo-de-leite”, com a informação da nota de rodapé, seriam capazes de visualizar como é a planta mencionada no *corpus*.
- Os nomes “*yellow pond lily, bullhead lily, Nuphar luteum, spatterdock, and brandybottle*” foram traduzidos como “lírios amarelos de lagoa, lírios cabeça de touro, *Nuphar luteum*, lírios spatterdock e lírios garrafa de conhaque”. No entanto, em nota de rodapé, mencionou-se que tais termos, com exceção do exposto em itálico no TC, são traduções literais dos termos em inglês, pois, conforme já foi mencionado, os lírios d’água não são comuns em países falantes da língua portuguesa, com exceção da espécie Nenúfar-amarelo.

Ainda quanto à tradução de nomes de plantas, é necessário discutir as ocorrências, em especial, do termo “*spatterdock*” e as diferentes escolhas de tradução que este recebeu em cada situação do Apêndice B, conforme está exposto no Quadro 7, em ordem de ocorrências:

Texto Fonte	Texto de Chegada
<i>The long petioles of the spatterdock lilies, stretching six feet from the mucky bottom to the surface, tangled around my paddle as if they wanted to keep me from moving forward.</i>	Os pecíolos cumpridos dos lírios spatterdock , que se esticavam por quase dois metros desde o fundo úmido até a superfície, emaranhavam-se ao redor do meu remo, como se quisessem me impedir de seguir em frente.

<p><i>Mired in the weeds, I rested for a bit surrounded by water shield, fragrant water lily, rushes, wild calla, and the eccentric flowers known variously as yellow pond lily, bullhead lily, Nuphar luteum, spatterdock, and brandybottle.</i></p>	<p>Atolada pelas plantas, descansei um pouco, enquanto estava cercada por um escudo de água, pela fragrância dos lírios d'água, por juncos, calas selvagens e flores excêntricas também conhecidas como lírios amarelos de lagoa, lírios cabeça de touro, <i>Nuphar luteum</i>, lírios spatterdock e lírios garrafa de conhaque.</p>
<p><i>I've never witnessed it myself, but I'm told that the seeds pop dramatically from the pod onto the surface, earning one of their other names, spatterdock.</i></p>	<p>Eu nunca testemunhei isso, mas me disseram que as sementes rebentam dramaticamente da vagem até a superfície, fazendo com que recebam o nome de spatterdock.</p>
<p><i>Rustling whispers around my hull drew me from reverie and the first thing I saw upon opening my eyes were polished green leaves of water lilies and spatterdock smiling up at me again, rooted in darkness and floating in the light. I found myself surrounded by hearts on the water, luminous green hearts.</i></p>	<p>E os suspiros ao redor do meu casco me despertaram do meu sonho, fazendo com que a primeira coisa que eu visse, ao abrir os olhos, fossem as folhas verdes reluzentes de lírios d'água e lírios spatterdock, enraizados na escuridão e flutuando na luz, sorrindo pra mim de novo.</p>

Quadro 7 – Tradução comentada sobre *spatterdock*. Fonte: a autora.

A princípio, precisa-se chamar a atenção da primeira ocorrência, em que se optou por manter o termo estrangeiro e em itálico, sem explicações para o leitor. A segunda ocorrência, que já foi comentada, esclarece, em nota de rodapé, que o nome de lírio, “*spatterdock*”, não possui tradução para a língua portuguesa, deixando, assim, mais claro para o leitor o porquê de este termo estranho estar em itálico e não ter sido explicado anteriormente. No entanto, apenas a partir da terceira ocorrência do termo no *corpus* é que é possível compreender o que de fato significa tal termo, pois, no terceiro trecho a narradora explica isso ao relatar a sua experiência de testemunhar as sementes desta planta rebentando de suas vagens, respingando água ao fazê-lo. Diante disso é que optou-se por, nessa ocorrência, expor uma nota de rodapé explicando que “*spatterdock*” é a combinação entre “spatter” (“respingar”, em inglês) e “dock” (“estaleiro”, em inglês), o que informalmente pode ser traduzido como “estaleiro que respinga”, por se tratar de uma planta que fica rodeada por água, como um estaleiro, e que gera respingos de água quando suas sementes rebentam de suas vagens. Sendo assim, na última menção do termo, o leitor fez um percurso de

compreensão, a partir das ocorrências anteriores, de modo que esse passou de estranho/estrangeiro para conhecido/compreendido.

3.3. As Três Irmãs

A tradução cultural da história das Três Irmãs está exposta no Apêndice C. Sendo assim, há a necessidade de mencionar alguns aspectos ligados a esse tipo de tradução realizada. Considerando isso, chama-se a atenção para o demonstrado a seguir:

Texto Fonte	Texto de Chegada
<i>In May I untie the packet and there is the gift: three seeds.</i>	Em maio desamarrei o pacote, e lá havia o presente: três sementes.

Quadro 8 – Tradução comentada sobre as diferentes épocas em que as estações do ano ocorrem. Fonte: a autora.

Em tal trecho há a menção a algo que ocorreu no mês de maio. Porém, diante do contexto dado pela narradora nas demais histórias analisadas, e levando em consideração o fato de que a autora, a qual expõe suas experiências enquanto narradora no *corpus*, vive no hemisfério norte, é possível deduzir que a estação do ano pressuposta na história não é a mesma que seria em maio no hemisfério sul, na parte do Brasil, por exemplo. Isso é relevante pois a história das Três Irmãs expõe todo o processo de desenvolvimento do plantio das três plantas que simbolizam essas irmãs: o milho, o feijão e a abóbora. Parte da demonstração desse desenvolvimento está ligada à época certa do plantio, que, conseqüentemente, está ligada às estações do ano. Portanto, quando o texto menciona que em maio as sementes foram desembrulhadas para serem plantadas, faz-se referência ao final da estação da primavera, no hemisfério norte. Considerando isso, optou-se por não alterar o mês de maio para dezembro, ou por trocar a menção ao mês pela estação, mas sim por manter o mês de maio e expor, com ele, uma nota de rodapé, visando situar o leitor quanto a essa particularidade da estação do ano que está ligada ao mês de maio no hemisfério norte do planeta.

Ainda quanto à questão do plantio das Três Irmãs, é preciso comentar sobre os termos em inglês “*pumpkin*” e “*squash*”, que, em ambos os casos, sempre foram

traduzidos no texto como “abóbora”, conforme é possível visualizar no Quadro 9, que manifesta todas ocorrências, em negrito, desses termos no texto:

Texto Fonte	Texto de Chegada
<i>I've lain among ripening pumpkins [...]</i>	Repousei diante de abóboras amadurecendo [...]
<i>A microphone in the hollow of a swelling pumpkin would reveal the pop of seeds expanding and the rush of water filling succulent orange flesh.</i>	Um microfone no interior de uma abóbora em desenvolvimento revelaria o estalo das sementes expandindo e a precipitação da água preenchendo sua carne laranja suculenta.
<i>And there is a pumpkin seed like an oval china dish [...]. I hold in my hand the genius of indigenous agriculture, the Three Sisters. Together these plants—corn, beans, and squash—feed the people, feed the land, and feed our imaginations, telling us how we might live.</i>	[...] e havia uma semente de abóbora , que parecia uma louça oval de porcelana [...]. Assim estava eu, segurando as gênias da agricultura indígena, As Três Irmãs – o milho, o feijão e a abóbora –, que, juntas, alimentam as pessoas, alimentam a terra, e alimentam a nossa imaginação, nos dizendo como devemos viver.
<i>Pumpkins and squash take their time—they are the slow sister.</i>	As abóboras levam o tempo delas – são a irmã mais lenta.
<i>I'm told that our ancestors would put the squash seeds in a deerskin bag [...].</i>	Me contaram que os nossos ancestrais colocavam as sementes de abóbora em uma sacola de pele de corça [...].
<i>Meanwhile, the squash, the late bloomer of the family, is steadily extending herself over the ground [...].</i>	Enquanto isso, a abóbora , o florescer tardio da família, está constantemente ampliando-se pelo chão [...].
<i>In gratitude for their generosity, the three sisters revealed their true identities—corn, beans, and squash—and gave themselves to the people in a bundle of seeds so that they might never go hungry again.</i>	Em agradecimento pela generosidade, as três irmãs revelaram suas identidades verdadeiras – milho, feijão e abóbora – e deram a si mesmas àquele povo num pacote de sementes para que eles nunca mais sentissem fome de novo.
<i>Spread around the feet of the corn and beans is a carpet of big broad squash leaves that intercept the light that falls among the pillars of corn.</i>	E, ao redor dos pés de milho e feijão, há um tapete de folhas grandes e largas de abóboras espalhando-se, que intercepta a luz que cai sob as colunas de milho.
<i>[...] and pumpkins swell at your feet.</i>	[...] e as abóboras crescem aos seus pés.
<i>It might seem as if she is taking a free ride in this garden, benefiting from the corn's height and the squash's shade, but by the rules of reciprocity none can take more than she gives. The corn takes</i>	Então, na cultura agrícola das Três Irmãs, é como se ele estivesse dando uma volta por essa cultura agrícola e se beneficiando da altura do milho e do formato da abóbora , mas, seguindo as

<p><i>care of making light available; the squash reduces weeds.</i></p>	<p>regras da reciprocidade, ninguém pode receber mais do que ganhar. O milho cuida de tornar a luz acessível, a abóbora minimiza as pragas.</p>
<p><i>The squash finds its share by moving away from the others. Wherever a squash stem touches soil [...]</i></p>	<p>Já a abóbora consegue a sua parte ao afastar-se das outras – pois, onde quer que o pedúnculo da abóbora tocar o solo [...]</p>
<p><i>Together, they create nitrogen fertilizer that enters the soil and fuels the growth of the corn and the squash, too. There are layers upon layers of reciprocity in this garden: between the bean and the bacterium, the bean and the corn, the corn and the squash, and, ultimately, with the people.</i></p>	<p>Juntos, criam o fertilizante nitrogenado que entra no solo e abastece o desenvolvimento do milho e da abóbora também. Há camadas e camadas de reciprocidade nessa cultura agrícola: entre o feijão e a bactéria, o feijão e o milho, o milho e a abóbora, e, por fim, entre as pessoas.</p>
<p><i>“See the way it works? Corn is the vertical element, squash horizontal, and it’s all tied together with these curvilinear vines, the beans.</i></p>	<p>– Está vendo como funciona? O milho é o elemento vertical, a abóbora é o horizontal, e está tudo conectando-se com essas gavinhas curvilíneas, os feijões.</p>
<p><i>To ease her into the work, I suggest that she take the relatively clean task of simply following a squash vine from one end to another and diagramming the flowers. Way out at the young tip of the vine are orange squash blossoms as ruffled and splashy as her skirt.</i></p>	<p>Para aliava-la quanto ao trabalho, sugeri que fizesse uma tarefa relativamente limpa, a de simplesmente seguir os ramos de abóbora de uma ponta a outra e esquematizar as flores. Mais à frente, na ponta da videira, há flores de abóbora tão franzidas e orvalhadas quanto a sua saia.</p>
<p><i>[...] the older flowers have wilted and a tiny little squash has appeared where the flower’s pistil had been. Closer and closer to the plant, the squashes become larger, from a penny-size nub with flower still attached, to the full ripeness of a ten-inch squash.</i></p>	<p>[...] as flores mais velhas murcharam e uma pequenina abóbora surgiu onde estava o pistilo da flor. Quanto mais perto da base da planta, maiores as abóboras, desde o tamanho de uma moeda com uma flor anexada até uma abóbora totalmente madura de quase vinte cinco centímetros e meio.</p>
<p><i>Together we pick a ripe butternut squash and slice it open so she can see the seeds in the cavity within. “You mean a squash comes from a flower?” she says incredulously, seeing the progression along the vine. “I love this kind of squash at Thanksgiving.”</i></p>	<p>Juntas colhemos uma abóbora-menina madura e a cortamos para abri-la. Assim, ela vê as sementes na cavidade interna. – Você quer dizer que as abóboras vêm da flor? – diz ela incrédula, observando a progressão ao longo da ramagem. – Eu amo esse tipo de abóbora no Dia de Ação de Graças.</p>
<p><i>“You mean all these years I’ve been eating ovaries? Blech—I’ll never eat a squash again.”</i></p>	<p>– Você quer dizer que todos esses anos eu tenho comido ovários? Eca! Nunca mais vou comer abóbora de novo.</p>

<i>The kids are delegated to shuck the corn while parents fill a bowl with new green beans and the littlest kids peek under prickly leaves looking for squash blossoms.</i>	Lá, as crianças têm a função de debulhar o milho enquanto seus pais enchem uma tigela com feijões verdes frescos e as crianças menores ficam embaixo das folhas pruriginosas buscando flores de abóbora .
<i>But neither beans nor corn have the vitamins that squash provide in their carotene-rich flesh.</i>	[...] pois nem o feijão e nem o milho têm as vitaminas que a abóbora possui em sua polpa rica em caroteno.
<i>There must be millions of corn plants out there, standing shoulder to shoulder, with no beans, no squash, and scarcely a weed in sight.</i>	Deve haver milhões de pés de milho lá em pé, ombro a ombro, sem feijões ou abóboras , e dificilmente há plantas invasoras à vista também.
<i>And the tractors return with herbicides to suppress weeds in lieu of squash leaves.</i>	E a volta dos tratores com herbicidas para suprimir as plantas invasoras trabalha no lugar das folhas das abóboras .
<i>The squash creates the ethical habitat for coexistence and mutual flourishing.</i>	Enquanto que a abóbora cria o habitat ético para o desenvolvimento em coexistência e florescimento mútuo.
<i>There's a squash pie, too.</i>	Há uma torta de abóbora também.
<i>Corn, beans, and squash are fully domesticated; they rely on us to create the conditions under which they can grow.</i>	O milho, o feijão e a abóbora estão completamente domesticadas, pois dependem de nós para criarem as condições em que podem crescer.
<i>Alone, a bean is just a vine, squash an oversize leaf.</i>	Sozinho, um feijão é apenas uma trepadeira videira e a abóbora é apenas uma folha larga demais.

Quadro 9 – Tradução comentada sobre *squash vs. pumpkin*. Fonte: a autora.

Apesar de ambos os termos terem sido traduzidos como “abóbora”, precisa-se mencionar que, para decidir como traduzi-los, a tradutora levou em consideração a diferença entre ambos. Basicamente, o fator em comum entre “*squash*” e “*pumpkin*”, biologicamente, é que ambas pertencem ao mesmo gênero (REVISTA CULTIVAR HORTALIÇAS E FRUTAS, 2020). Entretanto, as espécies que possuem casca grossa são chamadas, geralmente, de *pumpkin*, enquanto que, de maneira geral, o termo *squash* abrange todos os tipos de abóbora e abobrinhas, independentemente de terem casca grossa ou não (N.C. STATE UNIVERSITY, online).

Ao considerar tais informações, é preciso lembrar que em português não existe duas palavras que fazem tal distinção, como *squash* e *pumpkin* fazem no inglês. Há o termo “abóbora”, que abrange todas as espécies de abóboras, como “*squash*”,

independentemente de terem casca dura ou não. Portanto, optou-se por sempre ocorrerem tais termos no texto, estes fossem traduzidos como “abóbora”.

Ainda quanto a nomenclaturas de plantas em inglês vs. em português, há a necessidade de observar o trecho a seguir:

Texto Fonte	Texto de Chegada
<i>The tables fill up with trays of golden cornbread, three-bean salad, round brown bean cakes, black bean chili, and summer squash casserole.</i>	As mesas são preenchidas com bandejas de pedaços pão de milho dourados, salada de três feijões, bolos arredondados de feijão marrom , chilli de feijão preto e caçarola de abobrinha.

Quadro 10 – Tradução comentada sobre *brown beans*. Fonte: a autora.

Diante do exposto, é importante chamar a atenção para “bolos arredondados de feijão marrom”, mais precisamente, “feijão marrom”. Tal espécie de feijão não é típica de nenhuma região falante da língua portuguesa, pois é uma variedade sueca que se adaptou ao clima e ao solo da América do Norte, sendo lá conhecida como Feijão Marrom Sueco (do inglês, *Swedish Brown Bean*) ou só Feijão Marrom (NILSSON, JOHANSSON, EKSTRÖM, BJÖRCK, 2013; FOSTER, 2022). Ao observar isso, viu-se a necessidade de inserir uma nota de rodapé mencionando o fato de que essa variedade de feijão não existe em países falantes da língua portuguesa, e, por extensão, não há ocorrência da tradução catalogada de tal termo, pois este só funciona nos países em que esse tipo de feijão faz parte de sua cultura.

Além das questões tradutórias no âmbito da nomenclatura das plantas expressas no *corpus*, é necessário comentar sobre os insetos que as Três Irmãs atraem em suas plantações, os quais são popularmente chamados de “pragas”. Estas estão mencionadas no trecho a seguir:

Texto Fonte	Texto de Chegada
<i>Some, like corn worms and bean beetles and squash borers, are there with the intent of feeding on the crop.</i>	Alguns, como lagartas-da-espiga , besouros do feijão mexicano e brocas-de-abóbora , estão lá com o objetivo de se alimentarem da safra.

Quadro 11 – Tradução comentada sobre insetos que se instalam na plantação das Três Irmãs. Fonte: a autora.

É possível observar que o nome dos insetos mencionados em inglês contém o nome da planta que eles afetam. No entanto, em português, tais nomes sofrem algumas alterações, como “*corn worms*”, que, em vez de ser “minhocas-do-milho”, é traduzido

pelos falantes da língua portuguesa como “lagartas-da-espiga”. Há também o caso do termo “*bean beetles*”, que, em vez de serem “besouros-do-feijão”, foi traduzido como “besouros do feijão mexicano” no português. Isso ocorreu, pois, o nome desses insetos traduzidos para língua portuguesa, que estão catalogados, são os expostos no TC. Apesar disso, o nome “*squash borers*” tem uma particularidade diferente dos demais: esse inseto não existe em países falantes da língua portuguesa. Portanto, o seu nome não foi traduzido pelos seus falantes. Diante disso, optou-se por traduzir literalmente o nome do inseto como “brocas-de-abóbora” e adicionar uma nota de rodapé esclarecendo ao leitor que tal nome não foi catalogado, biologicamente, na língua portuguesa, por conta dos fatores já mencionados.

3.4. *Umbilicaria: o umbigo do mundo*

A tradução cultural da história *Umbilicaria: o umbigo do mundo* se faz presente no Apêndice D. Quanto a ela, há a necessidade de comentar dois aspectos. O primeiro se refere ao exposto no trecho a seguir:

Texto Fonte	Texto de Chegada
<i>So charismatic a being has accumulated many names; it is most frequently known as the rock tripe and sometimes as the oakleaf lichen.</i>	Ela é um ser tão carismático que já acumulou muitos nomes; mas é mais frequentemente conhecida como “entranhas rochosas”, e as vezes como “líquen folha de carvalho”.

Quadro 12 – Tradução comentada sobre o *oakleaf lichen*. Fonte: a autora.

A partir do trecho apresentado, é preciso comentar sobre os termos entre aspas, pois estes fazem menção aos nomes populares do líquen *Umbilicaria*. Entretanto, tal líquen não é típico de regiões falantes da língua portuguesa. Portanto, seus nomes populares foram traduzidos e acompanhados por uma nota de rodapé esclarecendo que tais traduções não representam seus nomes populares de fato, uma vez que esse líquen não existe em países que tem o português como língua materna.

O segundo aspecto da tradução realizada no presente trabalho que precisa ser comentado está ligado ao seguinte trecho:

Texto Fonte	Texto de Chegada
-------------	------------------

<p><i>Then we set it to boil for half an hour. It yields a lichen broth that is quite palatable and rich enough in protein to gel like consommé when it is chilled, tasting vaguely of rock and mushroom.</i></p>	<p>Depois, a colocamos para ferver por meia hora. Isso gera um caldo de líquen, que é bem palatável e rico o suficiente, em proteínas, para ficar espesso como um consomê quando refrigerado. Seu sabor lembra vagamente pedras e cogumelos.</p>
--	---

Quadro 13 – Tradução comentada sobre consomê. Fonte: a autora.

Diante do exposto, é possível observar que o termo “*consommé*”, uma palavra francesa agregada à língua inglesa, foi traduzido para o português como “consomê”, pois, segundo o Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis (online a), tal termo está catalogado na língua inglesa como uma tradução para se referir ao que primordialmente os franceses denominaram de “*consommé*” (CAMBRIDGE ONLINE DICTIONARY, online a). Em outras palavras, “consomê” é um estrangeirismo do termo francês “*consommé*”, de modo que a língua portuguesa se “apossou” do termo, ou seja, de um elemento cultural, de origem estrangeira. Considerando isso, optou-se, na presente tradução cultural, por traduzir tal termo utilizando a opção estrangeirizada da língua portuguesa. Também precisa-se comentar que, como o termo se trata de um prato advindo da cultura francesa, viu-se a necessidade de inserir uma nota de rodapé ponderando que o consomê é uma sopa rala, ou um caldo, geralmente feito carne cozida, sem a adição de qualquer outro ingrediente (CAMBRIDGE ONLINE DICTIONARY, online a; DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUESA MICHAELIS, online a).

3.5. *Povo de Milho, Povo de Luz*

A tradução cultural da história *Povo de milho, povo de luz* está presente no Apêndice E da presente dissertação, de modo que se faz necessário comentar sobre o trecho, retirado do *corpus*, disposto a seguir:

Texto Fonte	Texto de Chegada
<p><i>The Popul Vuh, the Mayan sacred text in which this story is contained, is perceived as more than just a chronicle. As David Suzuki notes in The Wisdom of the Elders, the Mayan stories are</i></p>	<p>O Popol Vuh, um texto sagrado maia em que essa história é contada, é apenas tido como mais que uma simples crônica, por exemplo. Mas, conforme David Suzuki notou em A Sabedoria dos Anciões, as histórias maias são</p>

<i>understood as an ilbal—a precious seeing instrument, or lens, with which to view our sacred relationships. He suggests that such stories may offer us a corrective lens.</i>	definidas como ilbal – um instrumento precioso de visão, ou uma lente, com a qual vemos os nossos relacionamentos sagrados –, sugerindo, assim, que tais histórias podem nos oferecer uma lente corretiva.
---	--

Quadro 14 – Tradução comentada sobre o *Popol Vuh*. Fonte: a autora.

Nas citações dispostas no Quadro 14, é possível observar que o termo “*Popul Vuh*” foi traduzido como “*Popol Vuh*”. Isso ocorreu pois foi constatado que tal texto sagrado mencionado no *corpus* já foi traduzido para a língua portuguesa, e em todas as diferentes edições e editoras trocaram a letra “u” por “o” em “Popul” no título. Porém, há uma justificativa expressa na tradução de tal texto sagrado para isso ter ocorrido: segundo Recinos (1946), a pronúncia desse nome na língua do povo originário norte-americano que criou o *Popol Vuh* se assemelha à maneira como o título foi traduzido no português. Diante disso, e considerando a possibilidade de que o leitor falante da língua portuguesa, caso tenha interesse, busque pesquisar sobre a obra, ele poderá, ao pesquisar o termo “*Popol Vuh*”, encontrá-la traduzida para o português, optou-se por traduzir o título da maneira descrita no Quadro 14.

Ainda quanto ao trecho em questão, faz-se importante comentar sobre a outra obra dos povos originários norte-americanos mencionada: *A Sabedoria dos Anciões*. Diferentemente de *Popol Vuh*, esta não foi traduzida para a língua portuguesa. Isso fez com que houvesse uma nota de rodapé acompanhando o termo, visando expor o nome completo da obra e sua autoria, considerando a possibilidade de que, caso o leitor busque procurá-la, tenha a ciência de que esta ainda não foi traduzida para o português e dos dados necessários para encontrá-la.

3.6. Epílogo: retornando o favor

O epílogo do *corpus* se faz presente no Apêndice F da presente dissertação, juntamente com a sua tradução cultural. Considerando isso, há mais um termo a ser comentado, que se faz presente no trecho a seguir:

Texto Fonte	Texto de Chegada
<i>This is our traditional giveaway, the minidewak, an old ceremony well loved</i>	Essa é a nossa doação tradicional, a minidewak, uma cerimônia antiga muito

<i>by our people and a frequent feature of powwows.</i>	amada pelo nosso povo e uma parte frequentemente presente em powwows .
---	---

Quadro 15 – Tradução comentada sobre powwows. Fonte: a autora.

A partir do exposto, é preciso chamar a atenção, primeiramente, para o termo “powwows”, o qual foi acompanhado por uma nota de rodapé. Isso se deu justamente porque é a denominação dada a encontros dos povos originários norte-americanos com o objetivo de tomar decisões ou realizar cerimônias/celebrações espirituais (CAMBRIDGE ONLINE DICTIONARY, online b). Como se trata de algo realizado entre os povos originários norte-americanos exclusivamente, não há um termo na língua portuguesa para traduzi-lo, uma vez que se trata de algo típico de regiões em que o português não é a língua materna. Por conta disso é que o termo foi mantido estrangeiro e acompanhado de uma nota de rodapé para explicá-lo.

Ademais, também se faz importante comentar sobre o termo “giveaway”, que é constantemente mencionado no texto por se tratar da temática da história apresentada. Conforme está explicado no Apêndice F como um todo, a “giveaway” é uma cerimônia tradicional dos povos originários norte-americanos em que se doa algo que você tem para que isso retorne à natureza, ou seja, à Mãe Terra, como uma forma de agradecimento por todos os “presentes”/recursos que a natureza fornece a cada indivíduo. Tal termo foi traduzido como “doação” por conta de Fábio Fernandes, na carta “Give-Away Ceremony”⁴², ter traduzido o termo ligado ao mesmo assunto como “Cerimônia da Doação”.

⁴² Esta carta acompanha o livro *As cartas do caminho sagrado: a descoberta do ser através dos ensinamentos dos índios norte-americanos* de Jamie Sams (1990), cuja tradução foi feita por Fábio Fernandes.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto na presente dissertação até então, foi possível observar que a tradução cultural comentada aqui apresentada teve os seus objetivos, previamente apresentados, atingidos. Estes abrangem tópicos como o auxílio no processo de introdução dos conhecimentos dos povos originários norte-americanos aos conhecimentos científicos, o que se deu por meio do exposto em cada uma das histórias traduzidas e na reflexão apresentada no Capítulo 2. Outro objetivo cumprido foi o uso do socialismo científico (WILLIAMS, 1979) como metodologia, uma vez que há o entendimento de que o conhecimento tradicional dos povos originários norte-americanos e o conhecimento científico são tidos como informações possuidoras de pesos distintos aos olhos da sociedade como um todo (HOGAN, 2014). Isso se dá por conta da ideologia e do preconceito (não só literário) em que a sociedade multicultural moderna (BONNICI, 2011) atual ainda está imersa, o qual é fruto da colonialidade do poder/ser (QUIJANO, 2009; CURIEL, 2020). Ademais, possibilitou-se maior acesso a produções estrangeiras, algo que ocorreu por meio da tradução apresentada do *corpus* nos Apêndices; gerou-se a sobrevida do TP (DERRIDA, 2002) por meio de reflexões que o processo de tradução trouxe (apresentadas no Capítulo 3) e trará nos leitores brasileiros; propiciou-se a socialização por meio do contato com as diferenças culturais entre os detentores da CP e os detentores da CC (PYM, 2014), o que se deu por meio do uso predominantemente da “estrangeirização” (VENUTI, 1995); e realizou-se negociações intraculturais (RIBEIRO, 2004; LOPES, LEAL, 2017), visando que o leitor vislumbresse a cultura do TF (VENUTI, 1995) e fosse beneficiado ao receber conhecimento sobre uma cultura estrangeira (KRUPAT, 1996) de forma esclarecedora no TC (SCHLEIERMACHER, 1813), concebendo, assim, novas visões de mundo além da que está inserida em sua própria cultura (PYM, 2014).

Portanto, prezando contribuir para com o processo de transição/descontinuação/superação da modernidade atual para uma sociedade intercultural (WALSH, 2002) que visa alcançar o renascimento pós-colonial (BONNICI, 2012), optou-se por auxiliar o movimento de busca pela resistência (FERREIRA, 2019) e sobrevida (FELDMAN; SILVESTRE, 2019) da cultura dos povos originários norte-americanos, traduzindo histórias advindas da obra de literatura indígena *Braiding Sweetgrass*. Isso pois o *corpus* tem como característica trançar/unir a oratura indígena, o conhecimento dos povos originários norte-americanos, as experiências de

vida da narradora/autora descende dos povos originários norte-americanos com o conhecimento científico eurocêntrico sobre as plantas.

Diante do exposto, é possível vislumbrar que os pontos comentados no Capítulo 3, sobre a Tradução Cultural executada, prezam justamente pelos aspectos explicados no Capítulo 2, os quais estão resumidos no parágrafo anterior. Sendo assim, basicamente, é possível observar que os termos comentados estão ligados aos aspectos: nomes próprios ligados a pessoas ou entidades (como Mulher Celeste e Linden), títulos de obras (como *Momento em Revoada* e *Popol Vuh*), nomes de plantas e insetos que não existem em países falantes da língua portuguesa (como feijões marrons e brocas-de-abóbora), expressões típicas da língua inglesa que não seriam compreendidas se fossem traduzidas literalmente para o português (como “sair perdendo”), menções a contextos que não fazem sentido se for levada em consideração a realidade de alguns países falantes da língua portuguesa (como mencionar que o mês de maio é o período de plantação das três irmãs, sendo que em maio no hemisfério norte é o final da primavera e no hemisfério sul é o final do outono), termos em alguma língua dos povos originários norte-americanos (como “powwows”) e termos que têm diferenciação na língua inglesa mas não têm na língua portuguesa (como “squash” e “pumpkin”).

A partir disso, é preciso mencionar que, de todos os tipos de termos enfatizados na presente dissertação, os ligados à biologia foram os mais difíceis de encontrar soluções de tradução, visto que cada termo mobilizou a tradutora a ir em busca de livros e artigos dessa área para encontrar traduções na língua portuguesa. Uma das estratégias mais utilizadas nesses casos foi o uso do nome científico das espécies/famílias pesquisadas para que houvesse uma certificação da existência de um nome traduzido. Ademais, fez-se necessário observar os locais catalogados em que tais espécies/famílias se fazem presentes para garantir que estas existem em países falantes da língua portuguesa ou não. Com isso, como último recurso, houve situações em que se optou por traduzir literalmente os termos, acompanhando-os com notas de rodapé, conforme o exposto no Capítulo 3. Tais casos abrangem os seguintes termos das seguintes histórias:

- *O Consolo Dos Lírios D'água*
 - lírios d'água, calas selvagens;
 - lírios amarelos de lagoa;

- Lírios cabeça de touro;
- Lírios garrafa de conhaque.
- *As Três Irmãs*
 - feijão marrom;
 - brocas-de-abóbora.
- *Umbilicaria: o umbigo do mundo*
 - Líquen folha de carvalho.

Ao considerar isso, pode-se compreender que o trabalho de executar uma tradução de cunho cultural é algo que exige um olhar muito cauteloso em relação a todo termo de âmbito cultural que pode causar estranheza a um leitor não familiarizado com a CP. Sendo assim, espera-se que a realização desta Tradução Cultural comentada motive outros acadêmicos a buscarem contribuir para com o fim de todo o tipo de preconceito ainda enraizado em nossa sociedade, visando, um dia, torná-la intercultural permanentemente em todos os aspectos.

REFERÊNCIAS

- ADAMSON, Joni. **American Indian Literature, Environmental Justice & Ecocriticism**: The Middle Place. Arizona: University of Arizona Press, 2001.
- ADORNO, Theodor W. Sobre a lógica das ciências sociais. 1962. In: COHN, Gabriel. **Theodor W. Adorno**: sociologia. Trad. Aldo Onesti. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- ALEX, Rayson K. tinai-Documentation as Ecocultural Ethnography. In: ADAMSON, Joni; MONANI, Salma. **Ecocriticism and indigenous studies**: conversations from earth to cosmos. New York and London: Routledge, 2016.
- AMORIM, Lauro Maia. Tradução & Identidade. In: AMORIM, Lauro Maia; RODRIGUES, Cristina Carneiro; STUPIELLO, Érika Nogueira de Andrade. **Tradução &**. 1 ed. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2015.
- ANNIE KW. **bruce king moment in flight**. 2021. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/144115256817583705/>. Acesso em: 22 abr. 2022.
- BAKER, Mona. Lingüística e Estudos Culturais: Paradigmas Complementares ou Antagônicos nos Estudos da Tradução?. In: MARTINS, Marcia A. P. **Tradução e multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- BARRAGÁN, Alba Margarita Aguinaga; LANG, Miriam; CHÁVEZ, Dunia Mokrani; SANTILLANA, Alejandra. Pensar a partir do feminismo: críticas e alternativas ao desenvolvimento. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.
- BHABHA, Homi. A questão do “outro”: diferença, discriminação e o discurso do colonialismo. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pós-modernismo e política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991, p. 177-203.
- BÍBLIA SAGRADA. **A bíblia sagrada contendo o velho e o novo testamentos**. A Utah: Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. 2015.
- BLEAKLEY, Alan. **The animalizing imagination**: totemism, textuality and ecocriticism. London: Macmillan Press LTD, 2000.
- BOITO, Fernanda Silveira; OLHER, Rosa Maria. Questões discursivas e identitárias na tradução para legendagem em “O lixo extraordinário”. In: OTHER, Rosa Maria; SCHÄFFER, Ana M. **Tradução, cultura & contemporaneidade**. Maringá: Edição da Autora, 2013.
- BONNICI, Thomas. O multiculturalismo e a literatura negra britânica no contexto multicultural. In: BONNICI, Thomas. **Multiculturalismo e diferença**: narrativas do sujeito na literatura negra britânica e em outras literaturas. Maringá: Eduem, 2011.
- BONNICI, Thomas. **O Pós-colonialismo e a Literatura**: estratégias de leitura. 2ª. ed. revista e ampliada. Maringá: Eduem, 2012.

BONNICI, **Teoria e crítica literária feminista**: conceitos e tendências. Maringá: Eduem, 2007.

BONNICI, Thomas. Teoria e crítica pós-colonialistas. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 4ª ed. Maringá: Eduem, 2019.

BURKE, Peter. Culturas da tradução nos primórdios da Europa Moderna. In: BURKE, Peter; HSIA, R. Po-chia. **A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

BURKE, Peter; HSIA, R. Po-chia. Introdução. In: BURKE, Peter; HSIA, R. Po-chia. **A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

BUTTERFLIES AND MOTHS. **Squash Vine Borer**: *Melittia cucurbitae* Harris, 1828. online. Disponível em: <https://www.butterfliesandmoths.org/species/Melittia-cucurbitae>. Acesso em: 13 jul. 2022.

CALIFORNIA STATE PARKS. **Patrick's Point**: State Park. 2012. Disponível em: https://www.savetheredwoods.org/wp-content/uploads/PatricksPoint_web_110212.pdf. Acesso em: 20 jul. 2021.

CAMBRÉ, M. Teresa. Terminology and translation. In: GAMBIER, Yves; DOORSLAER, Luc van. **Handbook of Translation Studies**. V. 1. John Benjamins Publishing Company: Philadelphia. 2010.

CAMBRIDGE ONLINE DICTIONARY. **consommé**. online a. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/consomme>. Acesso em: 21 set. 2021.

CAMBRIDGE ONLINE DICTIONARY. **powwow**. online b. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/powwow>. Acesso em: 24 set. 2021.

CAMPBELL, Megan. Cultivating a New Educator: Teacher and Students Sharing Growth. **Dissertação** (Mestre em Artes no ramo da Língua Inglesa) – Faculdade de Língua Inglesa, Bowling Green State University. Bowling Green, p. 73. 2019.

CANDIDO, Antonio. Direito à Literatura. In: LIMA, Aldo de; TENÓRIO, Anco Márcio; CANDIDO, Antonio; YUNES, Eliana; PAULINO, Graça; COSSON, Rildo; LAJOLO, Marisa; SOUZA, Roberto Acizelo de; AGUIAR, Vera Teixeira de. **O Direito à Literatura**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.

CASTRO, Susana de. Condescendência: estratégia pater-colonial de poder. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

CATFORD, John Cunnison. **Uma teoria da tradução**: um ensaio de linguística aplicada. São Paulo: Cultrix, 1980.

CARVAJAL, Julieta Paredes. Uma ruptura epistemológica com o feminismo ocidental. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

CLARK, George H.; FLETCHER, James. **Farm Weeds of Canada**. Ottawa: Department of Agriculture, 1906.

COLUMBE, Joseph L. **Reading Native American Literature**. New York: Routledge, 2011.

CURIEL, Ochy. Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

CUTCHINS, Dennis. Bakhtin, Intertextuality, and Adaptation. In: LEITCH, Thomas. **The Oxford Handbook of Adaptation Studies**. New York: Oxford University Press, 2017, p. 72-86.

DELACH, Aimee; KIMMERER, Robin Wall. The Effect of *Polytrichum piliferum* on Seed Germination and Establishment on Iron Mine Tailings in New York. **The Bryologist**. V. 105. n. 2. 2002. p. 249-255.

DELISLE, Jean. História da tradução. **Revista Gragoatá**. n. 13. Niterói. 2002. p. 9-21.

DELORIA JR., Vine. **God is red**: a native view of religion. 30th Anniversary Edition. Golden: Fulcrum Publishing, 2003.

DERRIDA, Jacques. **Torres de Babel**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

DICIONÁRIO MICHAELIS. **consumê**. online a. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/consom%C3%AA/>. Acesso em: 12 jul. 2022.

DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUESA MICHAELIS. **Cosmogonia**. s/d. online b. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/cosmogonia/>. Acesso em: 02 jun. 2021.

DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUESA MICHAELIS. **Mítico**. s/d. online c. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/m%C3%ADtico/>. Acesso em: 16 jun. 2022.

DICIONÁRIO PRIBERAM. **hieró-**. s/d. online. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/hiero->. Acesso em: 29 jul. 2021.

DICIONARIUM. **lírio-de-água**. online. Disponível em: <https://dicionarium.com/l%C3%ADrio-de-%C3%A1gua/>. Acesso em: 24 ago. 2022.

DREESE, Donelle N. **Ecocriticism**: creating self and place in environmental and American Indian literatures. New York: Peter Lang Publishing, 2002.

ECO, Umberto. **Quase a mesma coisa**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007.

ELSNER, John. A Greek Pilgrim in the Roman World. **Past & Present**. n. 135, Maio, 1992, pp. 3-29.

ENCYCLOPEDIA BRITANNICA. **Demeter**. online a. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Demeter>. Acesso em: 29 jul. 2021.

ESF. College of Environmental Science and Forestry. SUNY. **Robin W. Kimmerer**. Disponível em: <https://www.esf.edu/faculty/kimmerer/>. Acesso em: 01. jun. 2021.

ESTEVES, Lenita Rimoli; AUBERT, Francis Henrik. "Shakespeare in the bush" - História e Tradução. **Tradução & Comunicação**. n. 17. Anhanguera Educacional S.A., 2008.

FELDMAN, Alba Krishna Topan; SILVESTRE, Nelci Alves Coelho. Estratégias de resistência, sobrevivência e continuidade no discurso de grupos étnicos colonizados: reflexões teóricas. In: FELDMAN, Alba Krishna Topan; MUNHOZ, Ruan Fellipe. **Perspectivas multiculturais e pós-coloniais**: irrompendo a literatura convencional. Maringá: Editora Trema, 2019.

FERREIRA, Geniane Diamante Ferreira. Resistência de Crossing the River, de Caryl Phillips. In: FELDMAN, Alba Krishna Topan; MUNHOZ, Ruan Fellipe. **Perspectivas multiculturais e pós-coloniais**: irrompendo a literatura convencional. Maringá: Editora Trema, 2019.

FERREIRA-PINTO, Cristina. Autobiografia feminista: o confronto do *eu* e do social no romance de escritoras latino-americanas. **Letras de Hoje**. v. 37. n. 4. Porto Alegre, 2012.

FLEISCHNER, Thomas L.; ESPINOZA, Robert E.; GERRISH, Gretchen A. Gerrish; GREENE, Harry W.; KIMMERER, Robin Wall; LACEY, Eileen A.; PACE, Steven; PARRISH, Julia K.; SWAIN, Hilary M.; TROMBULAK, Stephen C.; WEISBERG, Saul; WINKLER, David W.; ZANDER, Lisa. Teaching Biology in the Field: Importance, Challenges, and Solutions. **BioScience**. v. 67. n. 6. 217. p. 558-567.

FOSTER, Niki. **What are Brown Beans?**. 2022. Disponível em: <https://www.delightedcooking.com/what-are-brown-beans.htm>. Acesso em: 13 jul. 2022.

GALDINO, Luiz. **A astronomia indígena**. São Paulo: Nova Alexandria, 2011.

GHIRARDI, Pedro Garcez. São Francisco e o *Cântico das Criaturas*. In: Conventit Internacional 30 (Conventit Internacional coepta 1), 2019, Universidade do Porto. **Anais**. Porto: Cemoroc-Feusp / IJI, 2015, p. 51-58. Disponível em:

<http://www.hottopos.com/convenit30/51-58PedroCantico.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2022.

GLOTFLETY, Cheryll. Introduction. In: GLOTFLETY, Cheryll; FROMM, Harold. **The ecocriticism reader: landmarks in literary ecology**. Athens and London: The University of Georgia Press, 1996.

GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

HOGAN, Linda. We call it tradition. In: HARVEY, Graham. **The Handbook Contemporary Animism**. London and New York: Routledge. 2014.

HOOKS, Bell. **Teoria feminista: da imagem ao centro**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

HOROWITZ, Michael G. Friedrich Nietzsche and Cultural Revivalism in Europe (1878-88). **Mankind Quarterly**. Vol. 40, Ed. 2. Winter, 1999.

INFOPÉDIA. **lírio-d'água**. online. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/l%C3%ADrio-d%27%C3%A1gua>. Acesso em: 24 ago. 2022.

INSPIRING YOUNG MINDS. **Turtle Island-Poster**. s/d. Disponível em: <https://www.inspiringyoungminds.ca/turtle-island-poster.html>. Acesso em: 22 abr. 2022.

JENKS, Chris. **Culture**. 2 ed. New York: Routledge, 2005.

JOUBE, Vicent. **Por que estudar literatura?**. São Paulo: Parábola, 2012.

JUSTICE, Daniel Heath. **Why Indigenous literatures matter**. Waterloo: Wilfrid Laurier University Press, 2018.

KIGER, Patrick J. **10 Native American Inventions Commonly Used Today**. 2019. Disponível em: <https://www.history.com/news/native-american-inventions>. Acesso em: 23 set. 2021.

KIMMERER, Robin Wall. **Braiding Sweetgrass: indigenous wisdom, scientific knowledge and teaching of plants**. Minneapolis: Milkweed editions, 2013a.

KIMMERER, Robin. **From the Pond to the Streets: This Earth Day, it's time to pick up a shovel and get to work**. 2020. Disponível em: <https://www.sierraclub.org/sierra/2020-2-march-april/feature/pond-streets-earth-day-robin-wall-kimmerer>. Acesso em: 05 de Janeiro de 2022.

KIMMERER, Robin Wall. Learning the Grammar of Animacy. **The Leopold Outlook**. Winter. 2012. p. 4-9.

KIMMERER, Robin Wall. Mishkos Kenomagwen, the Lessons of Grass: Restoring Reciprocity with the Good Green Earth. In: NELSON, Melissa K.; SHILLING, Dan. **Traditional Ecological Knowledge: Learning from Indigenous Practices for Environmental Sustainability**. Cambridge: Cambridge University Press, 2018, p. 27-56.

KIMMERER, Robin Wall. Patterns of Dispersal and Establishment of Bryophytes Colonizing Natural and Experimental Treefall Mounds in Northern Hardwood Forests. **The Bryologist**. V. 108. n. 3. 2005. p. 391-401.

KIMMERER, Robin Wall. Weaving Traditional Ecological Knowledge into Biological Education: A Call to Action. **BioScience**. V. 52. n. 5. 2002. p. 432-438.

KIMMERER, Robin Wall; DRISCOLL, Melanie J. L. **Bryophyte Species Richness on Insular Boulder Habitats: The Effect of Area, Isolation, and Microsite Diversity**. *The Bryologist*. v. 103. n. 4. 2000. p 748- 756.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020b.

KRUPAT, Arnold. **The turn to the native: studies in criticism and culture**. University of Nebraska Press: United States of America, 1996.

KRUPAT, Arnold. **The voice in the margin: Native American literature and the canon**. Los Angeles: University of California Press, 1989.

OLIVEIRA, Émerson Quirino; LAMPOGLIA, Francis; da SILVA, Jonathan Raphael Bertassi; ROMÃO, Lucília Maria Sousa. A trama da memória e a manutenção de sentidos: "Reserva Indígena" nos cartuns de Angeli. **Revista Letras**. Universidade Federal do Paraná. n. 82. 2010.

LANDRETH, Ellen. **Drawing Straws**. 2014. Disponível em: <https://ellenlandreth.wordpress.com/2014/03/28/drawing-straws/>. Acesso em: 11 jul. 2022.

LEFEVERE, André. **Translation History Culture: A Sourcebook**. London and New York: Routledge, 2003.

LEFEVERE, André. **Translating Literature: practice and theory in a comparative literature context**. New York: The Modern Language Association of America, 1992.

LEEN, Mary. An Art of Saying: Joy Harjo's Poetry and the Survival of Storytelling. **American Indian Quarterly**. v. 19, n. 1, 1995.

LIMA, Francisco Wellington Rodrigues. Fé, poder e propagação: A Igreja Católica na Idade Média e suas representações no teatro de Gil Vicente. **Veredas da História**. v. 11, n. 1, 2018.

LONGWOOD GARDENS. **Discussion and Question Guide – Braiding Sweetgrass**. 2015. In:

https://longwoodgardens.org/sites/default/files/wysiwyg/Discussion_And_Question_Guide_Braiding_Sweetgrass.pdf. Acesso em: 10 dez. 2021.

LOPES, Edinar Nascimento; LEAL, Izabela Guimarães Guerra. A contribuição da tradução no suplemento literário Letras & Artes (1946-1954). In: **Literatura: teoria, história, crítica**. V. 19, n. 2, p. 259-273, 2017.

LOVE, Glen A. **Practical Ecocriticism: Literature, Biology and the Environment**. Charlottesville: University of Virginia Press, 2003.

MACKENTHUN, Gesa. **Sacajawea**: Comments of the Website cover image. 2016. Disponível em: <https://www.iaa.uni-rostock.de/forschung/laufende-forschungsprojekte/american-antiquities-prof-mackenthun/project/artifacts/sacajawea/>. Acesso em: 06 nov. 2022.

MAZZOCCHI, Fulvio. Under What Conditions May Western Science and Indigenous Knowledge Be Jointly Used and What Does This Really Entail? Insights from a Western Perspectivist Stance. **Social Epistemology**. V. 32, n. 5, p. 325-337, 2018.

MITTMAN, Solange. **Notas do tradutor e processo tradutório**: análise e reflexão sob uma perspectiva discursiva. 1ª edição. UFRGS Editora: Rio Grande do Sul, 2003.

NASCIMENTO, V. T.; LACERDA, E. U.; MELO, J. G.; LIMA, C. S. A.; AMORIM, E. L. C.; ALBUQUERQUE, U. P. Controle de qualidade de produtos à base de plantas medicinais comercializados na cidade do Recife-PE: erva-doce (*Pimpinella anisum* L.), quebra-pedra (*Phyllanthus* spp.), espinheira santa (*Maytenus ilicifolia* Mart.) e camomila (*Matricaria recutita* L.). **REV. BRAS. PL. MED.**, Botucatu, v. 7, n. 3, p. 56-64, 2005.

N.C. COOPERATIVE EXTENSION. **Calla palustris**. online. Disponível em: <https://plants.ces.ncsu.edu/plants/calla-palustris/>. Acesso em: 10 jan. 2022.

N.C. STATE UNIVERSITY. **PUMPKIN vs. SQUASH**. online. Disponível em: https://pbs.twimg.com/media/DqdX61tWwAA_o1x.jpg. Acesso em: 13 jul. 2022.

NEWMARK, Peter. **A textbook of translation**. Shanghai Foreign Language Education Press: New York, 1988.

NILSSON, Anne; JOHANSSON, Elin; EKSTRÖM, Linda; BJÖRCK, Inger. Effects of a Brown Beans Evening Meal on Metabolic Risk Markers and Appetite Regulating Hormones at a Subsequent Standardized Breakfast: A Randomized Cross-Over Study. **PLOS ONE**. V. 8, n. 4, 2013, p. 1-10.

NORSTOG, Knut. **The Occurrence and Distribution of Hierochloa odorata in Ohio**. The Ohio Journal of Science. V. 60, n. 6, 1960, p. 358-365.

OLIVEIRA, Émerson Quirino; LAMPOGLIA, Francis; da SILVA, Jonathan Raphael Bertassi; ROMÃO, Lucília Maria Sousa. A trama da memória e a manutenção de sentidos: "Reserva Indígena" nos cartuns de Angeli. **Revista Letras**. Universidade Federal do Paraná. nº 82. 2010.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Terra à vista!**: discurso do confronto: velho e novo mundo. São Paulo: Cortez, 1990.

PAPAVERO, Nelson. **Origem do nome "América" e o Brasil na cartografia quinhentista**. São Paulo: NEHiLP/FFLCH/USP, 2018.

PASSOS, Marie-Hélène Paret. **Da crítica genérica à tradução literária**: uma interdisciplinaridade. Vinhedo: Editora Horizonte, 2011.

PATRO, Raquel. **Copo-de-leite – Zantedeschia aethiopica**. 2014. Disponível em: <https://www.jardineiro.net/plantas/copo-de-leite-zantedeschia-aethiopica.html>. Acesso em: 12 jul. 2022.

POBIERZYM, Ricardo. Los desafíos del ecofeminismo. **Conferência exposta em "Espacio y"**. Buenos Aires, 4 jul. 2002.

PORTO EDITORA. **Dicionário Latim-Português; Português-Latim**. Porto: Porto Editora, 2011.

PYM, Anthony. **Exploring Translation Theories**. 2 ed. New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2014.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SOUSA SANTOS, Boaventura de; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

RECINOS, Adrián. Prólogo. 1946. In: BAPTISTA, Josely Vianna. **Popol Vuh**. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

REMUNDINO, Elerson Cestaro. Sociedade e cultura na tradução literária. In: OTHER, Rosa Maria; SCHÄFFER, Ana M. **Tradução, cultura & contemporaneidade**. Maringá: Edição da Autora, 2013.

RESTREPO, Eduardo; ROJAS, Axel. **Inflexión decolonial**: fuentes, conceptos y cuestionamientos. Popayán: Universidad del Cauca, 2010.

REVISTA CULTIVAR HORTALIÇAS E FRUTAS. **Manejo correto na produção de cucurbitáceas**. 2020. Disponível em: <https://revistacultivar.com.br/noticias/manejo-correto-na-producao-de-cucurbitaceas>. Acesso em: 13 jul. 2022.

RIBEIRO, António Sousa. **The reason of borders or a border reason?**: Translation as a metaphor for our times. 2004. Disponível em: <https://www.eurozine.com/the-reason-of-borders-or-a-border-reason/>. Acesso em: 09 jun. 2022.

RIBEIRO, George Duarte; COSTA, José Nilton Medeiros; VIEIRA, Abadio Hermes; SANTOS, Maurício Reginaldo Alves dos. Enxertia em fruteiras. **Recomendações Técnicas 92**. Porto Velho-RO, Julho, 2005.

RIVAL, Laura. Keeping life going: Plants and people today, yesterday and tomorrow. **Social Compass**. v. 68. n. 4. 2021. p. 574–581.

ROBINS, Nick. **A corporação que mudou o mundo**: como a Companhia das Índias Orientais moldou a multinacional moderna. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

RODRIGUES, Helenice. Transferências de saberes: modalidades e possibilidades. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 53, p. 203-225, jul./dez. 2010.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa. O litígio discursivo materializado no MST: a ferida aberta na nação. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. **Tese de Doutorado**. Ribeirão Preto, 2002, 310p.

RUBEL, Paula G.; ROSMAN, Abraham. **Translating cultures**: perspectives on translation and anthropology. New York: Berg, 2003.

SCHLEIERMACHER, Friedrich Daniel Ernst. Sobre os diferentes métodos de tradução. 1813. In: HEIDERMAN, Werner. **Clássicos da Teoria da Tradução**. Vol. 1: Alemão/Português. 2ª edição revisada e ampliada. Antologia Bilingue. Florianópolis: UFSC, 2010, p. 38-101.

SCHUESSLER, Lynn. **Braiding Sweetgrass**: A Community Read. 2015. Disponível em: <https://longwoodgardens.org/blog/2015-03-25/braiding-sweetgrass-community-read>. Acesso em: 14 mai. 2021.

SHEBITZ, Daniela J.; KIMMERER, Robin W. Reestablishing Roots of a Mohawk Community and a Culturally Significant Plant: Sweetgrass. **Restoration Ecology**. V. 13. n. 2. 2005. p. 257-264.

SHENANDOAH, Joanne; GEORGE, Douglas M. **Skywoman**: Legends of the Iroquois. Clear Light Pub: Niskayuna. 1996.

SLOVIC, Scott. Ecocriticism: Storytelling, Values, Communication, Contact. In: SLOVIC, Scott. **Going away to think**: Engagement, Retreat, and Ecocritical Responsibility. Reno & Las Vegas: University of Nevada Press. 2008.

SOLDADO, Camilo. **O nenúfar-amarelo está a desaparecer do Mondego mas há um projecto para o salvar**. 2019. Disponível em: <https://www.publico.pt/2019/10/25/local/noticia/nenufaramarelo-desaparecer-mondego-ha-projecto-salvar-1891302>. Acesso em: 03 ago. 2021.

SOUZA, Marcos Pinto. Erva Doce. **Cadernos de Prospecção**, v. 1, n. 1, p. 28-29, 2008.

STIEGLER, Christopher D. Traditional Ecological Knowledge: Learning from Indigenous Practices for Environmental Sustainability. **Ethnobiology Letters**. v. 10, n. 1. New York: Cambridge University Press, 2019, 111-112 pp.

STRAET, Jan van der. **Vespucci Discovering America, prato 2 de &39;Nova Reperta&39; (Novas Descobertas) gravado por Theodor Galle (1571-1633) c.1600 (posterior coloração)**. s/d. Disponível em:

[https://www.meisterdrucke.pt/impressoes-artisticas-sofisticadas/Jan-van-der-Straet/321228/Vespucci-Discovering-America,-prato-2-de-&39;Nova-Reperta&39;- \(Novas-Descobertas\)-gravado-por-Theodor-Galle-\(1571-1633\)-c.1600-\(posterior-colora%C3%A7%C3%A3o\).html](https://www.meisterdrucke.pt/impressoes-artisticas-sofisticadas/Jan-van-der-Straet/321228/Vespucci-Discovering-America,-prato-2-de-&39;Nova-Reperta&39;- (Novas-Descobertas)-gravado-por-Theodor-Galle-(1571-1633)-c.1600-(posterior-colora%C3%A7%C3%A3o).html). Acesso em: 06 nov. 2022.

TECCHIO, Iliane. Escolhas linguísticas no exercício da tradução. In: OTHER, Rosa Maria; SCHÄFFER, Ana M. **Tradução, cultura & contemporaneidade**. Maringá: Edição da Autora, 2013.

THE BRITISH LICHEN SOCIETY. **Lobaria pulmonaria**. online. Disponível em: <https://britishlichensociety.org.uk/resources/species-accounts/lobaria-pulmonaria>. Acesso em: 12 jul. 2022.

TLG - Thesaurus Linguae Graecae. The Online Liddell-Scott-Jones Greek-English Lexicon. **χλόη**. online. Disponível em: <http://stephanus.tlg.uci.edu/lsg/#eid=117184>. Acesso em: 29 jul. 2021.

TUHIWAI SMITH, Linda. **Decolonizing Methodologies: Research and Indigenous Peoples**. London & New York: Zed Books Ltd. 2008.

VENUTI, Lawrence. **The Translator's Invisibility: A History of Translation**. Routledge: London, 1995.

VISIT EUREKA. **Welcome**. online. Disponível em: <https://visiteureka.com/>. Acesso em: 20 jul. 2021.

WALSH, Catherine. La (re)articulación de subjetividades políticas y diferencia colonial en Ecuador: reflexiones sobre el capitalismo y las geopolíticas del conocimiento. In: WALSH, Catherine; SCHIWY, Freya Schiwy; CASTRO, Santiago. **Indisciplinar las ciencias sociales**. Geopolíticas del conocimiento y colonialidad del poder. Perspectivas desde lo Andino. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar-Ediciones Abya-Yala, 2002.

WHITE, Dawn M. Growth and clonal integration of sweetgrass (*Hierochloa odorata*) in western Montana. **Dissertação**. (Mestrado em Ciências) - Faculdade de Graduate Student Theses, Dissertations, & Professional Papers, The University of Montana, p. 47. 2002.

WIGET, Andrew. **Native American Literature**. Boston: Twayne Publishers, 1985.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

ZHU, Manlan.; ZHENG, Xuchen.; SHU, Qingyan.; LI, Hui.; ZHONG, Peixing.; ZHANG, Huijin.; XU, Yanjun; WANG, Lijin; WANG, Liangshering. Relationship between the Composition of Flavonoids and Flower Colors Variation in Tropical Water Lily (*Nymphaea*) Cultivars. **PLoS ONE**. v. 7. n. 4. 2012. p. 1-11.

APÊNDICE A – A QUEDA DE MULHER CELESTE

PLANTING SWEETGRASS

Sweetgrass is best planted not by seed, but by putting roots directly in the ground. Thus the plant is passed from hand to hand across years and generations. Its favored habitat is sunny, well-watered meadows. It thrives along disturbed edges.

PLANTANDO A *SWEETGRASS*

A *Sweetgrass* é plantada mais eficientemente, não através da semente, mas sim ao colocar as suas raízes diretamente no solo. Assim, a planta é passada da mão à terra e de volta às mãos ao longo dos anos e das gerações. Seu habitat favorito é o campo bem úmido e ensolarado, e seu desabrochar ocorre durante transições turbulentas.

Skywoman Falling

In winter, when the green earth lies resting beneath a blanket of snow, this is the time for storytelling. The storytellers begin by calling upon those who came before who passed the stories down to us, for we are only messengers.

In the beginning there was the Skyworld.

She fell like a maple seed, pirouetting on an autumn breeze.* A column of light streamed from a hole in the Skyworld, marking her path where only darkness had been before. It took her a long time to fall. In fear, or maybe hope, she clutched a bundle tightly in her hand.

*Adapted from oral tradition and Shenandoah and George, 1988.

Hurling downward, she saw only dark water below. But in that emptiness there were many eyes gazing up at the sudden shaft of light. They saw there a small object, a mere dust mote in the beam. As it grew closer, they could see that it was a woman, arms outstretched, long black hair billowing behind as she spiraled toward them.

A queda de Mulher Celeste

O inverno é quando a terra verde descansa sob um cobertor de neve, o momento perfeito para contar uma história. Os contadores de histórias começam evocando àqueles que vieram antes dos que passaram as histórias a nós, pois somos apenas mensageiros.

No princípio havia o Mundo do Céu.

Ela caiu como uma semente de bordo, dando piruetas na brisa de outono*. Uma coluna de luz foi gerada a partir de um buraco no Mundo do Céu, marcando o caminho dela, onde apenas a escuridão tinha ido antes. Sua queda durou um longo tempo, fazendo-a apertar fortemente o que segurava na mão, por conta do medo, ou talvez da esperança de que iria se salvar.

*Adaptação da tradição oral exposta em Shenandoah e George (1988).

Ao cair rapidamente, ela avistou apenas águas escuras. Porém, naquela escuridão, havia muitos olhares contemplando o repentino feixe de luz que surgiu. Ali avistaram um pequeno objeto, um mero grão de areia no interior do feixe de luz que surgiu. Conforme ele crescia enquanto se aproximava, eles puderam vislumbrar o que parecia ser uma mulher de braços estendidos, cabelos negros esvoaçantes pra trás descendo em espiral na direção deles.

Ela estava longe do único lar que já teve.

The geese nodded at one another and rose together from the water in a wave of goose music. She felt the beat of their wings as they flew beneath to break her fall. Far from the only home she'd ever known, she caught her breath at the warm embrace of soft feathers as they gently carried her downward. And so it began.

The geese could not hold the woman above the water for much longer, so they called a council to decide what to do. Resting on their wings, she saw them all gather: loons, otters, swans, beavers, fish of all kinds. A great turtle floated in their midst and offered his back for her to rest upon. Gratefully, she stepped from the goose wings onto the dome of his shell. The others understood that she needed land for her home and discussed how they might serve her need. The deep divers among them had heard of mud at the bottom of the water and agreed to go find some.

Loon dove first, but the distance was too far and after a long while he surfaced with nothing to show for his efforts. One by one, the other animals offered to help—Otter, Beaver, Sturgeon— but the depth, the darkness, and the pressures were too great for even the strongest of swimmers. They returned gasping for air with their heads ringing. Some did

Os gansos acenaram uns aos outros e saíram juntos da água numa onda musical de grasnares. Então ela sentiu a batida das asas deles conforme voavam abaixo dela para amortecerem sua queda, do final de sua queda, o que logo culminou na sua respiração sendo apanhada pelo abraço quente das penas macias dos gansos que gentilmente a carregaram para baixo. E assim tudo começou.

Os gansos não conseguiram segurá-la sob a água por muito mais tempo, então reuniram o conselho para decidir o que fazer, enquanto ela descansava ao abrigo de suas asas e pôde ver todos reunidos: patos-mergulhões, lontras, cisnes, castores e peixes de todos os tipos. Durante o encontro, uma Grande Tartaruga flutuou para o centro e ofereceu as suas costas como ponto de repouso. Então ela gratamente caminhou das asas dos gansos para o domo de sua concha. No entanto, os outros compreenderam que ela também precisava de terra para o seu lar. Considerando isso, discutiram como poderiam atender a essa necessidade dela. Os mergulhadores de águas profundas dentre eles ouviram falar da existência de barro no fundo da água e concordaram em ir buscar um pouco.

Pato-Mergulhão submergiu primeiro, mas a distância era muita, fazendo com que, depois de um longo tempo, ele voltasse à superfície com nada para compensar o seu esforço. Um a um, os outros animais se ofereceram para ajudar – Lontra, Castor e Esturjão –, mas a profundidade, a escuridão e a pressão eram demais até para os nadadores

not return at all. Soon only little Muskrat was left, the weakest diver of all. He volunteered to go while the others looked on doubtfully. His small legs flailed as he worked his way downward and he was gone a very long time.

They waited and waited for him to return, fearing the worst for their relative, and, before long, a stream of bubbles rose with the small, limp body of the muskrat. He had given his life to aid this helpless human. But then the others noticed that his paw was tightly clenched and, when they opened it, there was a small handful of mud. Turtle said, "Here, put it on my back and I will hold it."

Skywoman bent and spread the mud with her hands across the shell of the turtle. Moved by the extraordinary gifts of the animals, she sang in thanksgiving and then began to dance, her feet caressing the earth. The land grew and grew as she danced her thanks, from the dab of mud on Turtle's back until the whole earth was made. Not by Skywoman alone, but from the alchemy of all the animals' gifts coupled with her deep gratitude. Together they formed what we know today as Turtle Island, our home.

Like any good guest, Skywoman had

mais fortes. Eles sempre retornavam ofegantes em busca de ar e com as cabeças latejando, e alguns nem retornavam. Depois de um tempo faltava apenas Rato-Almiscoado ir, o mergulhador mais fraco de todos. Ele se voluntariou enquanto os outros fitavam-no duvidosos. Suas pequenas pernas se agitavam conforme ele seguia seu caminho rumo ao fundo, e ele se foi há muito tempo.

Eles esperaram por um longo tempo pelo seu retorno, temendo que o pior tivesse acontecido a seu parente, mas, depois de uma espera prolongada, um bando de bolhas surgiu com o corpo pequeno e frágil do rato-almiscoado, que deu a sua vida para auxiliar essa humana indefesa. Então, os outros notaram que seu camarada estava rijamente encolhido, e quando o esticaram, se depararam com um punhado de barro. Ao se vislumbrar isso, Tartaruga disse:

– Venha! Coloque-o aqui nas minhas costas e eu o mantereí seguro.

Mulher Celeste manipulou o barro com as suas mãos sob a concha da tartaruga, e, tocada pelas dádivas extraordinárias fornecidas pelos animais, cantou e dançou em agradecimento. Durante a dança, seus pés acariciavam a terra, fazendo-a crescer daquele punhadinho de barro nas costas da Tartaruga para a geração de toda a terra que existe hoje. Isso não foi obra de Mulher Celeste unicamente, mas sim da alquimia das dádivas de todos os animais somadas à profunda gratidão dela. Juntas conceberam o que hoje conhecemos como a Ilha da Tartaruga, o nosso lar.

Como qualquer outro bom

not come empty-handed. The bundle was still clutched in her hand. When she toppled from the hole in the Skyworld she had reached out to grab onto the Tree of Life that grew there. In her grasp were branches—fruits and seeds of all kinds of plants. These she scattered onto the new ground and carefully tended each one until the world turned from brown to green. Sunlight streamed through the hole from the Skyworld, allowing the seeds to flourish. Wild grasses, flowers, trees, and medicines spread everywhere. And now that the animals, too, had plenty to eat, many came to live with her on Turtle Island.

Our stories say that of all the plants, *wiingaashk*, or sweetgrass, was the very first to grow on the earth, its fragrance a sweet memory of Skywoman's hand. Accordingly, it is honored as one of the four sacred plants of my people. Breathe in its scent and you start to remember things you didn't know you'd forgotten. Our elders say that ceremonies are the way we "remember to remember," and so sweetgrass is a powerful ceremonial plant cherished by many indigenous nations. It is also used to make beautiful baskets. Both medicine and a relative, its value is both material and spiritual.

convidado, Mulher Celeste não veio de mãos vazias. O que segurava fortemente quando caiu ainda estava em sua mão, pois, no momento em que se viu apanhada pela queda no buraco do Mundo do Céu, ela a estendeu para agarrar a Árvore da Vida que cresceu ali. Ela segurava, portanto, ramos – frutas e sementes de todos os tipos de plantas –, que então espalhou no solo novo e zelosamente cuidou de cada um até que o mundo transitasse de nebuloso marrom para verde. A luz do sol que passou através do buraco no Mundo do Céu permitiu que as sementes fizessem brotar grammas selvagens, flores, árvores e ervas medicinais por todos os lugares. E agora os animais também tinham bastante comida, além disso, muitos deles vieram morar com ela na Ilha da Tartaruga.

As nossas histórias dizem que, dentre todas as plantas, *wiingaashk*, ou *sweetgrass*, foi a primeira a crescer na terra, fazendo com que ela adequadamente tenha a honra de ser uma das quatro plantas sagradas do meu povo. A sua fragrância é uma doce memória do que Mulher Celeste carregava na mão. Ao respirar o seu perfume, você poderá se lembrar de coisas que não sabia que havia esquecido, afinal, os nossos anciões dizem que as cerimônias são o método utilizado para nos "lembrarmos de lembrar", por isso a *sweetgrass* é uma planta cerimonial poderosa zelada por muitas nações indígenas. Ela também é utilizada na produção de belas cestas. Uma erva medicinal e uma

There is such tenderness in braiding the hair of someone you love. Kindness and something more flow between the braider and the braided, the two connected by the cord of the plait. *Wiingaashk* waves in strands, long and shining like a woman's freshly washed hair. And so we say it is the flowing hair of Mother Earth. When we braid sweetgrass, we are braiding the hair of Mother Earth, showing her our loving attention, our care for her beauty and well-being, in gratitude for all she has given us. Children hearing the Skywoman story from birth know in their bones the responsibility that flows between humans and the earth.

The story of Skywoman's journey is so rich and glittering it feels to me like a deep bowl of celestial blue from which I could drink again and again. It holds our beliefs, our history, our relationships. Looking into that starry bowl, I see images swirling so fluidly that the past and the present become as one. Images of Skywoman speak not just of where we came from, but also of how we can go forward.

I have Bruce King's portrait of Skywoman, *Moment in Flight*, hanging in my lab. Floating to earth with her

parente que possui valores materiais e espirituais em um único ser.

Há tanta ternura no ato de trançar o cabelo de alguém que você ama. Ele faz com que a gentileza e algo mais flua entre o trançador e o trançado, possibilitando que ambos se conectem pelo cordão da trança. A *wiingaashk* ondula-se por meio de cordões cumpridos e brilhantes como os cabelos de uma mulher que acabou de lavá-los. E por isso dizemos que é o cabelo fluido da Mãe Terra, pois, quando trançamos a *sweetgrass*, trançamos o cabelo da própria Mãe Terra, demonstrando que a amamos e que nos preocupamos com ela, com a sua beleza e seu bem-estar, como forma de gratidão por tudo o que ela nos tem dado. Crianças, ao ouvirem a história de Mulher Celeste desde pequenas, sabem desde o âmago de seu ser que a responsabilidade de zelar pela Mãe Terra flui da relação entre os humanos e a terra.

A história da jornada de Mulher Celeste é tão rica e irradiante que me parece ser como uma vasilha de azul celeste de onde eu poderia sempre beber. Ela contém as nossas crenças, a nossa história, os nossos relacionamentos. Ao vislumbrar o seu interior estrelado, vejo imagens se movendo em espiral tão fluidamente que o passado e o presente se tornam um. Elas nos falam não apenas sobre de onde viemos, mas também sobre como podemos seguir em frente.

Eu tenho um retrato de Mulher Celeste feito por Bruce King, chamado

handful of seeds and flowers, she looks down on my microscopes and data loggers. It might seem an odd juxtaposition, but to me she belongs there. As a writer, a scientist, and a carrier of Skywoman's story, I sit at the feet of my elder teachers listening for their songs.

On Mondays, Wednesdays, and Fridays at 9:35 a.m., I am usually in a lecture hall at the university, expounding about botany and ecology—trying, in short, to explain to my students how Skywoman's gardens, known by some as “global ecosystems,” function. One otherwise unremarkable morning I gave the students in my General Ecology class a survey. Among other things, they were asked to rate their understanding of the negative interactions between humans and the environment. Nearly every one of the two hundred students said confidently that humans and nature are a bad mix. These were third-year students who had selected a career in environmental protection, so the response was, in a way, not very surprising. They were well schooled in the mechanics of climate change, toxins in the land and water, and the crisis of habitat loss. Later in the survey, they were asked to rate their knowledge of positive interactions between people and land. The median response was “none.”

*Momento em Revoada*⁴³, pendurado no meu laboratório. Nele ela está flutuando rumo à terra com a mão cheia de sementes e flores, e olhando para os meus microscópios e coletores de dados abaixo dela. Algo que pode ser visto como uma justaposição estranha, mas, a meu ver, é lá que ela deveria estar, pois, como uma escritora, cientista e portadora da história de Mulher Celeste, me sento todos os dias aos pés das minhas professoras mais antigas buscando ouvir as suas canções.

Às 9:35 da manhã das segundas-feiras, quartas-feiras e sextas-feiras, geralmente estou num auditório da universidade, explanando sobre botânica e ecologia – tentando, em suma, explicar aos meus alunos como o jardim de Mulher Celeste, conhecido como “ecossistema global”, funciona. Numa dessas manhãs, incumbi os alunos de Ecologia Geral de, dentre outras coisas, compartilharem sobre o entendimento deles quanto às interações negativas entre os humanos e o meio ambiente. Logo, quase todos os duzentos alunos disseram confiantemente que os humanos e a natureza resultavam em uma mistura ruim. Estes eram do terceiro ano e optaram pela carreira de proteção ambiental, portanto, a resposta deles, de certa maneira, não foi uma surpresa. Além disso, eles estavam a par das mudanças climáticas, das toxinas presentes na terra e nas águas, e da crise de perda de habitat. Posteriormente, incumbi que compartilhassem sobre as interações positivas entre as pessoas

⁴³ Obra que, em inglês, se chama: *Moment in Flight*.

I was stunned. How is it possible that in twenty years of education they cannot think of any beneficial relationships between people and the environment? Perhaps the negative examples they see every day—brownfields, factory farms, suburban sprawl—truncated their ability to see some good between humans and the earth. As the land becomes impoverished, so too does the scope of their vision. When we talked about this after class, I realized that they could not even imagine what beneficial relations between their species and others might look like. How can we begin to move toward ecological and cultural sustainability if we cannot even imagine what the path feels like? If we can't imagine the generosity of geese? These students were not raised on the story of Skywoman.

On one side of the world were people whose relationship with the living world was shaped by Skywoman, who created a garden for the well-being of all. On the other side was another woman with a garden and a tree. But for tasting its fruit, she was banished from the garden and the gates clanged shut behind her. That mother of men was made to wander in the wilderness

e a terra. De maneira geral, a resposta foi:

– Nenhuma.

Eu fiquei chocada. Como era possível que, em vinte anos de educação, eles não pudessem pensar em nenhum relacionamento benéfico entre as pessoas e o meio ambiente? Talvez os exemplos negativos que eles veem todos os dias – expansão suburbana, pecuária industrial, áreas industriais que contaminam o ambiente em que estão a longo prazo – truncaram a habilidade de eles verem algo de bom entre os humanos e a terra, pois, conforme a terra se desgasta, a nossa visão também perde a competência. Quando discutimos sobre isso após a aula, me dei conta de que eles nem poderiam imaginar como seriam as relações benéficas entre a sua própria espécie e outras. Como podemos começar a nos mover rumo à sustentabilidade ecológica e cultural se não podemos nem imaginar como seria seguir esse caminho? Se não podemos imaginar a generosidade dos gansos? Esses alunos não foram criados a partir do ensinamento da história de Mulher Celeste.

De um lugar do mundo havia pessoas cujo relacionamento com o mundo vivo era traçado por Mulher Celeste, que criou um jardim para o bem-estar de todos. Do outro havia outra mulher com um jardim e uma árvore, mas, por ter provado o seu fruto, ela foi banida de lá, ouvindo, então, o tinir de seus portões se fechando atrás dela. Essa mãe dos homens foi feita para viver

and earn her bread by the sweat of her brow, not by filling her mouth with the sweet juicy fruits that bend the branches low. In order to eat, she was instructed to subdue the wilderness into which she was cast.

Same species, same earth, different stories. Like Creation stories everywhere, cosmologies are a source of identity and orientation to the world. They tell us who we are. We are inevitably shaped by them no matter how distant they may be from our consciousness. One story leads to the generous embrace of the living world, the other to banishment. One woman is our ancestral gardener, a cocreator of the good green world that would be the home of her descendants. The other was an exile, just passing through an alien world on a rough road to her real home in heaven.

And then they met—the offspring of Skywoman and the children of Eve—and the land around us bears the scars of that meeting, the echoes of our stories. They say that hell hath no fury like a woman scorned, and I can only imagine the conversation between Eve and Skywoman: “Sister, you got the short end of the stick . . .”

The Skywoman story, shared by the original peoples throughout the Great Lakes, is a constant star in the

tortuosamente e adquirir o pão de cada dia pelo seu suor, e não para encher a boca com o suco de frutas doces que dobram seus ramos para baixo. Para conseguir comer, ela foi instruída a se sujeitar à vida tortuosa que foi lançada.

Mesmas espécies, mesma terra, histórias diferentes. Como as histórias da Criação de todos os lugares, as cosmologias são uma busca por identidade e orientação quanto ao mundo. Elas nos contam quem nós somos – seres inevitavelmente moldados por elas, não importa quão distantes estejam de nossas consciências. Uma dessas histórias nos persuade a generosamente nos incluímos no mundo vivo, a outra nos convence de que fomos banidos. Uma dessas mulheres é a nossa ancestral jardineira, uma cocriadora do mundo verde benéfico, que seria o lar de nossos descendentes, enquanto que a outra foi exilada e condenada a andar por um mundo desconhecido, numa estrada árdua rumo ao seu verdadeiro lar no céu.

Então elas se encontraram – a prole de Mulher Celeste e os filhos de Eva – e a terra ao redor de nós contém as cicatrizes desse encontro, os ecos de nossas histórias. Dizem que o inferno não carrega uma fúria maior do que a de uma mulher menosprezada. Então, considerando isso, imagino que a conversa entre Eva e Mulher Celeste se resumiu a:

– Mana, você saiu perdendo...

A história de Mulher Celeste, compartilhada pelos povos originários que vivem ao redor dos Grandes

constellation of teachings we call the Original Instructions. These are not “instructions” like commandments, though, or rules; rather, they are like a compass: they provide an orientation but not a map. The work of living is creating that map for yourself. How to follow the Original Instructions will be different for each of us and different for every era.

In their time, Skywoman’s first people lived by their understanding of the Original Instructions, with ethical prescriptions for respectful hunting, family life, ceremonies that made sense for their world. Those measures for caring might not seem to fit in today’s urban world, where “green” means an advertising slogan, not a meadow. The buffalo are gone and the world has moved on. I can’t return salmon to the river, and my neighbors would raise the alarm if I set fire to my yard to produce pasture for elk.

The earth was new then, when it welcomed the first human. It’s old now, and some suspect that we have worn out our welcome by casting the Original Instructions aside. From the very beginning of the world, the other species were a lifeboat for the people. Now, we must be theirs. But the stories that might guide us, if they are told at all, grow dim in the memory. What meaning would they have today? How can we translate from the stories at the world’s beginning to this hour so much

Lagos da América do Norte, é uma estrela constante da constelação dos ensinamentos que chamamos de Instruções Originárias. Elas não são exatamente “instruções”, como comandos ou regras, mas sim como uma bússola que aponta a direção, porém não dão um mapa, pois o trabalho que temos durante a vida é de traçarmos esse mapa sozinhos, e cada um de nós deve seguir as Instruções Originárias de uma forma diferente, e singularmente em cada era também.

No princípio, o primeiro povo de Mulher Celeste vivia a partir do entendimento adquirido por meio das Instruções Originárias, seguindo as prescrições éticas quanto à caça respeitosa, à vida em família e às cerimônias, pois era isso que fazia sentido em seu mundo. Esses tipos de cuidado parecem não se encaixar no mundo urbano atual, onde “verde” significa um slogan de uma propaganda, e não “campo”. Os búfalos se foram e o mundo seguiu em frente. Não posso colocar o salmão de volta no rio, além disso, os meus vizinhos soariam um alarme se eu tacasse fogo no meu quintal para produzir pasto aos alces.

A terra era nova quando deu as boas-vindas à primeira humana. Mas isso está no passado agora, e alguns suspeitam que nós desgastamos as nossas boas-vindas, deixando as Instruções Originárias de lado. Mas a verdade é que, desde o surgimento do mundo, as outras espécies eram o bote salva-vidas das pessoas, e, agora, nós devemos ser o deles. Porém, as histórias que deveriam nos guiar, quando contadas, desaparecem na memória. Que sentido elas teriam

closer to its end? The landscape has changed, but the story remains. And as I turn it over again and again, Skywoman seems to look me in the eye and ask, in return for this gift of a world on Turtle's back, what will I give in return?

It is good to remember that the original woman was herself an immigrant. She fell a long way from her home in the Skyworld, leaving behind all who knew her and who held her dear. She could never go back. Since 1492, most here are immigrants as well, perhaps arriving on Ellis Island without even knowing that Turtle Island rested beneath their feet. Some of my ancestors are Skywoman's people, and I belong to them. Some of my ancestors were the newer kind of immigrants, too: a French fur trader, an Irish carpenter, a Welsh farmer. And here we all are, on Turtle Island, trying to make a home. Their stories, of arrivals with empty pockets and nothing but hope, resonate with Skywoman's. She came here with nothing but a handful of seeds and the slimmest of instructions to "use your gifts and dreams for good," the same instructions we all carry. She accepted the gifts from the other beings with open hands and used them honorably. She shared the gifts she brought from Skyworld as she set herself about the business of flourishing, of making a home.

hoje? Como poderíamos traduzi-las de simples histórias que se passaram no princípio do mundo para esse momento, que está tão próxima do fim dos tempos? A paisagem mudou, mas a história permanece a mesma. E conforme eu repasso tudo isso em minha mente, Mulher Celeste parece olhar nos meus olhos e me perguntar:

– Como retribuição pela dádiva de um mundo nas costas de Tartaruga, o que você dará em retorno?

Também é bom lembrar que a mulher originária é, de fato, uma imigrante. Ela caiu para bem longe de sua casa no Mundo do Céu, deixando para trás todos os que a conheciam e se preocupavam com ela. Além disso, não tinha como retornar para lá. Desde 1942, muitas pessoas que aqui habitam são imigrantes também, e talvez atracaram na Ilha Ellis sem nem terem qualquer conhecimento de que a Ilha da Tartaruga estava bem debaixo de seus pés. Alguns dos meus ancestrais eram um tipo mais novo de imigrantes também: um comerciante de peles francês, um carpinteiro irlandês e um fazendeiro galês. E aqui estamos todos nós, na Ilha da Tartaruga, tentando torná-la nosso lar. As histórias de eles chegando de bolsos vazios, com nada além de esperança, ressoam com a de Mulher Celeste, pois ela também veio para cá com nada além de um punhado de sementes e a elegante de instrução de "usarmos as nossas dádivas e sonhos para o bem", a mesma que todos nós carregamos. E assim, ela aceitou as dádivas oferecidas pelos outros seres de braços abertos e as utilizou honrosamente, compartilhando as dádivas que trouxe do Mundo do Céu

Perhaps the Skywoman story endures because we too are always falling. Our lives, both personal and collective, share her trajectory. Whether we jump or are pushed, or the edge of the known world just crumbles at our feet, we fall, spinning into someplace new and unexpected. Despite our fears of falling, the gifts of the world stand by to catch us.

As we consider these instructions, it is also good to recall that, when Skywoman arrived here, she did not come alone. She was pregnant. Knowing her grandchildren would inherit the world she left behind, she did not work for flourishing in her time only. It was through her actions of reciprocity, the give and take with the land, that the original immigrant became indigenous. For all of us, becoming indigenous to a place means living as if your children's future mattered, to take care of the land as if our lives, both material and spiritual, depended on it.

In the public arena, I've heard the Skywoman story told as a bauble of colorful "folklore." But, even when it is misunderstood, there is power in the telling. Most of my students have never heard the origin story of this land where

quando estabeleceu para si mesma que deveria germinar a terra para fazer dela o seu lar.

Talvez, a história de Mulher Celeste se torne cada vez mais forte por conta de também estarmos sempre caindo. As nossas vidas, tanto a pessoal quanto a coletiva, compartilham a mesma trajetória que a dela. Não importa se pularmos ou se formos empurrados, ou se estarmos à beira do mundo conhecido que de repente se desfaz debaixo dos nossos pés, nós caímos em espiral para em um lugar novo e inesperado. E apesar dos nossos temores em relação à queda, as dádivas desse mundo sempre estarão lá para nos assistir e nos segurar.

Conforme consideramos essas instruções, também se faz importante lembrar que quando Mulher Celeste chegou aqui, não estava sozinha, pois estava grávida e sabia que suas gerações futuras herdariam o mundo que deixaria para trás, portanto, ela não germinou as plantas à toa. Suas ações foram pensadas a partir do princípio da reciprocidade de dar e receber da terra. E foi por meio dessa imigrante originária que surgiram os indígenas. É em razão disso, que, para todos nós, se tornar indígena de um lugar significa viver como se o futuro de nossos filhos dependesse dele, significa cuidar dele como se as nossas vidas, a material e espiritual, dependessem disso.

Nesse auditório, ouvi a história de Mulher Celeste sendo contada como uma quinquilharia colorida do "folclore". Mas, mesmo quando eu entendi isso errado, houve poder na contação dessa história. E muitos dos

they were born, but when I tell them, something begins to kindle behind their eyes. Can they, can we all, understand the Skywoman story not as an artifact from the past but as instructions for the future? Can a nation of immigrants once again follow her example to become native, to make a home?

Look at the legacy of poor Eve's exile from Eden: the land shows the bruises of an abusive relationship. It's not just land that is broken, but more importantly, our relationship to land. As Gary Nabhan has written, we can't meaningfully proceed with healing, with restoration, without "re-story-ation." In other words, our relationship with land cannot heal until we hear its stories. But who will tell them?

In the Western tradition there is a recognized hierarchy of beings, with, of course, the human being on top—the pinnacle of evolution, the darling of Creation—and the plants at the bottom. But in Native ways of knowing, human people are often referred to as "the younger brothers of Creation." We say that humans have the least experience with how to live and thus the most to learn—we must look to our teachers among the other species for guidance. Their wisdom is apparent in the way that they live. They teach us by example. They've been on the earth far

meus alunos nunca ouviram a história da origem dessa terra onde eles mesmos nasceram, mas quando a conto a eles, algo começa a se acender por de trás de seus olhos. Será que eles, e nós todos, podem(os) entender a história de Mulher Celeste, não como um artefato do passado, mas como instruções para o futuro? Será que a nação composta por imigrantes pode mais uma vez seguir o exemplo de Mulher Celeste de se tornar nativa, de tornar essa terra um lar?

Olhe para o legado do exílio da pobre Eva do Éden, nele a terra mostra feridas de um relacionamento abusivo. Não é apenas como se a terra estivesse machucada, mas, mais significativamente, o nosso relacionamento com a terra está. Afinal, como Gary Nabhan expressou, não podemos simplesmente proceder com a cura, com a restauração, sem a "re-estoriz-ação". Em outras palavras, o nosso relacionamento com a terra não pode ser totalmente curado até que paremos para ouvir as histórias dela. Mas quem as contariam?

Na tradição ocidental, há uma hierarquia conhecida dos seres, em que, claro, os seres humanos estão no topo – no cume da evolução, os queridinhos da Criação – e as plantas estão no final. Mas, segundo o conhecimento indígena, os humanos são compreendidos como "os irmãos mais novos da Criação". Portanto, dizemos que eles são os que têm menos experiência quanto a como viver, e, por isso, são os que mais precisam aprender – devemos procurar as nossas professoras, dentre as outras espécies, buscando

longer than we have been, and have had time to figure things out. They live both above and below ground, joining Skyworld to the earth. Plants know how to make food and medicine from light and water, and then they give it away.

I like to imagine that when Skywoman scattered her handful of seeds across Turtle Island, she was sowing sustenance for the body and also for the mind, emotion, and spirit: she was leaving us teachers. The plants can tell us her story; we need to learn to listen.

orientação. A sabedoria delas está aparente na forma como vivem. Elas nos ensinam a partir de exemplos, pois estão na terra há muito mais tempo que nós, e tiveram tempo para entender o mundo. Além disso, vivem não apenas por cima, mas também abaixo do chão, fazendo com que o Mundo dos Céus se junte à terra. As plantas sabem como fazer comida e remédios por meio de luz e água, e depois simplesmente doam-nos.

Gosto de imaginar que quando Mulher Celeste espalhou o seu punhado de sementes pela Ilha da Tartaruga, estava semeando alimentos para o corpo e também para a mente, a emoção e o espírito: deixando professoras para nós. As plantas podem nos contar a história dela; e precisamos aprender a escutá-la.

APÊNDICE B – O CONSOLO DOS LÍRIOS D'ÁGUA

TENDING SWEETGRASS

Wild meadow sweetgrass grows long and fragrant when it is looked after by humans. Weeding and care for the habitat and neighboring plants strengthens its growth.

CUIDANDO DA *SWEETGRASS*

O campo não cultivado de *sweetgrass* cresce de maneira vasta e perfumada quando é cuidado por humanos. Além disso, o ato de capinar e cuidar do habitat e das plantas vizinhas fortalece o seu crescimento.

The Consolation of Water Lilies

Before I knew it, and long before the pond was ready for swimming, they were gone. My daughter Linden chose to leave the little pond and put her feet in the ocean at a redwood college far from home. I went to visit her that first semester and we spent a lazy Sunday afternoon admiring the rocks of the agate beach at Patrick's Point.

Walking the shore, I spotted a smooth green pebble threaded with carnelian, just like one I'd passed by a few steps earlier. I walked back, searching the strand until I found it again. I reunited the two pebbles, letting them lie together, shining wet in the sun until the tide came back and pulled them apart, rolling their edges smoother and their bodies smaller. The whole beach was like that for me, a gallery of beautiful pebbles divided from each other and from the shore. Linden's way on the beach was different. She too was rearranging, but her method was to place gray with black basalt and pink beside a spruce

O Consolo dos Lírios D'água⁴⁴

Antes de conhecê-la, e muito antes de a lagoa estar pronta para que alguém nadasse, elas se foram.

Minha filha Linden⁴⁵ escolheu deixar nossa pequena lagoa e colocar seus pés no oceano rumo a uma universidade de Redwoods⁴⁶ longe de casa. Fui visita-la naquele primeiro semestre e passamos uma tarde de domingo preguiçosa juntas admirando as rochas da praia agate no Ponto do Patrick⁴⁷.

Enquanto caminhávamos pela costa, avistei um seixo levemente esverdeado cuja borda era de cornalina, igualzinho a outro que vislumbrei alguns passos atrás. Então, voltei até lá e o encontrei novamente. Ao reuni-los, permiti que repousassem juntos enquanto brilhavam molhados sob o sol até o momento que a corrente voltou e os separou, fazendo com que as suas extremidades rolassem suavemente e os seus corpos diminuíssem. A praia inteira era assim pra mim, uma galeria de belos seixos separados uns dos outros no litoral. No entanto, o caminho de Linden na praia era diferente. Ela

⁴⁴ O termo "*Water lilies*" (do inglês) possui a tradução "ao pé da letra" de "Lírios d'água". Um nome popular utilizado para se referir à família da botânica "Nymphaeaceae", a qual contém cerca de 50 espécies catalogadas no mundo. Dentre elas, uma será mencionada mais adiante (ZHU; ZHENG; SHU; LI; ZHONG; ZHANG; XU; WANG; WANG, 2012).

⁴⁵ A palavra "*Linden*" (do inglês), significa "Tília", que é o nome de uma planta.

⁴⁶ A palavra "*Redwood*" (do inglês) significa "Sequoia", que o nome de uma planta.

⁴⁷ "*Patrick's Point*" é o nome do local há 30 milhas de distância de Eureka – uma cidade cuja fama está atrelada à região repleta de Sequoias, as árvores mais altas do mundo, localizada no estado da Califórnia nos Estados Unidos da América (EUA) (VISIT EUREKA, *online*) –, em que hoje há o Parque Estadual do Ponto do Patrick (do inglês, *Patrick's Point State Park*), sua costa começa a partir da Praia Agate (do inglês, *Agate Beach*). (CALIFORNIA STATE PARKS, 2012).

green oval. Her eye was finding new pairings; mine was searching out the old.

I had known it would happen from the first time I held her— from that moment on, all her growing would be away from me. It is the fundamental unfairness of parenthood that if we do our jobs well, the deepest bond we are given will walk out the door with a wave over the shoulder. We get good training along the way. We learn to say “Have a great time, sweetie” while we are longing to pull them back to safety. And against all the evolutionary imperatives of protecting our gene pool, we give them car keys. And freedom. It’s our job. And I wanted to be a good mother.

I was happy for her, of course, poised at the beginning of a new adventure, but I was sad for myself, enduring the agony of missing her. My friends who had already weathered this passage counseled me to remember the parts of having a house full of children that I wouldn’t miss a bit. I would be glad to retire from the worried nights when the roads are snowy, waiting for the sound of tires in the driveway exactly one minute before curfew. The half-done chores and the mysteriously emptying refrigerator.

também estava rearranjando-os, mas o seu método consistia em colocar um basalto cinza escuro com um rosa, ao lado de um abeto oval verde. Os seus olhos encontravam novos pares, enquanto que os meus buscavam os seus antigos pares.

Eu soube que isso aconteceria desde o momento que a segurei no colo pela primeira vez – daquele momento em diante, todo o seu crescimento seria distante de mim. Essa é a injustiça fundamental da maternidade, pois se fizermos o nosso trabalho bem, o vínculo mais profundo que recebemos irá sair porta afora e acenar. E, durante esse período, nos tornamos boas nisso, aprendemos a dizer:

– Divirta-se, meu bem – enquanto estamos morrendo de vontade de manda-los voltar para dentro, onde é seguro. E contra todo o nosso *modus operandi* evolucionário de proteção do nosso código genético, damos a eles as chaves do carro. E liberdade. Afinal, esse é o nosso trabalho. E eu queria ser uma boa mãe.

Claro que eu estava feliz por ela, uma jovem preparada para o começo de uma nova aventura, mas eu estava triste por mim também, suportando a agonia de sentir falta dela. Então, minhas amigas, que já encararam essa passagem, me consolavam ao me lembrarem dos momentos em que tive uma casa cheia de crianças, algo que eu não sentiria nem um pouco de falta. Seria bom me aposentar das tarefas malfeitas, do esvaziamento misterioso da geladeira, das noites de preocupação quando as vias estavam cheias de neve, e eu ficava à espera do som de pneus que surgiam um

There were days when I'd get up in the morning and the animals had beaten me to the kitchen. The calico cat yelled from her perch: *Feed me!* The longhair stood by his bowl silently with an accusing stare. The dog threw herself against my legs with happiness and looked expectant. *Feed me!* And I did. I dropped handfuls of oatmeal and cranberries into one pot and stirred hot chocolate in another. The girls came downstairs sleepy-eyed and needing that homework paper from last night. *Feed me*, they said. And I did. I tipped the scraps into the compost bucket so when the next summer's tomato seedlings say *feed me*, I can. And when I kiss the girls good-bye at the door, the horses whicker at the fence for their bucket of grain and the chickadees call from their empty seed tray: *Feed me me me. Feed me me me.* The fern on the windowsill droops its fronds in silent request. When I put the key in the ignition of the car it starts to ping: *fill me*. Which I do. I listen to public radio all the way to school and thank goodness it's not pledge week.

I remember my babies at the breast, the *first* feeding, the long deep suck that drew up from my innermost well,

minuto antes do toque de recolher.

Houve dias em que eu acordava pela manhã e os animais me faziam ir na marra até a cozinha. O gato malhado em seu poleiro gritava: *Me alimente!*; o de pelos cumpridos permanecia em frente à sua tigela quietamente me encarando com um olhar acusador; a cachorra se jogava contra as minhas pernas numa mistura de alegria e expectativa, *Me alimente!* E eu o fazia. Depois, eu despejava punhados de farinha de aveia e cranberry num recipiente e mexia o chocolate quente em outro. Logo as meninas vinham lá de cima sonolentas e precisando saber onde estava o trabalho da escola feito ontem a noite. *Me alimente*, elas diziam e eu o fazia. Então, eu colocava os restos de comida na composteira para que quando as próximas mudinhas de tomate surgissem, no verão, dizendo *me alimente*, eu pudesse alimenta-las. No momento em que eu dava um beijo de despedida nas meninas à porta, o relinchar dos cavalos, que estavam no cercado, apontava para o balde de grãos e os chapins me chamavam por conta da sua gamela estar sem sementes: *Me alimente-te-te, me alimente-te-te*. Também a samambaia no peitoral da janela inclinava a sua folhagem fazendo um pedido silencioso. E quando eu colocava a chave na ignição do carro, ele começava a apitar: *me abasteça*, e eu o fazia. Eu escutava a rádio aberta durante todo o caminho até a escola e agradecia que não era semana de doações para a caridade.

Me lembro das minhas bebês ao peito, da *primeira* vez que as alimentei, de como elas sugavam profundamente

which was filled and filled again, by the look that passed between us, the reciprocity of mother and child. I suppose I should welcome the freedom from all that feeding and worrying, but I'll miss it. Maybe not the laundry, but the immediacy of those looks, the presence of our reciprocal love is hard to say good-bye to.

I understood that part of my sadness at Linden's departure was because I did not know who I would be when I was no longer known as "Linden's Mother." But I had a bit of a reprieve from that crisis, as I am also justly famous for being "Larkin's Mother." But this, too, would pass.

Before my younger daughter, Larkin, left, she and I had a last campfire up at the pond and watched the stars come out. "Thank you," she whispered, "for all of this." The next morning she had the car all packed with dorm furnishings and school supplies. The quilt that I made for her before she was born showed through one of the big plastic tubs of essentials. When everything she needed was stuffed in back, then she helped me load mine on the roof.

After we'd unloaded and decorated the dorm room and went out to lunch as if nothing was happening, I knew it was time for my exit. My work was done and hers was beginning.

aquele composto feito do meu mais profundo manancial, que se abastecia e se abastecia novamente, por meio do olhar que dávamos umas às outras, a reciprocidade entre mãe e filha. Suponho que devo dar boas-vindas à liberdade dessa constante alimentação e preocupação, mas vou sentir falta disso. Talvez não da roupa suja, mas da proximidade imediata daqueles olhares, da presença do nosso amor recíproco. Dessa parte, é difícil se despedir.

Entendi que parte da minha tristeza quanto à partida de Linden foi por conta de eu não saber quem eu seria quando eu não fosse mais conhecida como "a mãe da Linden". Mas fiquei um pouco aliviada dessa crise, pois eu também sou conhecida como "a mãe da Larkin". No entanto, isso também passaria.

Então, antes que a minha filha mais nova, Larkin, partisse, eu e ela armamos uma fogueira pela última vez na lagoa e assistimos as estrelas surgirem.

– Obrigada, – ela sussurrou – por tudo isso.

Na manhã seguinte, ela já tinha colocado a mobília do dormitório e os materiais escolares no carro. Também vi a colcha que fiz antes dela nascer numa sacola de coisas essenciais.

Então, quando tudo o que ela precisava estava no porta-malas, ela me ajudou a colocar as minhas coisas no topo.

Depois que descarregamos tudo, decoramos o dormitório e saímos para almoçar, como se nada estivesse acontecendo, porém, eu sabia que tinha chegado a hora de eu me retirar. O meu trabalho ali estava feito e o dela

I saw girls dismiss their parents with a waggle of fingers, but Larkin walked me out to the dorm parking lot where the herds of minivans were still disgorging their cargos. Under the gaze of deliberately cheerful dads and strained-looking moms, we hugged again and shed some smiley tears that we both thought had already been used up. As I opened the car door, she started to walk away and called out loudly, "Mom, if you break down in uncontrollable sobs on the highway, please pull over!" The entire parking lot erupted in laughter and then we were all released.

I did not need Kleenex or the breakdown lane. After all, I wasn't going home. I could manage leaving her at college, but I did not want to go home to an empty house. Even the horses were gone and the old family dog had died that spring. There would be no welcoming committee.

I had planned for this with my special grief-containment system strapped on top of my car. Spending every weekend at track meets or hosting slumber parties, I rarely found time to go paddling alone. Now I was going to celebrate my freedom rather than mourn my loss. You hear about those shiny, red midlife crisis Corvettes? Well, mine was strapped on top of the car. I drove down the road to Labrador Pond and slipped my new red kayak into the water.

estava começando.

Vi meninas dispensarem seus pais muito rapidamente, mas Larkin foi comigo até o estacionamento do dormitório, onde um bando de minivans ainda estava despejando carga. Diante da contemplação de pais deliberadamente animados e de mães tensas, nos abraçamos novamente e deixamos cair algumas lágrimas entre sorrisos, que nós duas achamos estarem esgotadas. Conforme eu abria a porta do carro, ela começou a se distanciar e me gritou dizendo:

– Mãe, se você ficar abatida e começar a soluçar incontrolavelmente na estrada, por favor, estacione!

Então, surgiu do estacionamento uma série de risadas. E assim, estávamos todos aliviados.

Não precisei de lencinhos ou de estacionar na estrada, pois, depois de tudo isso, eu não estava indo pra casa. Afinal, eu poderia lidar com deixá-la na universidade, mas não queria ir para uma casa vazia. Até os cavalos já se foram e a cachorra idosa da família faleceu na primavera. Então, não haveria um comitê de boas-vindas.

Planejei, para isso, utilizar o meu sistema especial de contenção de dor, que estava amarrado no teto do meu carro. Por conta de ter de passar todos os fins de semana em competições ou recebendo festas do pijama, eu raramente encontrava tempo para ir remar sozinha. Então, agora, eu estava indo celebrar a minha liberdade, em vez de lamentar a minha perda. Você já ouviu falar daquelas Corvetas vermelhas brilhantes da crise da meia-idade? Bom, a minha estava amarrada ao topo do carro. Sendo assim, dirigi pela estrada até a Lagoa

Just remembering the sound of the first bow wave brings back the whole of the day. Late summer afternoon, golden sun and lapis sky between the hills that fold around the pond. Red-winged blackbirds cackling in the cattails. Not a breath of wind disturbed the glassy pond.

Open water sparkled ahead, but first I had to traverse the marshy edges, beds of pickerelweed and water lilies so thick they covered the water. The long petioles of the spatterdock lilies, stretching six feet from the mucky bottom to the surface, tangled around my paddle as if they wanted to keep me from moving forward. Pulling away the weeds that stuck to my hull, I could see inside their broken stalks. They were packed with spongy white cells filled with air, like a pith of Styrofoam, that botanists call *aerenchyma*. These air cells are unique to floating water plants and give the leaves buoyancy, like a built-in life jacket. This characteristic makes them very hard to paddle through but they serve a larger purpose.

Pond lily leaves get their light and air at the surface, but are attached at the bottom of the lake to a living rhizome as thick as your wrist and as long as your arm. The rhizome inhabits the anaerobic depths of the pond, but

Labrador⁴⁸ e deslizei o meu caiaque vermelho novo até a água.

Só de lembrar do som da primeira onda de arco, retorno à completude do dia: da última tarde de verão, em que o sol dourado e o céu cor de lápis-lazuli estavam entre as colinas ao redor da lagoa; dos melros de asas avermelhadas cantando nas taboas; e de que não havia nenhum suspiro do vento perturbando a água cristalina.

Havia águas cintilantes se abrindo à frente, mas primeiramente eu teria de atravessar as bordas pantanosas, os canteiros de aguapés e os lírios d'água tão espessos que cobriam a água. Os pecíolos cumpridos dos lírios *spatterdock*, que se esticavam por quase dois metros desde o fundo úmido até a superfície, emaranhavam-se ao redor do meu remo, como se quisessem me impedir de seguir em frente. Ao retirar as plantas que grudavam no meu casco, pude ver o interior de seus talos. Eles estavam repletos de células brancas esponjosas cheias de ar, como um mesocarpo de isopor, o que os botânicos chamam de *aerenchyma*. Essas células de ar são sem iguais para plantas aquáticas flutuantes e provêm flutuabilidade, como um colete salva-vidas embutido. Tal característica faz com que seja difícil remar através delas, mas elas servem a um propósito maior.

Lírios de lagoas vão até a luz e o ar por meio da superfície, mas estão fixados no fundo, a um rizoma vivo tão grosso quanto um pulso e tão comprido quanto um braço. Ele habita a profundidade anaeróbica da lagoa, no

⁴⁸ "Labrador Pond" é o nome, em inglês, de uma lagoa localizada no estado de Nova Iorque, nos EUA.

without oxygen it will perish. So the aerenchyma forms a convoluted chain of air-filled cells, a conduit between the surface and the depths so that oxygen can slowly diffuse to the buried rhizome. If I pushed the leaves aside I could see them resting below.

Mired in the weeds, I rested for a bit surrounded by water shield, fragrant water lily, rushes, wild calla, and the eccentric flowers known variously as yellow pond lily, bullhead lily, *Nuphar luteum*, spatterdock, and brandybottle. That last name, rarely heard, is perhaps most apt, as the yellow flowers sticking up from the dark water emit a sweet alcoholic scent. It made me wish I had brought a bottle of wine.

Once the showy brandybottle flowers have accomplished their goal of attracting pollinators, they bend below the surface for several weeks, suddenly reclusive while their ovaries swell. When the seeds are mature, the stalks straighten again and lift up above the water the fruit—a curiously flask-shaped pod with a brightly colored lid that looks like its namesake, a miniature brandy cask about the size of a shot glass. I’ve never witnessed it myself, but I’m told that the seeds pop dramatically from the pod onto the

entanto, sem oxigênio, morreria. Então, a aerênquima forma uma corrente torcida de células cheias de ar, um canal entre a superfície e a profundidade, fazendo o oxigênio se difundir lentamente até o rizoma enterrado. Se eu empurrasse as folhas para o lado, poderia vê-los descansando lá no fundo.

Atolada pelas plantas, descansei um pouco, enquanto estava cercada por um escudo de água, pela fragrância dos lírios d’água, por juncos, calas selvagens⁴⁹ e flores excêntricas também conhecidas como lírios amarelos de lagoa, lírios cabeça de touro, *Nuphar luteum*, lírios *spatterdock* e lírios garrafa de conhaque⁵⁰. O último nome é raramente ouvido, mas talvez seja o mais adequado, pois quando as flores amarelas se erguem da escuridão das águas emitem um perfume alcoólico doce. Ele me fez desejar ter trazido uma garrafa de vinho.

Uma vez que as chamativas flores garrafa de conhaque atingem o seu objetivo de atrair polinizadores, elas se colocam abaixo da superfície por semanas, tornando-se subitamente reclusas enquanto seus ovários dilatam. Então, quando as sementes estão maduras, os talos endireitam-se novamente e mandam para a água o fruto – uma curiosa vagem em forma de frasco com uma cobertura de cores vivas que parece a sua homônima, um tonel de conhaque em miniatura, do tamanho de um copo de um shot. Eu

⁴⁹ A “*wild calla*” (do inglês, “cala selvagem”) é uma espécie de planta da família do copo-de-leite, típica do hemisfério norte (N.C. COOPERATIVE EXTENSION, online).

⁵⁰ Tais nomes são traduções literais a partir dos nomes em inglês – com exceção do nome científico em itálico – dados a mesma planta, que, em português, é conhecida em Portugal como Nenúfar-amarelo, devido ao fato de lá ser um local em que algumas regiões possuem tal planta, apesar desta se encontrar em extinção lá (SOLDADO, 2019).

surface, earning one of their other names, spatterdock. All around me there were lilies in all stages of rising and sinking and reemerging, a waterscape of change that is hard to move through, but I bent to the task, pushing my red boat through the green.

I paddled hard and strong out to the deep water, pulling against the weight of the restraining vegetation, eventually breaking free. When I had exhausted my shoulders so they were as empty as my heart, I rested on the water, closed my eyes, and let the sadness come, adrift.

Maybe a little breeze came up, maybe a hidden current, or the earth tilting on its axis to slosh the pond, but whatever the invisible hand, my little boat began to rock gently, like a cradle on the water. Held by the hills and rocked by the water, the hand of the breeze against my cheek, I gave myself over to the comfort that came, unbidden.

I don't know how long I floated, but my little red boat drifted the length of the lake. Rustling whispers around my hull drew me from reverie and the first thing I saw upon opening my eyes were polished green leaves of water lilies and spatterdock smiling up at me again, rooted in darkness and floating in the light. I found myself surrounded by hearts on the water, luminous green

nunca testemunhei isso, mas me disseram que as sementes rebentam dramaticamente da vagem até a superfície, fazendo com que recebam o nome de *spatterdock*⁵¹. Tudo ao meu redor eram lírios em estágios de ascensão e mergulho e reemersão, uma paisagem aquática de mudanças que são difíceis de atravessar, mas eu segui com a minha missão, empurrando o meu barco vermelho através do verdume.

Remei empenhadamente e fortemente contra o peso da vegetação limitante, até que finalmente me libertei. Quando os meus ombros já estavam totalmente exaustos, e tão cansados quanto o meu coração, descansei sobre a água, fechei meus olhos, e deixei a tristeza vir, à deriva.

Talvez uma brisa leve veio, talvez uma corrente oculta, ou a terra se inclinando em seu eixo moveu a água da lagoa, mas seja qual for a mão invisível, ela fez o meu barco começar a balançar gentilmente, como um berço sobre a água. A mão da brisa contra a minha bochecha, guardada pelas colinas e embalada pelas águas, fez com que eu me entregasse ao conforto que surgiu, espontaneamente.

Não sei dizer por quanto tempo flutuei, mas o meu pequeno barco vermelho vagou de uma ponta a outra do lago. E os suspiros ao redor do meu casco me despertaram do meu sonho, fazendo com que a primeira coisa que eu visse, ao abrir os olhos, fossem as folhas verdes reluzentes de lírios d'água e lírios *spatterdock*, enraizados na escuridão e flutuando na luz,

⁵¹ Uma combinação das palavras, “*spatter*” (“respingar”, em inglês) e “*dock*” (“*estaleiro*”, em inglês), que informalmente poderia denominar a planta como o “estaleiro que respinga”.

hearts. The lilies seemed to pulse with light, green hearts beating with my own. There were young heart leaves below the water on their way up and old leaves on the surface, some with edges tattered by a summer of wind and waves and, no doubt, kayak paddles.

Scientists used to think that the movement of oxygen from the surface leaves of lilies to the rhizome was merely the slow process of diffusion, an inefficient drift of molecules from a region of high concentration in the air to low concentration under water. But new inquiries revealed a flow we could have known by intuition if we had remembered the teachings of plants.

The new leaves take up oxygen into the tightly packed air spaces of their young, developing tissues, whose density creates a pressure gradient. The older leaves, with looser air spaces created by the tatters and tears that open the leaf, create a low-pressure region where oxygen can be released into the atmosphere. This gradient exerts a pull on the air taken in by the young leaf. Since they are connected by air-filled capillary networks, the oxygen moves by mass flow from the young leaves to the old, passing through and oxygenating the rhizome in the process. The young and the old are linked in one long breath, an inhalation that calls for reciprocal exhalation, nourishing the common

sorrindo pra mim de novo. Então me vi rodeada por corações na água, corações verdes luminosos cujos lírios pareciam pulsar com a luz, em sincronia com o meu. Lá havia corações de folhas jovens abaixo da água rumo à superfície, enquanto que os velhos já a atingiram – algumas estavam com as bordas rotas por conta dos ventos e das ondas do verão, e, sem sombra de dúvidas, por conta de remos de caiaque.

Os cientistas costumavam pensar que o movimento do oxigênio das folhas da superfície, dos lírios ao rizoma, era meramente um processo de difusão lento, um impulso ineficiente das moléculas de uma região de alta concentração no ar a uma de baixa concentração sob a água. Mas, pesquisas recentes revelaram um fluxo que poderíamos ter conhecimento por meio da intuição, se tivéssemos nos lembrado dos ensinamentos das plantas.

As folhas novas apreendem oxigênio nos espaços de ar hermeticamente vedados das mais jovens, desenvolvendo tecidos cuja densidade cria uma pressão gradiente, enquanto que as folhas mais velhas possuem espaços de ar mais frouxos por conta dos rasgos que as abrem, criando uma região de baixa pressão onde o oxigênio pode ser liberado à atmosfera. Este gradiente exerce uma conservação do ar recolhido pela folha mais jovem. Mas, por estarem conectadas por redes capilares cheias de ar, o oxigênio se move pelo fluxo de massa advindo das folhas jovens às velhas, atravessando-as e oxigenando o rizoma no processo. Afinal, as jovens e as velhas estão conectadas por uma

root from which they both arose. New leaf to old, old to new, mother to daughter—mutuality endures. I am consoled by the lesson of lilies.

I paddled more easily back to the shore. Loading the kayak onto the car in the fading light, I was doused with the leftover pond water draining onto my head. I smiled at the illusion of my grief-containment system: there is no such thing. We spill over into the world and the world spills over into us.

The earth, that first among good mothers, gives us the gift that we cannot provide ourselves. I hadn't realized that I had come to the lake and said *feed me*, but my empty heart was fed. I had a good mother. She gives what we need without being asked. I wonder if she gets tired, old Mother Earth. Or if she too is fed by the giving. "Thanks," I whispered, "for all of this."

It was nearly dark when I got home, but my plan had included leaving the porch light on because a dark house would have been one assault too many. I carried my life jacket into the porch and got out my house keys before I noticed a pile of presents, all beautifully wrapped in brightly colored tissue paper, as if a piñata had burst over my door. A bottle of wine with a single glass on the doorsill. There was a goingaway party on the porch and Larkin had missed it. "She's one lucky

respiração longa, uma aspiração que estende um convite à exalação recíproca, alimentando a raiz comum da qual as duas surgiram. Da folha nova à velha, da velha à nova, da mãe à filha – dando suporte umas às outras. Assim, estou consolada pela lição dos lírios.

Remei mais facilmente de volta à margem, e, enquanto colocava o meu caiaque sobre o carro sob uma luz do sol poente, me vi molhada por um restante de água da lagoa que caiu sobre a minha cabeça. Sorri à ilusão do meu sistema de contenção de dor: isso não existe. Transbordamos no mundo e o mundo transborda em nós.

A terra, aquela que é a primeira dentre todas as mães boas, nos dá o presente de que não podemos nos sustentar sozinhos, afinal, eu não me dei conta de que, quando fui ao lago, disse *me alimente*, mas o meu coração vazio foi alimentado, pois eu tinha uma mãe boa. Ela dá o que precisamos sem pedirmos. Me pergunto se ela se cansa, a velha Mãe Terra, ou se ela também é alimentada pelas doações que nos dá.

– Obrigada – sussurrei – por tudo isso.

Estava quase escuro quando cheguei em casa, mas o meu plano incluía deixar a luz da varanda acesa, pois uma casa escura iria me deixar de sobressalto. Então levei o meu colete salva-vidas à varanda e peguei as chaves de casa, até que reparei numa pilha de presentes, todos lindamente embalados com folhas de papel coloridas brilhantes, como se uma pinhata tivesse explodido na minha porta, deixando, dentre todas as coisas, uma garrafa de vinho com um

girl,” I thought, “showered with love.”

I looked through the gifts for tags or a card, but there was nothing to show who had made the late delivery. The wrapping was just tissue paper so I hunted for a clue. I smoothed the purple paper tight on one gift to read the label underneath. It was a jar of Vicks VapoRub! A little note fell from the twisted tissue paper: “Take comfort.” I recognized the handwriting immediately as my cousin’s, dear enough to be my sister, who lives hours away. My fairy godmother left eighteen notes and presents, one for every year of mothering Larkin. A compass: “To find your new path.” A packet of smoked salmon: “Because they always come home.” Pens: “Celebrate having time to write.”

We are showered every day with gifts, but they are not meant for us to keep. Their life is in their movement, the inhale and the exhale of our shared breath. Our work and our joy is to pass along the gift and to trust that what we put out into the universe will always come back.

único copo na soleira da porta. Houve uma festa de despedida ali e Larkin a perdeu.

– Ela é uma garota de sorte, – pensei – inundada de amor.

Vasculhei os presentes em busca de cartões, mas havia nada que indicasse quem mandou a entrega tardia, pois o embrulho foi feito apenas com folhas de papel, por isso fui à procura de pistas. Pressionei o papel roxo de um presente, buscando ler o rótulo por debaixo dele. Era um vidro de Vick VapoRub! Então, um bilhete pequeno caiu do embrulho: “Reconforte-se”. Reconheci a letra imediatamente, era da minha prima, tão querida quanto uma irmã, que mora a horas da minha casa. Essa minha fada madrinha deixou dezoito bilhetes e presentes, um para cada ano que fui mãe de Larkin. Uma bússola: “Para encontrar o seu novo caminho”. Um pacote de salmão defumado: “Pois eles sempre voltam pra casa”. Canetas: “Comemore tendo tempo para escrever”.

Recebemos uma chuva de presentes todos os dias, mas eles não estão destinados a ficarem conosco. A vida deles está no movimento deles, assim como o aspirar e o exalar de nossa respiração compartilhada. Então, o nosso trabalho e a nossa felicidade é passar adiante o presente e confiar que o que mandamos ao universo sempre irá retornar.

APÊNDICE C – AS TRÊS IRMÃS

PICKING SWEETGRASS

Sweetgrass is harvested in midsummer, when the leaves are long and shiny. The blades are taken one by one and dried in the shade to preserve the color. A gift is always left in return.

COLHENDO A *SWEETGRASS*

A *Sweetgrass* é colhida no solstício de verão, quando as folhas estão cumpridas e lustrosas. Suas folhas cortantes são retiradas uma a uma e secas à sombra, para preservarem a cor. Um presente é sempre deixado como agradecimento.

The Three Sisters

It should be them who tell this story. Corn leaves rustle with a signature sound, a papery conversation with each other and the breeze. On a hot day in July—when the corn can grow six inches in a single day—there is a squeak of internodes expanding, stretching the stem toward the light. Leaves escape their sheaths with a drawn-out creak and sometimes, when all is still, you can hear the sudden pop of ruptured pith when water-filled cells become too large and turgid for the confines of the stem. These are the sounds of being, but they are not the voice.

The beans must make a caressing sound, a tiny hiss as a soft-haired leader twines around the scabrous stem of corn. Surfaces vibrate delicately against each other, tendrils pulse as they cinch around a stem, something only a nearby flea beetle could hear. But this is not the song of beans.

I've lain among ripening pumpkins and heard creaking as the parasol leaves rock back and forth, tethered by their tendrils, wind lifting their edges and easing them down again. A microphone in the hollow of a swelling pumpkin would reveal the pop of seeds expanding and the rush of water filling succulent orange flesh. These are sounds, but not the story. Plants tell their stories not by what they say, but

As Três Irmãs

Elas deveriam contar essa história, pois as folhas de milho sussurram com um som típico, uma conversa folhada entre elas e a brisa. Num dia quente de julho – quando o milho pode crescer mais de quinze centímetros em um único dia – há um chiado de entrenós expandindo, alongando o caule rumo à luz. As folhas deixam escapar o seu invólucro por meio de um chiado prolongado e, às vezes, quando tudo está quieto, você pode ouvir o estouro repentino do mesocarpo rompido quando as células cheias de água se tornam maiores e inchadas devido à pressão do pedúnculo. Há sons da existência, mas eles não são a voz.

Os feijões devem fazer um som de afago, uma sibilação tão minúscula quanto o som de quando um líder de cabelo macio se enreda em torno do pé áspero pedúnculo áspero do milho. Suas superfícies vibram delicadamente umas contra as outras, as gavinhas pulsam facilmente ao redor do caule, algo que apenas um besouro-saltador poderia ouvir. Mas essa não é a canção dos feijões.

Repousei diante de abóboras amadurecendo e ouvi o rangido que as folhas guarda-sol faziam, dando a impressão de que balançavam pra frente e pra trás, amarradas por suas gavinhas, o vento suspendia as suas extremidades e suavizava para desce-las novamente. Um microfone no interior de uma abóbora em desenvolvimento revelaria o estalo das sementes expandindo e a precipitação

by what they do.

What if you were a teacher but had no voice to speak your knowledge? What if you had no language at all and yet there was something you needed to say? Wouldn't you dance it? Wouldn't you act it out? Wouldn't your every movement tell the story? In time you would become so eloquent that just to gaze upon you would reveal it all. And so it is with these silent green lives. A sculpture is just a piece of rock with topography hammered out and chiseled in, but that piece of rock can open your heart in a way that makes you different for having seen it. It brings its message without a single word. Not everyone will get it, though; the language of stone is difficult. Rock mumbles. But plants speak in a tongue that every breathing thing can understand. Plants teach in a universal language: food.

Years ago, Awiakta, a Cherokee writer, pressed a small packet into my hand. It was a corn leaf, dry and folded into a pouch, tied with a bit of string. She smiled and warned, "Don't open 'til spring." In May I untie the packet and there is the gift: three seeds. One is a golden triangle, a kernel of corn with a broadly dimpled top that narrows to a

da água preenchendo sua carne laranja suculenta. Esses são sons, mas não a história.

As plantas contam as suas próprias histórias não pelo que dizem, mas pelo que fazem.

E se você fosse um(a) professor(a) mas não tivesse voz para transmitir o seu conhecimento? E se você falasse nenhuma língua, mas houvesse algo que precisaria dizer? Você não dançaria para expressar isso? Você não faria uma mímica disso? Cada um dos seus movimentos não contaria a história que você pretende transmitir? Então, com o tempo, você se tornaria tão eloquente que só de te olharem, você revelaria tudo. O mesmo ocorre com essas vidas verdes silenciosas. Afinal, uma escultura é apenas um pedaço de pedra cuja topografia fora martelada e cinzelada, mas esse pedaço de pedra pode abrir o seu coração de uma maneira que te torna uma pessoa diferente após vê-lo. Ele transmite a sua mensagem sem fazer uso de palavras. No entanto, nem todos vão entendê-la, pois a língua da pedra é difícil. Ela é a balbúcia da pedra. Porém, as plantas falam numa língua que toda a criatura que respira é capaz de entender, pois ensinam em uma língua universal: a comida.

Anos atrás, Awiakta, uma escritora Cherokee, colocou um pequeno pacote nas minhas mãos. Era uma folha de milho seca, abrigada em uma algibeira e amarrada por um cordão. Ela sorriu e me alertou:

– Não abra até a primavera.

Em maio⁵² desamarrei o pacote, e lá havia o presente: três sementes. Uma

⁵² Lembrando que no hemisfério norte, onde a história se passa, as estações ocorrem em períodos diferentes em relação às do hemisfério sul.

hard white tip. The glossy bean is speckled brown, curved and sleek, its inner belly marked with a white eye—the hilum. It slides like a polished stone between my thumb and forefinger, but this is no stone. And there is a pumpkin seed like an oval china dish, its edge crimped shut like a piecrust bulging with filling. I hold in my hand the genius of indigenous agriculture, the Three Sisters. Together these plants—corn, beans, and squash—feed the people, feed the land, and feed our imaginations, telling us how we might live.

For millennia, from Mexico to Montana, women have mounded up the earth and laid these three seeds in the ground, all in the same square foot of soil. When the colonists on the Massachusetts shore first saw indigenous gardens, they inferred that the savages did not know how to farm. To their minds, a garden meant straight rows of single species, not a three-dimensional sprawl of abundance. And yet they ate their fill and asked for more, and more again.

Once planted in the May-moist earth, the corn seed takes on water quickly, its seed coat thin and its starchy contents, the endosperm, drawing water to it. The moisture triggers enzymes under the skin that cleave the

era um triângulo dourado, um grão de milho cujo topo era amplamente ondulado e se estreitava para uma ponta branca e dura; a outra era um feijão lustroso de tom levemente marrom, curvado e liso, cuja cavidade interna possuía a marca de um olho branco – o hilo –, ela escorregava como uma pedra polida entre o meu dedão e o meu indicador, mas não era de forma alguma uma pedra; e havia uma semente de abóbora, que parecia uma louça oval de porcelana cujas extremidades estavam cerradas como uma crosta de torta saliente. Assim estava eu, segurando as gêmeas da agricultura indígena, As Três Irmãs – o milho, o feijão e a abóbora –, que, juntas, alimentam as pessoas, alimentam a terra, e alimentam a nossa imaginação, nos dizendo como devemos viver.

Por milênios, do México a Montana, as mulheres vêm enchendo a terra e enterrando essas três sementes no chão no mesmo perímetro de solo. Consequentemente, quando os colonizadores avistaram pela primeira vez culturas agrícolas indígenas na costa de Massachusetts, concluíram que os selvagens não entendiam nada de agricultura. Na cabeça deles, uma cultura agrícola deve possuir fileiras retas de uma única espécie, e não três – um espalhamento dimensional de abundância –, e ainda comeram a provisão indígena e pediram mais, e mais novamente.

Uma vez plantada na terra úmida de maio, a semente de milho absorve a água rapidamente, gera uma camada fina e componentes amiláceos, dos quais o endosperma extrai água para si mesmo. As enzimas irrompidas

starch into sugars, fueling the growth of the corn embryo that is nestled in the point of the seed. Thus corn is the first to emerge from the ground, a slender white spike that greens within hours of finding the light. A single leaf unfurls, and then another. Corn is all alone at first, while the others are getting ready.

Drinking in soil water, the bean seed swells and bursts its speckled coat and sends a rootling down deep in the ground. Only after the root is secure does the stem bend to the shape of a hook and elbow its way above ground. Beans can take their time in finding the light because they are well provisioned: their first leaves were already packaged in the two halves of the bean seed. This pair of fleshy leaves now breaks the soil surface to join the corn, which is already six inches tall.

Pumpkins and squash take their time—they are the slow sister. It may be weeks before the first stems poke up, still caught in their seed coat until the leaves split its seams and break free. I'm told that our ancestors would put the squash seeds in a deerskin bag with a little water or urine a week before planting to try to hurry them along. But each plant has its own pace and the sequence of their germination, their birth order, is important to their relationship and to the success of the

úmidas debaixo de sua película fendem o amido em açúcares, alimentando o crescimento do embrião do milho, que está aninhado no ponto branco da semente. Assim o milho é o primeiro a emergir do chão, gerando um espigão branco fino que se esverdeia dentro de algumas horas debaixo da luz. Logo, uma folha se desenrola, e depois outra. O milho está totalmente sozinho no começo, enquanto as outras estão se preparando.

Ao absorver a água do solo, as sementes de feijão incham, arreentam suas cascas manchadas e mandam suas raízes para o fundo. Apenas depois que a raiz está segura o pedúnculo se dobra no formato de um gancho e impulsiona o seu caminho para a superfície do solo. Os feijões demoram um pouco para encontrar luz, mas isso não é um problema, pois estão bem mantidos: suas primeiras folhas já estariam embaladas nas duas metades da semente de feijão. Esse par de folhas corpulentas agora rompe a superfície do solo para se juntar ao milho, que já está com mais de quinze centímetros de altura.

As abóboras levam o tempo delas – são a irmã mais lenta. Pode levar semanas até que os primeiros pedúnculos se formem, pois ainda estão presos em seu tegumento até que as folhas rompam suas emendas e se soltem. Me contaram que os nossos ancestrais colocavam as sementes de abóbora em uma sacola de pele de corça com um pouco de água ou urina uma semana antes da plantação para tentar apressá-las. Mas cada planta tem seu próprio ritmo, sua

crop.

The corn is the firstborn and grows straight and stiff; it is a stem with a lofty goal. Laddering upward, leaf by long-ribbed leaf, it must grow tall quickly. Making a strong stem is its highest priority at first. It needs to be there for its younger sister, the bean. Beans put out a pair of heart-shaped leaves on just a stub of a stem, then another pair, and another, all low to the ground. The bean focuses on leaf growth while the corn concentrates on height. Just about the time that the corn is knee high, the bean shoot changes its mind, as middle children are wont to do. Instead of making leaves, it extends itself into a long vine, a slender green string with a mission. In this teenage phase, hormones set the shoot tip to wandering, inscribing a circle in the air, a process known as circumnutation. The tip can travel a meter in a day, pirouetting in a loopy circle dance until it finds what it's looking for—a corn stem or some other vertical support. Touch receptors along the vine guide it to wrap itself around the corn in a graceful upward spiral. For now, it holds back on making leaves, giving itself over to embracing the corn, keeping pace with its height growth. Had the corn not started early, the bean vine would strangle it, but if the timing is right, the corn can easily carry the bean.

própria sequência de germinação e sua própria ordem de nascimento, isso é importante para seus relacionamentos e para o sucesso da colheita.

O milho é a primogênita e cresce diretamente e rijamente; é um caule de objetivos grandiosos. Escada acima, folha a folha estriada, ela deve se tornar alta rapidamente, tendo o pedúnculo forte como sua maior prioridade, pois precisa estar lá para sua irmã mais nova, o feijão. No início de seu surgimento sobre o solo, os feijões despendem um par de folhas no formato de coração em apenas uma ponta de um pedúnculo, depois outro par, e mais outro, todos perto do chão. O feijão foca-se no crescimento das folhas enquanto o milho se concentra na altura. Apenas quando milho está na altura do joelho, o feijão dispara e muda de ideia, assim como os pré-adolescentes costumam fazer. Então, em vez de fazer folhas, ele se expande numa ramagem cumprida; um cordão verde e fino com uma missão. Nessa fase adolescente, os hormônios determinam que a ponta de rebento faça uma peregrinação, gravando um círculo no ar, um processo conhecido como circunutação. Sua extremidade mais alta pode viajar um metro em um dia, fazendo uma dança de piruetas no formato de círculos em looping até encontrar o que procura – um caule de milho ou outro suporte vertical. Enquanto os receptores que percorrem as gavinhas, guiam-nas para se enrolarem ao redor do milho numa espiral graciosa ascendente. Por enquanto, ela deixa de produzir folhas, lançando-se com o objetivo de abraçar o milho, mantendo ritmo de seu

Meanwhile, the squash, the late bloomer of the family, is steadily extending herself over the ground, moving away from the corn and beans, setting up broad lobed leaves like a stand of umbrellas waving at the ends of hollow petioles. The leaves and vines are distinctly bristly, giving second thoughts to nibbling caterpillars. As the leaves grow wider, they shelter the soil at the base of the corn and beans, keeping moisture in, and other plants out.

Native people speak of this gardening style as the Three Sisters. There are many stories of how they came to be, but they all share the understanding of these plants as women, sisters. Some stories tell of a long winter when the people were dropping from hunger. Three beautiful women came to their dwellings on a snowy night. One was a tall woman dressed all in yellow, with long flowing hair. The second wore green, and the third was robed in orange. The three came inside to shelter by the fire. Food was scarce but the visiting strangers were fed generously, sharing in the little that the people had left. In gratitude for their generosity, the three sisters revealed their true identities—corn, beans, and squash—and gave themselves to the people in a bundle of seeds so that they might never go hungry again.

crescimento. Se o milho não tivesse começado mais cedo, a ramagem de feijão teria a estrangulado, mas se elas crescem no tempo certo, o milho consegue carregar o feijão.

Enquanto isso, a abóbora, o florescer tardio da família, está constantemente ampliando-se pelo chão, desviando-se do milho e do feijão, levantando folhas largas e lobadas como uma bancada de guarda-chuvas acenando para a extremidade dos pecíolos côncavos. Suas folhas e gavinhas são distintivamente ásperas, fazendo com que as lagartas que vêm mordiscando desistam delas. Conforme suas folhas crescem mais, elas abrigam o solo nas bases do milho e dos feijões, mantendo-o húmido e deixando outras plantas de fora.

Povos indígenas chamam esse estilo de horticultura de “As Três Irmãs”. Há muitas histórias de como elas se tornaram isso, mas todos compartilham o entendimento de que essas plantas são mulheres, irmãs. Algumas histórias contam que, durante o inverno, quando o povo estava caindo de fome, três belas mulheres foram à sua habitação numa noite e nevasca. Uma era alta, estava toda de amarelo e tinha um cabelo flutuante; a segunda estava de verde; e a terceira de laranja. As três entraram para se abrigarem ao fogo. A comida estava escassa, mas as forasteiras foram alimentadas generosamente, aquele povo compartilhou o pouco que havia restado. Em agradecimento pela generosidade, as três irmãs revelaram suas identidades verdadeiras – milho, feijão e abóbora – e deram a si mesmas àquele povo num pacote de

At the height of the summer, when the days are long and bright, and the thunderers come to soak the ground, the lessons of reciprocity are written clearly in a Three Sisters garden. Together their stems inscribe what looks to me like a blueprint for the world, a map of balance and harmony. The corn stands eight feet tall; rippling green ribbons of leaf curl away from the stem in every direction to catch the sun. No leaf sits directly over the next, so that each can gather light without shading the others. The bean twines around the corn stalk, weaving itself between the leaves of corn, never interfering with their work. In the spaces where corn leaves are not, buds appear on the vining bean and expand into outstretched leaves and clusters of fragrant flowers. The bean leaves droop and are held close to the stem of the corn. Spread around the feet of the corn and beans is a carpet of big broad squash leaves that intercept the light that falls among the pillars of corn. Their layered spacing uses the light, a gift from the sun, efficiently, with no waste. The organic symmetry of forms belongs together; the placement of every leaf, the harmony of shapes speak their message. Respect one another, support one another, bring your gift to the world and receive the gifts of others, and there will be enough for all.

sementes para que eles nunca mais sentissem fome de novo.

No auge do verão, quando os dias são mais compridos e brilhantes, e os trovões vêm para embeber o chão, as lições de reciprocidade são escritas claramente em uma cultura agrícola das Três Irmãs. Juntos, seus caules registram o que me parece a planta baixa do mundo, um mapa de equilíbrio e harmonia. O milho fica com quase dois metros e meio; ondulando tiras verdes de folha enroladas desde o tronco rumo a todas as direções, buscando o sol. Nenhuma folha assenta-se diretamente sobre a próxima, assim cada uma consegue coletar luz sem fazer sombra sobre as outras. O feijão enrosca-se arredor do talo do milho, entrelaçando-se entre as folhas dele, e nunca interferindo no trabalho delas. Então, nos lugares onde não há folhas de milho, aparecem botões nas gavinhas de feijão, a expansão de folhas estendendo-se e ramos de flores perfumadas. As folhas de feijão tombam e são sustentadas pelo pedúnculo do milho. E, ao redor dos pés de milho e feijão, há um tapete de folhas grandes e largas de abóboras espalhando-se, que intercepta a luz que cai sob as colunas de milho. O espaçamento delas em camadas usa a luz, um presente do sol, eficientemente, sem desperdiçá-la. A simetria orgânica das formas está interligada; a localização de cada folha, a harmonia das formas traz a sua mensagem: respeitem uns aos outros, ajudem uns aos outros, dê os seus dons ao mundo e receba os dos outros, e assim haverá o suficiente para todos.

By late summer, the beans hang in heavy clusters of smooth green pods, ears of corn angle out from the stalk, fattening in the sunshine, and pumpkins swell at your feet. Acre for acre, a Three Sisters garden yields more food than if you grew each of the sisters alone.

You can tell they are sisters: one twines easily around the other in relaxed embrace while the sweet baby sister lolls at their feet, close, but not too close—cooperating, not competing. Seems to me I've seen this before in human families, in the interplay of sisters. After all, there are three girls in my family. The firstborn girl knows that she is clearly in charge; tall and direct, upright and efficient, she creates the template for everyone else to follow. That's the corn sister. There's not room for more than one corn woman in the same house, so the middle sister is likely to adapt in different ways. This bean girl learns to be flexible, adaptable, to find a way around the dominant structure to get the light that she needs. The sweet baby sister is free to choose a different path, as expectations have already been fulfilled. Well grounded, she has nothing to prove and finds her own way, a way that contributes to the good of the whole.

Without the corn's support, the beans would be an unruly tangle on the ground, vulnerable to bean-hungry predators. It might seem as if she is taking a free ride in this garden,

Ao final do verão, os feijões penduram vagens verdes lisas em cachos pesados; espigas de milho são colocadas pra fora do talo, cevando-se da luz solar; e as abóboras crescem aos seus pés. Hectare por hectare, uma cultura agrícola das Três Irmãs produz mais comida do que se você as plantar isoladamente.

Pode-se dizer que elas são irmãs: uma se enrosca facilmente ao redor da outra em um abraço tranquilo envolvendo relaxado enquanto a doce irmãzinha refestela-se os pés delas, de perto, mas não tão perto assim – cooperando, e não competindo. Me parece que já vi isso em famílias humanas, na interação entre irmãs. Afinal, há três meninas na minha família. A primogênita sabe que ela está claramente no comando, alta e direta, justa e eficiente. Ela cria um modelo para que todas sigam. Essa é a irmã milho. Não há espaço para mais de uma mulher milho na mesma casa, por isso a irmã do meio será provavelmente a que adaptará de maneiras diferentes. Essa menina feijão aprende a ser flexível, a se adaptar, a se virar diante de estruturas dominantes para chegar à luz que precisa. A doce irmã mais nova é livre para escolher um caminho diferente, já que as expectativas já foram supridas, então, uma vez que está bem fundada e não tem nada para provar, ela encontra o seu próprio caminho, um que gera uma contribuição para o benefício de todos.

Sem o apoio do milho, o feijão se entrelaçaria de maneira rebelde no chão e seria presa fácil para seus predadores. Então, na cultura agrícola das Três Irmãs, é como se ele estivesse

benefiting from the corn's height and the squash's shade, but by the rules of reciprocity none can take more than she gives. The corn takes care of making light available; the squash reduces weeds. What about the beans? To see her gift you have to look underground.

The sisters cooperate above ground with the placement of their leaves, carefully avoiding one another's space. The same is true below ground. Corn is classified as a monocot, basically an overgrown grass, so its roots are fine and fibrous. With the soil shaken off, they look like a stringy mop head at the end of a cornstalk handle. They don't go very deep at all; instead they make a shallow network, calling first dibs on incoming rain. After they've had their drink, the water descends out of reach of the corn roots. As the water goes deeper, the deep taproots of the bean are poised there to absorb it. The squash finds its share by moving away from the others. Wherever a squash stem touches soil, it can put out a tuft of adventitious roots, collecting water far from the corn and bean roots. They share the soil by the same techniques that they share the light, leaving enough for everyone.

dando uma volta por essa cultura agrícola e se beneficiando da altura do milho e do formato da abóbora, mas, seguindo as regras da reciprocidade, ninguém pode receber mais do que ganhar.

O milho cuida de tornar a luz acessível, a abóbora minimiza as pragas. E quanto aos feijões? Para contemplar o seu dom, você terá de olhar para o subsolo.

As irmãs cooperam sob o solo por meio da localização de suas folhas, cuidadosamente evitando invadir o espaço umas das outras. O mesmo acontece abaixo do solo, pois, já que o milho é classificado como uma monocotiledônea, basicamente uma relva alta, as suas raízes são finas e fibrosas. Em outras palavras, uma vez que o solo está revirado, elas parecem cabeças de esfregão filamentosas que na outra ponta do cabo há uma espiga de milho. Elas não vão muito profundamente, pois, em vez disso, fazem um trabalho de rede de comunicação, conseguindo ter prioridade sob a chuva que chega. Então, depois de tomarem a sua parte, a água desce de suas raízes, e, conforme vai aprofundando-se, as raízes primárias do feijão estão colocadas ali para absorve-la. Já a abóbora consegue a sua parte ao afastar-se das outras – pois, onde quer que o pedúnculo da abóbora tocar o solo, ele pode despender um tufo de raízes acidentalmente –, captando água de longe de onde estão as raízes de milho e feijão. Basicamente, elas compartilham o solo a partir das mesmas técnicas que utilizam para compartilhar a luz, deixando o suficiente para todas.

But there is one thing they all need that is always in short supply: nitrogen. That nitrogen should be the factor that limits growth is an ecological paradox: fully 78 percent of the atmosphere is nitrogen gas. The problem is that most plants simply can't use atmospheric nitrogen. They need mineral nitrogen, nitrate or ammonium. The nitrogen in the atmosphere might as well be food locked away in full sight of a starving person. But there are ways to transform that nitrogen, and one of the best ways is named "beans."

Beans are members of the legume family, which has the remarkable ability to take nitrogen from the atmosphere and turn it into usable nutrients. But they don't do it alone. My students often run to me with a handful of roots from a bean they've unearthed, with little white balls clinging to strands of root. "Is this a disease?" they ask. "Is something wrong with these roots?" In fact, I reply, there's something very right.

These glistening nodules house the *Rhizobium* bacteria, the nitrogen fixers. *Rhizobium* can only convert nitrogen under a special set of circumstances. Its catalytic enzymes will not work in the presence of oxygen. Since an average handful of soil is more than 50 percent air space, the *Rhizobium* needs a refuge in order to do its work. Happily, the bean obliges. When a bean root meets a microscopic rod of *Rhizobium* underground, chemical communications are exchanged and a

Mas há algo que todas elas precisam e que sempre está em falta: o nitrogênio. Esse fator, que deveria limitar o desenvolvimento delas, é um paradoxo ecológico, afinal, um total de 78 por cento da atmosfera é nitrogênio. O problema é que a maioria das plantas simplesmente não consegue fazer uso do nitrogênio da atmosfera, pois precisa de nitrogênio mineral, nitrato ou amônia. O nitrogênio da atmosfera é como um alimento trancafiado à vista de uma pessoa faminta. No entanto, há maneiras de transformar esse nitrogênio, e uma das melhores se chama "feijão".

Os feijões são membros da família das leguminosas, que tem a habilidade excepcional de captar o nitrogênio da atmosfera e transformá-lo em nutrientes úteis. Mas eles não fazem isso sozinhos.

Meus alunos frequentemente vêm até mim com um punhado de raízes de um feijão que desenterraram, e, nelas, há pequenas bolinhas brancas agarradas aos fios da raiz.

– Isso é uma praga? – perguntam. – Há algo de errado com essas raízes?

Na verdade, respondo, há algo muito certo.

Esses nódulos lustrosos abrigam a bactéria *Rhizobium*, a fixadora de nitrogênio. Ela apenas pode converter o nitrogênio diante de um conjunto de circunstâncias especiais, afinal, suas enzimas catalíticas não funcionarão na presença do oxigênio. Uma vez que um punhado de solo tem em média mais de 50 por cento de ar do espaço, a *Rhizobium* precisa de um refúgio para fazer o seu trabalho. Felizmente, o feijão a ajuda. Quando uma raiz de feijão encontra uma haste

deal is negotiated. The bean will grow an oxygen-free nodule to house the bacterium and, in return, the bacterium shares its nitrogen with the plant. Together, they create nitrogen fertilizer that enters the soil and fuels the growth of the corn and the squash, too. There are layers upon layers of reciprocity in this garden: between the bean and the bacterium, the bean and the corn, the corn and the squash, and, ultimately, with the people.

It's tempting to imagine that these three are deliberate in working together, and perhaps they are. But the beauty of the partnership is that each plant does what it does in order to increase its own growth. But as it happens, when the individuals flourish, so does the whole.

The way of the Three Sisters reminds me of one of the basic teachings of our people. The most important thing each of us can know is our unique gift and how to use it in the world. Individuality is cherished and nurtured, because, in order for the whole to flourish, each of us has to be strong in who we are and carry our gifts with conviction, so they can be shared with others. Being among the sisters provides a visible manifestation of what a community can become when its members understand and share their gifts. In reciprocity, we fill our spirits as well as our bellies.

microscópica de *Rhizobium* microscópico, comunicações químicas são trocadas e um acordo é negociado: o feijão fará crescer um nódulo livre de oxigênio para abrigar a bactéria e, em troca, ela compartilhará seu nitrogênio com a planta. Juntos, criam o fertilizante nitrogenado que entra no solo e abastece o desenvolvimento do milho e da abóbora também. Há camadas e camadas de reciprocidade nessa cultura agrícola: entre o feijão e a bactéria, o feijão e o milho, o milho e a abóbora, e, por fim, entre as pessoas.

É tentador pensar que essas três estão trabalhando juntas deliberadamente, e talvez elas estejam. Mas a beleza da parceria é que cada planta faz o que faz para aumentar o seu próprio desenvolvimento. No entanto, conforme isso acontece, e elas prosperam, todas as outras também o fazem.

O método das Três Irmãs me lembra um dos ensinamentos básicos do nosso povo: a coisa mais importante que cada um de nós pode conhecer é o nosso único dom e como utiliza-lo no mundo. A individualidade é estimada e nutrida, pois, para que todos prosperem, cada um de nós tem de ser firme quanto a quem somos, e devemos portá-lo com convicção, assim ele pode ser compartilhado com os outros. Estar dentre as irmãs possibilita uma manifestação visível do que uma comunidade pode se tornar quando seus membros compreendem e compartilham seus dons. Em reciprocidade, nós enchemos os nossos espíritos assim como os nossos estômagos.

For years, I taught General Botany in a lecture hall with slides and diagrams and stories of plants that could not fail to inflame the enthusiasm of eighteen-year-olds for the marvels of photosynthesis. How could they be anything but elated to learn how roots find their way through the soil, sitting on the edge of their seats waiting to hear more about pollen? The sea of blank looks suggested that most of them found this as interesting as, literally, watching grass grow. When I would wax eloquent about the grace with which a bean seedling pushes its way up in the spring, the first row would eagerly nod their heads and raise their hands while the rest of the class slept.

In a fit of frustration, I asked for a show of hands: "How many of you have ever grown anything?" Every hand in the front row went up, and there were a few half hearted waves from the back from someone whose mother had an African violet that had died a withering death. Suddenly I understood their boredom. I was teaching from memory, drawing on images of plant lives that I had witnessed over the years. The green images I thought we shared as human beings were not theirs, thanks to the supplanting of gardens by supermarkets. The front-row students had seen these things as well and wanted to know how such everyday miracles were possible. But most of the class had no experience of seeds and

Por anos, dei aula de Botânica Geral num auditório utilizando slides, diagramas e histórias de plantas que não podiam falhar em inflamar o entusiasmo de alunos de dezoito anos para as maravilhas da fotossíntese. Eles não poderiam ter outra reação se não a de ficarem encantados em aprender como as raízes encontram o seu caminho através do solo, sentando-se na beirada de seus lugares a espera de ouvir mais sobre o pólen? O mar de olhares apáticos sugeriu que a maioria deles achou isso tão interessante quanto, literalmente, assistir o mato crescer. Quando eu puder aumentar a eloquência sobre os encantos com o qual uma muda de feijão impulsiona o seu caminho acima na primavera, a primeira fileira avidamente assentirá com suas cabeças enquanto o resto da turma estará dormindo.

Já sabendo que iria me decepcionar, pedi para que erguessem a mão para a seguinte pergunta:

– Quem aqui já plantou algo e viu crescer?

Todas as mãos da primeira fileira foram levantadas e havia uma acenando hesitantemente também no fundo, de alguém cuja mãe teve uma violeta africana que foi murchando até morrer. De repente entendi o tédio. Eu estava ensinado a partir da minha memória, desenhando imagens da vida das plantas que testemunhei com o passar dos anos. As imagens verdes que achei que compartilhávamos enquanto seres humanos não eram deles, graças à suplantação das culturas agrícolas pelos

soil, had never watched a flower transform itself into an apple. They needed a new teacher.

And so now each fall I begin my class in a garden, where they have the best teachers I know, three beautiful sisters. For a whole September afternoon they sit with the Three Sisters. They measure yield and growth and get to know the anatomy of the plants who feed them. I ask them first to just look. They observe and draw the way the three live in relationship. One of my students is an artist, and the more she looks the more excited she becomes. "Look at the composition," she says. "It's just like our art teacher described the elements of design in studio today. There is unity, balance, color. It's perfect." I look at the sketch in her notebook, and she's seeing it like a painting. Long leaves, round leaves, lobed and smooth, yellow, orange, tan on a matrix of green. "See the way it works? Corn is the vertical element, squash horizontal, and it's all tied together with these curvilinear vines, the beans. Ravishing," she claims with a flourish.

One of the girls is dressed for allure that might work in a dance club, but not on a botany field trip. She has avoided

supermercados. Os alunos da primeira fileira já haviam visto isso e queriam compreender como esses milagres diários eram possíveis. Mas a maioria da turma não tinha nenhuma experiência com as sementes e o solo, nunca assistiram a transformação de uma flor em uma maçã. Eles precisavam de uma professora nova.

Desde então, todo outono, começo a minha aula numa cultura agrícola, onde eles podem ter as melhores professoras que conheço, as três belas irmãs. Durante uma tarde inteira, em setembro, eles sentam com as Três Irmãs, medem a produção e o crescimento e passam a conhecer a anatomia das plantas que os alimenta.

Primeiramente, peço a eles que apenas olhem. Eles observam e desenham a maneira como as três se relacionam. Uma das minhas alunas é uma artista, e quanto mais ela olha mais animada fica.

– Veja essa composição. – ela diz. – É exatamente como o nosso professor de artes descreveu os elementos de design no estúdio hoje. Há unidade, equilíbrio e cor. É perfeito.

Olhei para o esboço no caderno dela e observei que ela está visualizando isso como uma pintura. Folhas compridas, folhas arredondadas, lobadas, lisas, amarelas, laranjas, tangenciadas numa matriz verde.

– Está vendo como funciona? O milho é o elemento vertical, a abóbora é o horizontal, e está tudo conectando-se com essas gavinhas curvilíneas, os feijões. Fascinante. – afirma suntuosamente.

Uma das alunas está com uma vestimenta que dava a impressão de trabalhar numa balada, e não num

any contact with the dirt so far. To ease her into the work, I suggest that she take the relatively clean task of simply following a squash vine from one end to another and diagramming the flowers. Way out at the young tip of the vine are orange squash blossoms as ruffled and splashy as her skirt. I point out the swollen ovary of the flower after it has been pollinated. Such is the outcome of successful seduction. Mincing carefully in her heels, she follows the vine back toward its source; the older flowers have wilted and a tiny little squash has appeared where the flower's pistil had been. Closer and closer to the plant, the squashes become larger, from a penny-size nub with flower still attached, to the full ripeness of a ten-inch squash. It's like watching a pregnancy unfold. Together we pick a ripe butternut squash and slice it open so she can see the seeds in the cavity within.

"You mean a squash comes from a flower?" she says incredulously, seeing the progression along the vine. "I love this kind of squash at Thanksgiving."

"Yes," I tell her, "this is the ripened ovary of that first flower."

Her eyes widen in shock. "You mean all these years I've been eating ovaries? Blech—I'll never eat a squash again."

There is an earthy sexuality to a garden, and most of the students get

passeio de campo botânico. Ela evita qualquer contato com o barro até então. Para aliava-la quanto ao trabalho, sugeri que fizesse uma tarefa relativamente limpa, a de simplesmente seguir os ramos de abóbora de uma ponta a outra e esquematizar as flores. Mais à frente, na ponta da videira, há flores de abóbora tão franzidas e orvalhadas quanto a sua saia. Aponto para o ovário inchado da flor após ela ter sido polinizada, o resultado de uma sedução bem-sucedida. Ao equilibrase nos seus saltos, ela segue a ramagem até a sua origem; as flores mais velhas murcharam e uma pequenina abóbora surgiu onde estava o pistilo da flor. Quanto mais perto da base da planta, maiores as abóboras, desde o tamanho de uma moeda com uma flor anexada até uma abóbora totalmente madura de quase vinte cinco centímetros e meio. É como assistir o desdobramento de uma gravidez. Juntas colhemos uma abóbora-menina madura e a cortamos para abri-la. Assim, ela vê as sementes na cavidade interna.

– Você quer dizer que as abóboras vêm da flor? – diz ela incrédula, observando a progressão ao longo da ramagem. – Eu amo esse tipo de abóbora no Dia de Ação de Graças.

– Sim. – digo a ela. – Esse é o ovário desenvolvido dessa flor no primeiro estágio.

Seus olhos ficaram arregalados.

– Você quer dizer que todos esses anos eu tenho comido ovários? Eca! Nunca mais vou comer abóbora de novo.

Há uma sexualidade ligada à terra e à cultura agrícola, de modo que a

drawn in to the revelation of fruit. I have them carefully open an ear of corn without disturbing the corn silk that plumes from the end. First the coarse outer husks are pulled away, then layer after layer of inner leaves, each thinner than the next until the last layer is exposed, so thin and tightly pressed to the corn that the shape of the kernels show through it. As we draw aside the last layer, the sweet milky scent of corn rises from the exposed ear, rows upon rows of round yellow kernels. We look closely and follow an individual strand of corn silk. Outside the husk it is brown and curly, but inside it is colorless and crisply succulent, as if filled with water. Each little strand of silk connects a different kernel inside the husk to the world outside.

A corncob is an ingenious sort of flower in which the silk is a greatly elongated flower pistil. One end of the silk waves in the breeze to collect pollen, while the other end attaches to the ovary. The silk is the water-filled conduit for sperm released from the pollen grains caught there. The corn sperm swim down the silken tube to the milky-white kernel—the ovary. Only when the corn kernels are so fertilized will they grow plump and yellow. A corncob is the mother of hundreds, as many children as there are kernels, each with potentially a different father. Is it any wonder she is called the Corn Mother?

maioria dos alunos se sentem atraídos ao serem apresentados às frutas. Eu os faço abrir cuidadosamente uma espiga de milho sem perturbarem a seda do milho que se empluma desde a ponta. Primeiramente, as películas exteriores rudimentares são deixadas de lado, depois remove-se camada por camada de folhas internas, uma mais fina que a outra, até a última ser exposta, tão fina e fortemente agarrada ao milho que o formato dos grãos pode ser visto através dela. Conforme retiramos a última camada, o aroma lactescente doce do milho sai da espiga exposta, carreiras e carreiras de grãos amarelos arredondados. Olhamos de perto e acompanhamos o fio de uma seda de milho. O exterior da superfície é marrom e encaracolado, mas seu interior é incolor e nitidamente succulento, como se estivesse cheio de água. Cada fiozinho de seda conecta-se a um grão diferente dentro da espiga com o mundo exterior.

Uma espiga de milho é uma espécie especial indígena de flor cuja seda é um pistilo muito alongado. Uma das extremidades da seda ondula-se à brisa para coletar pólen, enquanto a outra anexa-se ao ovário. A seda é o canal cheio de água para o esperma liberado pelos grãos de pólen capturados ali. O esperma do milho nada pelo tubo da seda até o lactescente – o miolo branco –, o ovário. Apenas quando os grãos de milho estão fertilizados, eles crescerão arredondados e amarelados. Uma espiga de milho é mãe de centenas, a sua mesma quantidade de grãos, cada um com um pai potencialmente diferente. Já te ocorreu por que ela é

Beans too grow like babies in the womb. The students are contentedly munching fresh pole beans. I ask them to first open a slender pod, to see what they're eating. Jed slits a pod with his thumbnail and opens it. There they are, bean babies, ten in a row. Each little beanlet is attached to the pod by a fragile green cord, the funiculus. Just a few millimeters long, it is the analog to the human umbilical cord. Through this cord, the mother plant nourishes her growing offspring. The students crowd around to look. Jed asks, "Does that mean a bean has a belly button?" Everybody laughs, but the answer is right there. Every bean has a little scar from the funiculus, a colored spot on its seed coat, the hilum. Every bean does have a belly button. These plant mothers feed us and leave their children behind as seeds, to feed us again and again.

In August, I like to have a Three Sisters potluck. I spread tablecloths on the tables beneath the maples and stuff bouquets of wildflowers in canning jars on every table. Then my friends start to arrive, each with a dish or a basket. The tables fill up with trays of golden cornbread, three-bean salad, round brown bean cakes, black bean chili, and summer squash casserole. My friend Lee brings a platter of small

chamada de Mãe Milho?

E os feijões também crescem como bebês no ventre.

Os alunos estão mastigando contentes feijões frescos. Diante disso, peço a eles que primeiro abram uma vagem delgada, para assim verem o que estão comendo. Então, Jed fende uma vagem com as unhas do polegar e a abre. E lá estão eles, os bebês feijões, dez em uma fileira. Cada um está agarrado à vagem por um cordão verde frágil, o funículo, que tem apenas alguns milímetros, o análogo ao cordão umbilical. Por meio dele, a mãe planta nutre a sua prole em desenvolvimento. Com isso, os alunos amontoam-se ao seu redor para observar. Então, Jed pergunta:

– Isso significa que um feijão tem umbigo?

Todos riem, mas a resposta está logo ali. Todo feijão tem mesmo umbigo, uma pequena cicatriz do funículo, um ponto colorido na casca da semente, o hilo. Essas mães plantas os nutrem e depois deixam seus filhos para trás como sementes, para nos alimentarem de novo e de novo.

Em agosto, gosto de fazer uma confraternização das Três Irmãs. Estendo as toalhas de mesa sob os pés de bordo dentre outros, e coloco buquês de flores selvagens em potes de conserva em cada mesa. Então, os meus amigos começam a chegar, cada um com um prato ou uma cesta. As mesas são preenchidas com bandejas de pedaços pão de milho dourados, salada de três feijões, bolos

pumpkins stuffed with cheesy polenta. There's a steaming pot of Three Sisters soup, all green and yellow, with slices of summer squash floating in the broth.

As if there wasn't enough to eat already, our ritual is to go to the garden together, once everyone arrives, and pick some more. The corn ears fill a bushel basket. The kids are delegated to shuck the corn while parents fill a bowl with new green beans and the littlest kids peek under prickly leaves looking for squash blossoms. We carefully spoon a batter of cheese and cornmeal into the orange throat of each flower, close it up, and fry it until it's crisp. They disappear from the plate as fast as we can make them.

The genius of the Three Sisters lies not only in the process by which they grow, but also in the complementarity of the three species on the kitchen table. They taste good together, and the Three Sisters also form a nutritional triad that can sustain a people. Corn, in all its guises, is a superb form of starch. All summer, the corn turns sunshine into carbohydrate, so that all winter, people can have food energy. But a human cannot subsist on corn alone; it is not nutritionally complete. Just as the

arredondados de feijão marrom⁵³, chilli de feijão preto e caçarola de abobrinha. Meu amigo, Lee, traz um prato de pequenas morangas recheadas com polentas e queijo derretido. Há uma panela de sopa das Três Irmãs soltando fumaça, toda verde e amarelo, com fatias de abobrinha flutuando no caldo.

E como se isso já não fosse o suficiente, o nosso ritual é ir à cultura agrícola juntos, assim que todos tiverem chego, e colher mais, fazendo com que as espigas de milho encham cestas e mais cestas. Lá, as crianças têm a função de debulhar o milho enquanto seus pais enchem uma tigela com feijões verdes frescos e as crianças menores ficam embaixo das folhas pruriginosas buscando flores de abóbora. Nós cuidadosamente colocamos uma colher de massa de queijo com fubá dentro de cada flor laranja, a fechamos e a fritamos até ficar crocante. Todas desaparecem do prato tão rapidamente quanto as colocamos.

A genialidade das Três Irmãs não está apenas no processo de seu desenvolvimento, mas também na complementaridade das três espécies na mesa da cozinha. Juntas têm um sabor ótimo, e também formam uma tríade nutricional que pode sustentar um povo. O milho, em qualquer um de seus aspectos, é uma forma soberba de amido. Além disso, todo verão, ele transforma os raios solares em carboidratos, para que durante todo o inverno, as pessoas possam ter

⁵³ Um tipo de bolo típico estadunidense que utiliza o feijão marrom (do inglês, "*brown bean*") como base. Tal variedade de feijão é típica apenas de alguns países do hemisfério norte do planeta, e isso não abrange os falantes da língua portuguesa (NILSSON, JOHANSSON, EKSTRÖM, BJÖRCK, 2013; FOSTER, 2022).

bean complements the corn in the garden, it collaborates in the diet as well. By virtue of their nitrogen-fixing capacity, beans are high in protein and fill in the nutritional gaps left by corn. A person can live well on a diet of beans and corn; neither alone would suffice. But neither beans nor corn have the vitamins that squash provide in their carotene-rich flesh. Together, they are once again greater than alone.

After dinner we are too full for dessert. There is a dish of Indian pudding and maple corncakes waiting for us, but we just sit and look out over the valley while the kids run around. The land below us is mostly planted to corn, the long rectangular fields butting right up against the woodlots. In the afternoon light, the rows of corn throw shadows on one another, outlining the contours of the hill. From a distance they look like lines of text on a page, long lines of green writing across the hillside. The truth of our relationship with the soil is written more clearly on the land than in any book. I read across that hill a story about people who value uniformity and the efficiency it yields, a story in which the land is shaped for the convenience of machines and the demands of a market.

energia alimentar. Mas um ser humano não pode subsistir apenas com o milho; isso não é nutricionalmente completo. Portanto, assim como o feijão complementa o milho na cultura agrícola, ele também colabora na alimentação. Devido à sua qualidade de ser capaz de fixar nitrogênio, o feijão tem uma alta quantidade de proteínas e contém os nutrientes que são deficientes no milho. Assim, uma pessoa pode viver bem numa dieta a base de feijão e milho, mas, mesmo assim, elas sozinhas não seriam o suficiente nutricionalmente, pois nem o feijão e nem o milho têm as vitaminas que a abóbora possui em sua polpa rica em caroteno. Portanto, juntas, elas são, novamente, melhores que sozinhas.

Depois do jantar estamos cheios demais para a sobremesa. Há um prato de pudim indiano e bolo de milho e bordo à nossa espera, mas nós ficamos apenas sentados observando o vale enquanto as crianças correm por ali.

A terra sob nós é usada principalmente para o plantio de milho, os campos extensos e retangulares estão cabeceando diretamente o bosque. E, à luz da tarde, as fileiras de milho fazem sombra umas sobre as outras, delineando os contornos da colina que, a partir de uma distância, parecem linhas de texto de escrita verde compridas numa página ao lado da colina. Afinal, a verdade sobre o nosso relacionamento com o solo está escrita mais claramente na terra do que em qualquer livro. Leio naquela colina uma história sobre pessoas que valorizam a uniformidade e a eficiência, que valoriza a produção que

In indigenous agriculture, the practice is to modify the plants to fit the land. As a result, there are many varieties of corn domesticated by our ancestors, all adapted to grow in many different places. Modern agriculture, with its big engines and fossil fuels, took the opposite approach: modify the land to fit the plants, which are frighteningly similar clones.

Once you know corn as a sister, it's hard to unknow it. But the long ranks of corn in the conventional fields seem like a different being altogether. The relationships disappear and individuals are lost in anonymity. You can hardly recognize a beloved face lost in a uniformed crowd. These acres are beautiful in their own way, but after the companionship of a Three Sisters garden, I wonder if they're lonely.

There must be millions of corn plants out there, standing shoulder to shoulder, with no beans, no squash, and scarcely a weed in sight. These are my neighbor's fields, and I've seen the many passes with the tractor that produce such a "clean" field. Tank sprayers on the tractor have delivered applications of fertilizer; you can smell it in the spring as it drifts off the fields. A dose of ammonium nitrate substitutes for the partnership of a

isso rentabiliza, uma história em que a terra é moldada para a conveniência de máquinas e das demandas de um mercado.

Na agricultura indígena, pratica-se a modificação das plantas para que se ajustem à terra. Como resultado, há muitas variedades de milho domesticadas pelos nossos ancestrais, todas adaptadas para se desenvolverem em muitos lugares diferentes. A agricultura moderna, com suas muitas máquinas e combustíveis fósseis, seguiu a abordagem oposta: modificar a terra para que ela se ajuste às plantas, que são clones pavorosamente similares.

Uma vez que você conhece a irmã milho, é difícil não a reconhecer. Mas as fileiras compridas de milho nos campos convencionais parecem transformarem-na em um tipo de criatura completamente diferente. Afinal, relacionamentos desaparecem e indivíduos se perdem no anonimato. Você mal pode reconhecer um rosto querido perdido numa multidão uniformizada. Esses hectares são belos à maneira deles, mas, após a convivência com uma cultura agrícola das Três Irmãs, me pergunto se eles não se sentem solitários.

Deve haver milhões de pés de milho lá em pé, ombro a ombro, sem feijões ou abóboras, e dificilmente há plantas invasoras à vista também. Esses são os campos dos meus vizinhos. Já vi as muitas passagens com trator que geram um campo "limpo" por lá, de modo que os pulverizadores dos tratores mandam aplicações de fertilizantes; é possível sentir seu cheiro na primavera conforme são colocados nos campos. Uma dose de

bean. And the tractors return with herbicides to suppress weeds in lieu of squash leaves.

There were certainly bugs and weeds back when these valleys were Three Sisters gardens, and yet they flourished without insecticides. Polycultures—fields with many species of plants—are less susceptible to pest outbreaks than monocultures. The diversity of plant forms provides habitats for a wide array of insects. Some, like corn worms and bean beetles and squash borers, are there with the intent of feeding on the crop. But the diversity of plants also creates habitat for insects who eat the crop eaters. Predatory beetles and parasitic wasps coexist with the garden and keep the crop eaters under control. More than people are fed by this garden, but there is enough to go around.

The Three Sisters offer us a new metaphor for an emerging relationship between indigenous knowledge and Western science, both of which are rooted in the earth. I think of the corn as traditional ecological knowledge, the physical and spiritual framework that can guide the curious bean of science, which twines like a double helix. The squash creates the ethical

nitrate de amônia substitui a parceria com o feijão. E a volta dos tratores com herbicidas para suprimir as plantas invasoras trabalha no lugar das folhas das abóboras.

Certamente havia insetos e ervas daninhas quando esses vales eram culturas agrícolas das Três Irmãs, e elas conseguiam prosperar sem inseticidas. Afinal, policulturas – campos com muitas espécies de plantas – são menos suscetíveis a surtos de pragas do que monoculturas, pois a diversidade de formas de plantas gera habitats para uma grande variedade de insetos. Alguns, como lagartas-da-espiga, besouros do feijão mexicano e brocas-de-abóbora⁵⁴, estão lá com o objetivo de se alimentarem da safra. Mas a diversidade de plantas também cria um habitat propício para insetos que se alimentam de comedores de safra. Besouros predadores e vespas parasitas coexistem na cultura agrícola e mantêm os comedores de safra sob controle. Muitas outras criaturas além das pessoas são alimentadas pela cultura agrícola, mas há o suficiente para todos.

As Três Irmãs nos oferecem uma nova metáfora para o início de um relacionamento entre o conhecimento indígena e a ciência ocidental, ambos enraizados na terra. Penso no milho como o conhecimento tradicional ecológico, a estrutura física e espiritual que pode guiar o feijão curioso da ciência, o qual se entrelaça nele como uma linha espiral dupla. Enquanto que

⁵⁴ São mariposas típicas da América do Norte (conhecidas como *squash borers* na língua inglesa) exclusivamente, portanto, não há ocorrências de traduções de seu nome para o português, uma vez que tal inseto não é típico de regiões falantes da língua portuguesa (BUTTERFLIES AND MOTHS, online).

habitat for coexistence and mutual flourishing. I envision a time when the intellectual monoculture of science will be replaced with a polyculture of complementary knowledges. And so all may be fed.

Fran brings out a bowl of whipped cream for the Indian pudding. We spoon up the soft custard, rich with molasses and cornmeal, and watch the light fade on the fields. There's a squash pie, too. By this feast, I want the Three Sisters to know that we've heard their story. Use your gift to take care of each other, work together, and all will be fed, they say.

They've all brought their gifts to this table, but they've not done it alone. They remind us that there is another partner in the symbiosis. She is sitting here at the table and across the valley in the farmhouse, too. She's the one who noticed the ways of each species and imagined how they might live together. Perhaps we should consider this a Four Sisters garden, for the planter is also an essential partner. It is she who turns up the soil, she who scares away the crows, and she who pushes seeds into the soil. We are the planters, the ones who clear the land, pull the weeds, and pick the bugs; we save the seeds over winter and plant them again next spring. We are midwives to their gifts. We cannot live without them, but it's also true that they cannot live without us. Corn, beans, and squash are fully domesticated; they rely on us to create the conditions under which they can grow. We too are

a abóbora cria o habitat ético para o desenvolvimento em coexistência e florescimento mútuo. Assim, visualizo um momento em que a monocultura intelectual da ciência será substituída pela policultura dos conhecimentos complementares, fazendo com que todos sejam alimentados.

Fran traz uma tigela de chantilly para o pudim indígena. Então, pegamos uma colherada desse creme macio de melado e fubá e assistimos o enfraquecimento das luzes que incidiam nos campos. Há uma torta de abóbora também. Por meio dessa festa, quero que as Três Irmãs saibam que nós conhecemos a história delas.

Usem os seus dons para cuidar uns dos outros, trabalhem em conjunto, e todos terão sustância, dizem.

Elas levaram os seus dons à mesa, mas não fizeram isso sozinhas, por isso nos lembram que há outra parceira na simbiose. Ela está sentada à mesa e está além da casa da fazenda do vale também. Ela é quem delegou os caminhos de cada espécie e imaginou como elas deveriam viver juntas. Talvez devêssemos considerar essa uma cultura agrícola das Quatro Irmãs, pois quem as planta também é um parceiro essencial. É ela quem revira o solo, espanta os corvos e enterra as sementes no solo. Nós somos os plantadores, quem limpa o solo, tira as plantas invasoras, enterra as sementes e apanha insetos; salvamos as sementes durante o inverno e as plantamos novamente na primavera. Somos as parteiras de seus dons e não podemos viver sem eles, mas também é verdade que elas também não o podem sem nós. O milho, o feijão e a abóbora estão

part of the reciprocity. They can't meet their responsibilities unless we meet ours.

Of all the wise teachers who have come into my life, none are more eloquent than these, who wordlessly in leaf and vine embody the knowledge of relationship. Alone, a bean is just a vine, squash an oversize leaf. Only when standing together with corn does a whole emerge which transcends the individual. The gifts of each are more fully expressed when they are nurtured together than alone. In ripe ears and swelling fruit, they counsel us that all gifts are multiplied in relationship. This is how the world keeps going.

completamente domesticadas, pois dependem de nós para criarem as condições em que podem crescer. Portanto, somos parte da reciprocidade. Elas não conseguem arcar com suas responsabilidades, se não pudermos arcar com as nossas.

De todos os professores sábios que entraram na minha vida, nenhum foi mais eloquente que essas, que, sem fazer o uso de palavras, nas folhas e na ramagem, personificam o conhecimento do relacionamento. Sozinho, um feijão é apenas uma trepadeira videira e a abóbora é apenas uma folha larga demais. Apenas quando se juntam ao milho, elas formam um todo que transcende o individual. Os dons de cada uma estão mais completamente expressos quando elas estão nutridas em conjunto do que sozinhas. Em espigas maduras e frutos inchados, elas nos dão o conselho de que os nossos dons se multiplicam quando nos relacionamos. É assim que o mundo segue em frente.

BRAIDING SWEETGRASS

Sweetgrass, as the hair of Mother Earth, is traditionally braided to show loving care for her well-being. Braids, plaited of three strands, are given away as signs of kindness and gratitude.

TRANÇANDO A *SWEETGRASS*

A *sweetgrass*, como o cabelo da Mãe Terra, é tradicionalmente trançada como uma demonstração de cuidado e amor com o seu bem-estar. As tranças, o entrelaçar de três cordões, são doadas como sinal de gentileza e gratidão.

Umbilicaria: The Belly Button of the World

Glacial erratics stud the Adirondack landscape, granite boulders dropped in place when the glaciers got tired of rolling them and melted their way back home to the north. The granite in these parts is anorthosite, among the oldest rocks on earth and resistant to weathering. Most of the boulders have been rounded by their journey, but some still stand tall and sharp-edged, like this one, which is as big as a dump truck. I run my fingers over its surface. Veined with quartz, its top is a knife edge and its sides too steep to climb.

This elder has sat silently in these lakeshore woods for ten thousand years as forests have come and gone, lake levels ebbed and flowed. And after all that time, it is still a microcosm of the postglacial era when the world was a cold desert of rubble and scraped earth. Alternately baking in the summer sun and snow-blasted in the long winter, without soil in a world still treeless, the glacial till provided a forbidding home for pioneers.

Undaunted, lichens volunteered to

Umbilicaria: O Umbigo do Mundo

Blocos erráticos percorrem a paisagem de Adirondack, pois pedras de granito foram parar lá quando as geleiras se cansaram de rolá-los, e depois, eles derreteram seu caminho de volta pra casa ao norte. O granito desses lugares é um anortosito, uma das pedras mais antigas da terra, além disso, é resistente ao intemperismo.

Desde então, a maioria das rochas ficou com formato arredondado pela sua jornada, mas algumas ainda permanecem firmes e afiadas, como essa, que é tão grande quanto um caminhão. Quando passo meus dedos pela sua superfície, verifico que esta é raiada por quartzos, seu topo é um fio de faca, e suas laterais são íngremes demais para se escalar.

Essa idosa assentou-se silenciosamente na floresta à beira do lago por dez mil anos, conforme as florestas se formavam e se desfaziam e os níveis do lago subiam e desciam. Depois de todo esse tempo, ela ainda é um microcosmo da era do gelo – quando o mundo era um deserto frio de pedra e terra lisa, que alternadamente secava com o sol do verão e tomava jatos de neve no inverno. Esse foi um mundo desarborizado sem solo, cuja era proporcionou um lar ameaçador para seus pioneiros.

Destemidos, os líquens se

put down roots and homestead stone—metaphorically, of course, since they have no roots. This is an asset when there is no soil. Lichens have no roots, no leaves, no flowers. They are life at its most basic. From a dusting of propagules that lodged in tiny pits and fissures just a pinprick deep, they settled the bare granite. This microtopography gave protection from the wind and offered concavities where water might rest after a rain in a microscopic puddle. It wasn't much, but it was enough.

In the span of centuries the rock became glazed with a gray-green crust of lichen almost indistinguishable from the rock itself, a bare coating of life. The steep faces and exposure to the winds off the lake have prevented any accumulation of soil, its surface a last relic of the Ice Age.

I come here sometimes just to be in the presence of such ancient beings. The sides of the boulder are festooned with *Umbilicaria americana* in raggedy ruffles of brown and green, the most magnificent of northeastern lichens. Unlike those of its tiny crustose forebearers, the *Umbilicaria's* thallus—its body—can span an outstretched hand. The largest one recorded was measured at just over two feet. Tiny ones cluster like baby chicks around a mother hen. So charismatic a being has accumulated many names; it is most frequently known as the rock tripe and sometimes as the oakleaf lichen.

voluntariaram para criarem raízes e fundarem seu lar na rocha – metaforicamente, claro, já que eles não têm raízes, mas isso é uma boa habilidade quando não há solo. Resumindo, eles não têm raízes, folhas e nem flores; são a vida na sua forma mais básica, advindos de um pouco de propágulos que se alojaram em fendas e fissuras pequenas da profundidade de uma picada de agulha; e se instalaram no granito puramente despido naquela época. Essa microtopografia protegeu-os do vento e proporcionou concavidades, poças microscópicas, onde a água pode repousar após a chuva.

Com o passar dos séculos, a pedra ficou lustrosa e passou a possuir uma crosta cinza e verde de líquen, tornando-se quase indistinguível em relação ao que era anteriormente, uma cobertura de vidas expostas. As faces íngremes e a não exposição ao vento impediu qualquer acúmulo de solo, fazendo com que sua superfície seja uma última relíquia da Era do Gelo.

Venho aqui as vezes apenas para ficar na presença de tais seres anciões. As laterais da rocha estão enfeitadas com *Umbilicaria americana* em forma de babados esfarrapados marrons e verdes, o mais magnífico dos líquens do nordeste do hemisfério norte. E, diferentemente desses antepassados pequenos e crostosos, o talo da *Umbilicaria* – seu corpo – pode chegar ao tamanho de uma mão aberta. O maior já registrado tem pouco mais de meio metro. Os menores se amontoam como pintinhos ao redor da galinha-mãe. Ela é um ser tão carismático que já acumulou muitos nomes; mas é mais

Rain cannot linger on the vertical faces, so most of the time this boulder is dry and the lichens shrink and get crisp, making the rock look scabby. Without leaves or stem, *Umbilicaria* is simply a thallus, roughly circular in shape, like a tattered scrap of brown suede. Its upper surface when dry is a mousy shade of taupe. The thallus edges curl up in a chaotic sort of ruffle, exposing the black underside, which is crisp and grainy like a charred potato chip. It is anchored tightly to the rock at its center by a short stalk, like a very short-handled umbrella. The stalk, or umbilicus, cements the thallus to the rock from underneath.

The forest the lichens inhabit is a richly textured plantscape, but they are not plants. They blur the definition of what it means to be an individual, as a lichen is not one being, but two: a fungus and an alga. These partners are as different as could be and yet are joined in a symbiosis so close that their union becomes a wholly new organism.

I once heard a Navajo herbalist explain how she understands certain

frequentemente conhecida como “entranhas rochosas”, e as vezes como “líquen folha de carvalho⁵⁵”.

A chuva não consegue ficar muito tempo sobre as faces verticais, portanto, na maior parte do tempo, essa pedra está seca e seus líquens também, a ponto da rocha parecer possuir quebras. Sem folhas ou galhos, a *Umbilicaria* é simplesmente um talo de formato grosseiramente circular, como um fragmento maltrapilho de camurça marrom. Enquanto que a superfície ao topo, quando seca, tem um tom marrom opaco. As pontas dos talos se enrolam como um tipo de babado caótico, deixando exposta superfície preta debaixo deles, que é quebradiça e granulosa como batatas chips. Ela está ancorada firmemente à pedra e concentra-se por meio de um talo pequeno, como um guarda-chuva pequeno demais para se segurar. A haste, ou o umbigo, cimenta o talo à rocha desde a parte de baixo.

A floresta é uma paisagem composta por plantas ricamente texturizadas e é o lar dos líquens, mas eles não são plantas. Isso faz com que deixem nebulosa a definição de o que significa ser um indivíduo, afinal, o líquen não é um indivíduo, mas sim dois: um fungo e uma alga. Esses parceiros são os mais diferentes possíveis e ainda assim juntam-se numa simbiose tão íntima que esta união se torna um organismo novo totalmente diferente.

Uma vez ouvi uma herbalista da etnia Navajo explicar como ela

⁵⁵ Ambos os nomes populares mencionados são traduções literais dos termos em inglês: “*rock tripe*” e “*oakleaf lichen*”, devido ao fato dessa espécie de líquen não ser típica de países que falam a língua portuguesa. (THE BRITISH LICHEN SOCIETY, online).

kinds of plants to be “married,” due to their enduring partnership and unquestioning reliance on one another. Lichens are a couple in which the whole is more than the sum of its parts. My parents will celebrate their sixtieth wedding anniversary this year and seem to have just that kind of symbiosis, a marriage in which the balance of giving and taking is dynamic, the roles of giver and receiver shifting from moment to moment. They are committed to an “us” that emerges from the shared strengths and weaknesses of the partners, an “us” that extends beyond the boundaries of coupledness and into their family and community. Some lichens are like that too; their shared lives benefit the whole ecosystem.

All lichens, from the tiny crusts to the stately *Umbilicaria*, are a mutualistic symbiosis, a partnership in which both members benefit from their association. In many Native American wedding traditions, the bride and the groom present each other with baskets of gifts, traditionally representing what each promises to bring to the marriage. Often, the woman’s basket contains plants from the garden or meadows to show her agreement to provide food for her husband. The man’s basket may contain meat, or animal hides, a promise to provide for the family by hunting. Plant food and animal food, autotroph and heterotroph—the alga and the fungus also bring their particular gifts to their union as a lichen.

compreende que certos tipos de plantas se “casam” graças a sua parceria duradoura e à confiança inquestionável que um/uma tem no/na outro/outra, sendo o líquen um casal cujo todo é maior que a soma de suas partes. Meus pais vão celebrar o sexagésimo aniversário de casamento esse ano, e eles parecem ter exatamente esse tipo de simbiose, um casamento em que a balança de doações e recepções é dinâmica, os papéis de doador e de receptor mudam a todo momento. Em outras palavras, eles estão comprometidos a um “nós” que emerge a partir das forças e fraquezas compartilhadas com o parceiro, um “nós” que se estende para além dos limites do casal, rumo à sua família e comunidade. Alguns líquens são assim também, compartilham vidas que beneficiam todo o ecossistema.

Todos os líquens, desde as crostas pequenas até à imponente *Umbilicaria*, são uma simbiose mútua, uma parceria em que ambos os membros se beneficiam dessa associação. Em muitas tradições de casamento nativo-americano, a noiva e o noivo se presenteiam com cestas de presentes, tradicionalmente representando o que cada um promete oferecer como contribuição ao casamento. Geralmente, na cesta da mulher, há plantas de jardins e prados, para mostrar que ela concorda em dar alimento ao seu marido. Já a cesta do homem contém carne, ou couro de animal, uma promessa de que ele fornecerá caça à família. Alimentação por meio de plantas ou animais, autotróficos ou heterotróficos. Da mesma forma, a alga e o fungo

The algal partner is a collection of single cells, gleaming like emeralds and bearing the gift of photosynthesis, the precious alchemy of turning light and air to sugar. The alga is an autotroph, or one that makes its own food and will be the cook of the family, the producer. The alga can make all the sugar it needs for energy, but it's not very good at finding the minerals it needs. It can only photosynthesize when it's moist, but it has no ability to protect itself from drying.

The fungus partner is the heterotroph, or "other feeder," since it can't make its own food but must subsist on the carbon harvested by others. The fungus is brilliant at the art of dissolving things and liberating their minerals for its use, but it can't make sugar. The fungal wedding basket would be filled with specialized compounds like acids and enzymes that digest complex materials into their simpler components. The body of the fungus, a network of delicate threads, goes out hunting for minerals and then absorbs those molecules through its huge surface area. Symbiosis enables the alga and the fungus to engage in a reciprocal exchange of sugar and minerals. The resulting organism behaves as if it were a single entity, with a single name. In a traditional human marriage, the partners may change their names to or an alga. We name it as if it were one new being, an interspecies family, as it were: rock tripe, *Umbilicaria americana*.

também dão presentes bem particulares a sua união como líquen.

A parceira alga é uma coletânea de células solitárias que cintilam como esmeraldas e que contém o dom da fotossíntese, a preciosa alquimia capaz de transformar a luz em ar e açúcar. A alga é uma autótrofa, ou seja, consegue produzir sua própria comida, portanto será a cozinheira da família, a provedora; também é capaz de produzir todo o açúcar necessário para gastar como energia, mas não é muito boa em encontrar os minerais que precisa; além disso, só consegue fazer a fotossíntese quando está úmida, porém não possui habilidades para se proteger da seca.

O parceiro fungo é um heterótrofo, ou "o outro alimentador": uma vez que não consegue produzir sua própria comida, mas precisa subsistir do carbono capturado pelos outros, é brilhante na arte de dissolver as coisas e liberar os minerais delas para seu próprio uso, mas ele não é capaz de produzir açúcar. A cesta de casamento do fungo estaria cheia de misturas como ácidos e enzimas que digerem materiais complexos, transformando-os em componentes mais simples. O corpo do fungo, uma rede de fios delicados, sai para caçar minerais e depois absorve as moléculas de sua caça através da sua área de superfície imensa.

Dessa forma, a simbiose possibilita que a alga e o fungo comprometam-se numa troca recíproca de açúcar e minerais. O organismo resultante disso se comporta como se fosse uma única entidade, com um único nome. Afinal, num casamento tradicional, os parceiros podem trocar os seus

In *Umbilicaria*, the algal partner is almost always a genus that would be called *Trebouxia* if it lived alone or was not “lichenized.” The fungal partner is always a type of ascomycete but not always the same species. Depending on how you look at it, the fungi are quite loyal. They always choose *Trebouxia* as their algal partner. The alga, however, is a bit more promiscuous, willing to hook up with a wider array of fungi. I guess we’ve all seen marriages like that, too.

In their shared architecture, the algal cells are embedded like green beads in fabric woven of fungal hyphae. If you sliced a cross section of the thallus it would be like a cake with four layers. The upper surface, the cortex, feels like the top of a mushroom, smooth and leathery. It is tightly woven of fungal filaments, or hyphae, to hold in moisture. The dusky brown coloration acts like a natural sunscreen that shields the algal layer, which lies just below, from intense sunlight.

Below the shelter of the fungal roof, the algae form a distinct medulla layer where the hyphae wrap themselves around the algal cells, like an arm draped over a shoulder or a loving embrace. Some fungal threads actually penetrate the green cells, as if they were long slender fingers reaching into a piggy bank. These fungal pickpockets help themselves to the

nomes. Portanto, nomeamos isso como se fosse um novo ser, uma família interespecies, como se fosse: as entranhas da pedra, a *Umbilicaria americana*.

A *Umbilicaria* é a parceira algal que por pouco não foi denominada a partir do gênero *Trebouxia* – se ela vivesse sozinha, ou se não fosse “liquenizada”, isso poderia ter acontecido. Enquanto que o parceiro fúngico é sempre um tipo de ascomicete, porém nem sempre da mesma espécie. Dependendo de como você olha para isso, os fungos são bem leais, pois sempre escolhem a *Trebouxia* como sua parceira alga. A alga, entretanto, é um pouco mais promíscua, visto que deseja conectar-se com uma gama maior de fungos. Acho que já vimos casamentos assim também.

Na sua arquitetura compartilhada, as células algais penetram como miçangas no tecido de hifas fúngicas. Se você fizesse um corte transversal do talo, você veria algo como um bolo de quatro camadas. A da superfície, o córtex, parece com a de um cogumelo, macia e coriácea; e está firmemente tecida nos filamentos fúngicos – hifas –, visando conter a umidade. Sua coloração escura age como uma proteção solar natural que protege a camada algal, que está logo abaixo, dos raios solares intensos.

Abaixo da cobertura exterior do topo fúngico, as algas formam uma camada de medula distinta, onde as hifas se envolvem ao redor das células algais, como um braço cobrindo um ombro, ou como um abraço amável. E alguns fios fúngicos, na realidade, penetram as células verdes, como se fossem dedos finos compridos alcançando o interior

sugars made by the alga and distribute them throughout the lichen. It has been estimated that the fungi take as much as half of the sugars the alga produces, maybe more. I've seen marriages like that, too, one partner siphoning off way more than he or she gives. Rather than thinking of lichens as a happy marriage, some researchers view them more as reciprocal parasitism. Lichens have been described as "fungi who discovered agriculture" by capturing photosynthetic beings within their fences of hyphae.

Below the medulla, the next layer is a loose tangle of fungal hyphae designed to hold water and thus keep the algae productive for longer. The bottommost layer is coal black and prickly with rhizines, microscopic hairlike extensions that help attach the lichen to the rock.

The fungal/algal symbiosis so blurs the distinction between individual and community that it has attracted a great deal of research attention. Some pairs are so specialized that they cannot live apart from one another. Nearly twenty thousand species of fungus are known to occur only as obligate members of a lichen symbiosis. Others have the capacity to live freely yet choose to join an alga to become a lichen.

Scientists are interested in how the

de um cofrinho. Esses batedores de carteira fúngicos colaboram entre si em relação aos açúcares produzidos pela alga e os distribuem por todo o líquen; e estima-se que o fungo retira metade dos açúcares produzidos pela alga, talvez mais. Já vi casamentos como esse também, em que um parceiro sarrupia mais do que dá. Portanto, em vez de pensar nos líquens como um casamento feliz, alguns pesquisadores os veem mais como um parasitismo recíproco. Por isso, os líquens têm sido descritos como "fungos que descobriram a agricultura", capturando seres fotossintéticos no interior de suas vedações de hifas.

Abaixo da medula, a próxima camada é um emaranhado frouxo de hifas fúngicas projetado para reter água e, assim, fazer com que as algas sejam produtivas por mais tempo. A camada inferior é negra como carvão e espinhosa com rizinas, extensões microscópicas em forma de cabelo que ajudam a anexar o líquen à rocha.

A simbiose fúngica/algal, então, ofusca a distinção entre indivíduo e comunidade, o que tem atraído uma parcela significativa da atenção do meio da pesquisa científica. Afinal, alguns casais são tão limitados que não conseguem viver separadamente, uma vez que cerca de vinte mil espécies de fungos são conhecidas por sobreviverem apenas como membros exclusivos de uma simbiose líquênica,, enquanto que outros têm a capacidade de viverem livremente, e de poderem escolher se juntar a uma alga para se tornarem um líquen.

Os cientistas estão interessados em

marriage of alga and fungus occurs and so they've tried to identify the factors that induce two species to live as one. But when researchers put the two together in the laboratory and provide them with ideal conditions for both alga and fungus, they gave each other the cold shoulder and proceeded to live separate lives, in the same culture dish, like the most platonic of roommates. The scientists were puzzled and began to tinker with the habitat, altering one factor and then another, but still no lichen. It was only when they severely curtailed the resources, when they created harsh and stressful conditions, that the two would turn toward each other and begin to cooperate. Only with severe need did the hyphae curl around the alga; only when the alga was stressed did it welcome the advances.

When times are easy and there's plenty to go around, individual species can go it alone. But when conditions are harsh and life is tenuous, it takes a team sworn to reciprocity to keep life going forward. In a world of scarcity, interconnection and mutual aid become critical for survival. So say the lichens.

Lichens are opportunistic, making efficient use of resources when they're available and otherwise happily doing without. Most of the time when you encounter *Umbilicaria* it is as crisp and dry as a dead leaf, but it's far from deceased. It is only waiting,

compreender como o casamento da alga e do fungo ocorre, por isso têm tentado identificar os fatores que induzem as duas espécies a viverem como uma só, pois, quando colocam os dois juntos, em laboratório, proporcionando as condições ideais para ambos, eles agem com frieza um com o outro e decidem viver separadamente, no mesmo recipiente de cultura, como colegas de quarto platônicos. Isso fez com que os cientistas ficassem intrigados e começassem a fazer mudanças no habitat, alterando fator por fator. Porém, nada de líquen. Só quando reduziram drasticamente os recursos, ou seja, criaram condições extremas e estressantes, é que os dois voltaram-se um ao outro e começaram a cooperar. Logo, apenas com necessidades extremas, é que as hifas se enrolaram ao redor da alga, ou seja, apenas quando a alga estava estressada é que deu boas-vindas às melhorias.

Quando os momentos são fáceis e há recursos à vontade, por aí, as espécies individuais seguem sozinhas. Mas, quando as condições estão extremas e a vida é tênue, faz-se necessário o surgimento de um pacto de equipe para fazer com que a vida continue. Em um mundo de escassez, interconexões e ajuda mútua tornam-se essenciais para a sobrevivência. Assim o dizem os líquens.

Os líquens são oportunistas, fazem uso eficiente de recursos quando estes estão disponíveis e, caso contrário, vivem felizes sem eles. Na maior parte das vezes que você se depara com uma *Umbilicaria*, ela está quebradiça e seca, como uma folha morta, mas está

empowered with a remarkable physiology to endure drought. Like the mosses with whom it shares the rocks, lichens are poikilohydric: they can photosynthesize and grow only when they are wet, but they are not able to regulate their own water balance—their moisture content mirrors the moisture in the environment. If the rock is dry, so are they. A rain shower changes everything.

The very first drops splatter hard against the rigid surface of rock tripe, which instantly changes color. The mud-brown thallus becomes sprinkled with clay-gray polka dots, the tracks of raindrops, which deepen over the next minute to sage green, like a magic picture developing before your eyes. And then, as the green spreads, the thallus begins to move as if animated by muscle, stretching and flexing as the water expands its tissue. In a matter of minutes it is transformed from a dry scab to tender green skin, as smooth as the inside of your arm.

With the lichen restored, you can see how it got its other name. Where the umbilicus anchors the thallus to the rock, the soft skin is dimpled, with little wrinkles radiating about its center. It looks to all the world like a belly button. Some are such perfect little navels that you want to kiss them, like a little baby tummy. Some are kind of saggy and wrinkled, like the old woman whose belly carried those babies.

longe de estar morta. Ela está apenas esperando, empoderada por uma fisiologia notável, visando suportar a seca. Como os musgos com quem dividem pedras, os líquens são poiquilohídricos: conseguem fotossintetizar e crescer apenas quando estão úmidos, mas eles não têm a habilidade de regular seu próprio equilíbrio de água – seu teor de umidade a reflete no ambiente. Se a pedra está seca, eles também estão.

Um banho de chuva muda tudo.

As primeiras gotas espirram com intensidade contra a superfície rígida das fissuras da pedra, que instantaneamente mudam de cor. Os talos marrons passam a ser salpicados por bolinhas cinzas, os rastros de gotas de chuva, que, com o passar dos segundos, tornam-se verde sálvia – como uma imagem mágica revelando-se diante dos seus olhos. Então, conforme o verde se espalha, os talos começam a se mover, como se fossem animados por um músculo, estendendo-se e flexionando-se conforme a água expande seu tecido. Logo, em questão de minutos, há a transformação completa da crosta seca para película verde, tão macia quanto o interior do seu braço.

Com o líquen restaurado, é possível ver por que ele recebeu seu outro nome, pois onde o umbigo ancora o talo na rocha, a película macia apresenta covinhas com rugas pequenas irradiando em torno de seu centro. Alguns são umbigos tão pequenos e perfeitos que te dá vontade de beijá-los, como a barriguinha de um bebê; outros são do tipo flácido e enrugado, como o da idosa cujo ventre carregou aqueles

Since the navel lichen grows on vertical surfaces, the top will dry out faster than the bottom, where moisture collects. When the thallus starts to dry and its edges curl up, a shallow water-holding trough forms along its lower edge. As the lichen gets older, it becomes asymmetrical, the bottom half as much as 30 percent longer than the upper, a legacy of lingering moisture that permitted it to keep photosynthesizing and growing after the top half was dry and still. The trough can also collect debris, the lichen equivalent of belly-button lint.

I lean in close and find lots of baby thalli, little brown discs about the size of a pencil eraser, scattered over the rock. This is a healthy population. These juveniles arose either from broken fragments of the parent or, because of their perfect symmetry, more likely from specialized propagules called soredia—a little package of both fungus and alga designed for joint dispersal, so they'll never be without their partners.

Even the tiny thalli are dimpled with navels. How fitting that this ancient being, one of the first forms of life on the planet, should be connected to the earth by an umbilicus. The marriage of alga and fungus, *Umbilicaria* is the child of earth, life nourished by stone.

And people are nourished by

bebês.

Visto que os umbigos dos líquens crescem em superfícies verticais, o topo secará mais rápido que o fundo, onde a umidade se agrupa. E quando o talo começa a secar e suas bordas se curvam, uma depressão rasa de retenção água se forma ao longo da borda inferior. Então, conforme o líquen envelhece, ele se torna assimétrico, de modo que a metade inferior se torna 30 por cento mais comprida que a parte superior, um legado de umidade prolongada que o permite se manter fotossintetizando e crescendo mesmo depois da metade superior ficar seca e imóvel. A tina formada também consegue coletar detritos, ou seja, o líquen é o equivalente a um umbigo absorvente.

Me encosto e encontro vários talos bebês, pequenos discos marrons do tamanho semelhante ao de uma caneta-borracha, espalhados pela pedra. Essa é uma população saudável. Esses jovens surgiram a partir de fragmentos quebrados do genitor ou, por conta de sua simetria perfeita, mais possivelmente, de propágulos especializados – um pequeno pacote de ambos, o fungo e a alga, projetado para dispersões conjuntas, para que eles nunca fiquem sem seus parceiros.

Mesmo os talos minúsculos têm covinhas com umbigos. Portanto, é muito apropriado que esse ser ancestral, uma das primeiras formas de vida do planeta, seja conectado à terra por meio do umbigo. O casamento da alga e do fungo, a *Umbilicaria*, é uma filha da terra, uma vida nutrida pela pedra.

E as pessoas são nutridas pela

Umbilicaria, as the name rock tripe suggests. Rock tripe is generally categorized as a starvation food, but it's not so bad. My students and I make a pot every summer. Each thallus may take decades to grow, so our harvest is minimal, just enough to taste. First we soak the thallus overnight in freshwater to remove the grit it has accumulated. The soaking water is poured off to leach away the powerful acids the lichen uses to eat away at the rock. Then we set it to boil for half an hour. It yields a lichen broth that is quite palatable and rich enough in protein to gel like consommé when it is chilled, tasting vaguely of rock and mushroom. The thallus itself we cut into strips that are like a chewy pasta, making a quite serviceable lichen noodle soup.

Umbilicaria is often the victim of its own success. Accumulation is its undoing. Slowly, slowly the lichens build up a thin layer of debris around them, perhaps their own exfoliations, or dust, or falling needles—the flotsam of the forest. The dusting of organic matter holds the moisture that the bare rock could not hold and gradually an accretion of soil creates a habitat for mosses and ferns. Through the laws of ecological succession, the lichens have done their work of laying the foundation for others, and now the others have come.

Umbilicaria, visto que o nome, “as entranhas rochosas”, sugere isso. Ela geralmente é categorizada como um alimento de inanição, mas isso não é tão ruim. Meus alunos e eu fazemos uma panela dela todo verão. Cada talo deve ter levado décadas para crescer, portanto, a nossa colheita é mínima, apenas o suficiente para provarmos. Primeiramente, embebemos o talo, durante a noite, com água fresca para removermos o cascalho que foi acumulado. Então, a água absorvida é retirada para liberar os ácidos poderosos que o líquen utiliza para dissolver a pedra. Depois, a colocamos para ferver por meia hora. Isso gera um caldo de líquen, que é bem palatável e rico o suficiente, em proteínas, para ficar espesso como um consome⁵⁶ quando refrigerado. Seu sabor lembra vagamente pedras e cogumelos. O talo por si só pode ser cortado em tiras, como um macarrão *al dente*, parecendo bastante com uma sopa de miojo.

A *Umbilicaria* geralmente é vítima do seu próprio sucesso, visto que o acúmulo é a sua ruína. Lentamente, os líquens estabelecem uma camada fina de detritos ao seu redor, talvez a sua própria esfoliação, ou poeira, ou muda – os restos da floresta; e a varredura da matéria orgânica retém a umidade que a rocha puramente despida não conseguiria aguentar; e, gradualmente, um assoreamento cria um habitat para musgos e samambaias. Portanto, por meio das leis da sucessão ecológica, os líquens fizeram o seu trabalho, assentaram o

⁵⁶ Uma sopa rala, ou um caldo, francês geralmente feito carne cozida, sem a adição de qualquer outro ingrediente (CAMBRIDGE ONLINE DICTIONARY, online a; DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUESA MICHAELIS, online a).

I know a whole escarpment covered with rock tripe. Water trickles down fissures in the cliff face and the trees have closed in, making a shady paradise for mosses. The lichens colonized in an earlier day, before the forest was thick and moist. Today they look like an encampment of floppy canvas tents on the rock, some now tattered, with sagging rooflines. When I scan the oldest tripe with my hand lens I see they are crusted over with algae and other crustose lichens like microscopic barnacles. Some have slippery green streaks where blue-green algae have made themselves at home. These epiphytes can impede the photosynthesis of the lichen by blocking out the sun. A deep pillow of *Hypnum* moss catches my eye, vivid against the dull lichens. I move along the ledge to admire its plush contours. Sticking out from its base like a ruffle around a pillow are the edges of an *Umbilicaria* thallus, nearly engulfed by the moss. Its time has come to an end.

The lichen, in a single body, unites the two great pathways of life: the so-called grazing food chain based on the building up of beings, and the detrital food chain based on taking them apart. Producers and decomposers, the light and the darkness, the givers and

alicerce para os outros, e agora os outros chegaram.

Conheço todo um conjunto de escarpas coberto por entranhas rochosas. Nele, a água pinga das faces do penhasco, onde as árvores cresceram muito, criando um paraíso sombrio para musgos. Porém, os líquens fizeram sua colônia ali em épocas anteriores a essa, antes que a floresta estivesse densa e úmida. Enquanto que hoje parecem um acampamento de tendas de lonas frouxas sobre pedras, onde alguns estão esfarrapados agora, como fileiras de telhas flácidas. Quando examino a entranha mais velha, com as lentes na minha mão, noto que estão encrustados com algas e outros líquens crostosos, como cracas microscópicas. Alguns têm listras verdes onde algas turquesas fizeram seus lares. Essas epífitas conseguem impedir a fotossíntese do líquen, bloqueando o sol. Então, um travesseiro profundo de musgo *Hypnum* chama a minha atenção, se mostrando vívido em relação aos líquens estáticos. Percorro minhas mãos sobre sua saliência para admirar seus contornos de pelúcia, e percebo, sobressaindo-se da sua base como um babado ao redor de um travesseiro, há os talos de uma *Umbilicaria*, quase totalmente submersa pelo musgo. Sua hora chegou ao fim.

O líquen, num único corpo, une os dois grandes caminhos da vida: o chamado de cadeia alimentar de pastagem, durante o desenvolvimento dos seres; e a cadeia alimentar detrital, que visa desmantelá-lo. Eles são produtores e decompositores, a luz e a

receivers wrapped in each other's arms, the warp and the weft of the same blanket so closely woven that it's impossible to discern the giving from the taking. Some of earth's oldest beings, lichens are born from reciprocity. Our elders share the teachings that these rocks, the glacial erratics, are the oldest of grandfathers, the carriers of prophecy, and our teachers. Sometimes I go to sit among them, the proverbial navel gazer at the belly button of the world.

These ancients carry teachings in the ways that they live. They remind us of the enduring power that arises from mutualism, from the sharing of the gifts carried by each species. Balanced reciprocity has enabled them to flourish under the most stressful of conditions. Their success is measured not by consumption and growth, but by graceful longevity and simplicity, by persistence while the world changed around them. It is changing now.

While lichens can sustain humans, people have not returned the favor of caring for lichens. *Umbilicaria*, like many lichens, is highly sensitive to air pollution. When you find *Umbilicaria*, you know you're breathing the purest air. Atmospheric contaminants like sulfur dioxide and ozone will kill it outright. Pay attention when it departs.

Indeed, whole species and entire

escuridão, os doadores e receptores envoltos nos braços de cada um, a instabilidade e o bem-estar do mesmo cobertor tecido tão rijamente que se torna impossível discernir o que foi oferecido do que foi levado.

Alguns dos seres mais velhos da terra, os líquens, nasceram a partir da reciprocidade. Por isso, às vezes, me sento com eles em suas pedras, para contemplar o provérbio do umbigo do mundo, afinal os nossos anciões compartilham o conhecimento de que essas rochas, os blocos erráticos, são os nossos avós mais antigos, os portadores de profecia, e nossos professores.

Os ensinamentos dessas anciãs advêm da maneira como vivem. Elas nos lembram do poder duradouro que surge a partir da colaboração mútua, da partilha de dons portados por cada espécie. A reciprocidade equilibrada possibilitou que elas prosperassem sob as condições mais estressantes, e seu sucesso é medido não pelo consumo ou desenvolvimento, mas pela longevidade e simplicidade graciosa, a partir da persistência enquanto o mundo mudou ao redor delas. E está mudando agora.

Enquanto os líquens conseguem sustentar os humanos, as pessoas não devolveram o favor de cuidar dos líquens. E a *Umbilicaria*, como muitos outros líquens, é altamente sensível ao ar poluído. Portanto, quando você a encontra, sabe que está respirando o ar mais puro possível. Mas, contaminantes de ar como dióxido de enxofre e o ozônio a matarão por dentro. Fique atento à quando ela partir.

De fato, todos os indivíduos de uma

ecosystems are vanishing before our eyes in the vanguard of accelerating climate chaos. At the same time, other habitats are on the rise. Melting glaciers are exposing land where it has not been seen for millennia. At the edge of the ice, newly scraped land is emerging, a jumble of rocky till, harsh and cold. *Umbilicaria* is known to be among the first to colonize postglacial forelands today, just as it did when the earth was raw and bare, ten thousand years ago—another era of great climate change. Our indigenous herbalists say to pay attention when plants come to you; they're bringing you something you need to learn.

For millennia, these lichens have held the responsibility of building up life and in an eyeblink of earth's history we have set about undermining their work to usher in a time of great environmental stress, a barrenness of our own making. I suspect that lichens will endure. We could, too, if we listen to their teachings. If not, I imagine *Umbilicaria* will cover the rocky ruins of our time long after our delusions of separateness have relegated us to the fossil record, a ruffled green skin adorning the crumbling halls of power.

Rock tripe, oak leaf lichen, navel lichen. I'm told that *Umbilicaria* is

espécie e até mesmo ecossistemas inteiros estão desaparecendo diante de nossos olhos na vanguarda do caos climático acelerado; e, ao mesmo tempo, outros habitats estão ascendendo. O derretimento das geleiras está revelando pedaços de terra que não eram vistos há milênios. Ou seja, à beira do gelo, pedaços de terra carpados estão emergindo de novo, uma confusão do terreno errático rochoso duro e gelado. E a *Umbilicaria* é conhecida por estar dentre as primeiras a colonizarem o relevo pós-glacial hoje, assim como fez quando a terra estava bruta e despida há dez mil anos – outra era de grandes mudanças climáticas. Por isso, os nossos herboristas indígenas dizem que devemos prestar atenção quando as plantas vierem até nós, pois estão trazendo algo que precisamos aprender.

Por milênios, esses líquens carregaram a responsabilidade de desenvolverem vida, e, num piscar de olhos, a história da terra que montamos está debilitando o trabalho deles de organizadores num momento de grande estresse ambiental, uma esterilidade que nós mesmos produzimos. Suspeito que os líquens suportarão isso, e nós também poderíamos fazê-lo se escutássemos os nossos professores. Do contrário, imagino que a *Umbilicaria* cobrirá as ruínas rochosas do nosso tempo muito depois que nossas desilusões de separação nos relegarem a registros fósseis, gerando apenas uma película verde adornando as ruínas dos corredores do poder.

Me disseram que as entranhas rochosas, ou o líquen alface, ou o

known in Asia by another name: the ear of the stone. In this almost silent place I imagine them listening. To the wind, to a hermit thrush, to thunder. To our wildly growing hunger. Ear of stone, will you hear our anguish when we understand what we have done? The harsh postglacial world in which you began may well become our own unless we listen to the wisdom carried in the mutualistic marriage of your bodies. Redemption lives in knowing that you might also hear our hymns of joy when we too marry ourselves to the earth.

líquen umbigo, ou a *Umbilicaria* é conhecida na Ásia pelo nome de: a orelha da pedra. Nesse lugar quase silencioso, imagino-as ouvindo o vento, um tordo-eremita, um raio, ou a nossa ganância crescendo descontroladamente. Orelha da pedra, você ouvirá as nossas angústias quando compreendermos o que fizemos? O mundo pós-glacial rigoroso que demos início talvez se tornará nosso próprio mundo, a não ser que ouçamos a sabedoria transmitida pelo casamento mútuo de seus corpos. Em outras palavras, a nossa salvação está no fato de sabermos que você também poderá nossos hinos de alegria, quando nós também nos casarmos com a terra.

APÊNDICE E – POVO DE MILHO, POVO DE LUZ

BURNING
SWEETGRASS

A sweetgrass braid is burned to create a ceremonial smudge that washes the recipient in kindness and compassion to heal the body and the spirit.

QUEIMANDO A
SWEETGRASS

Uma trança de *sweetgrass* é queimada para criar uma fumaça sagrada que banha quem a recebe com bondade e compaixão, para curar o corpo e o espírito.

People of Corn, People of Light

The story of our relationship to the earth is written more truthfully on the land than on the page. It lasts there. The land remembers what we said and what we did. Stories are among our most potent tools for restoring the land as well as our relationship to land. We need to unearth the old stories that live in a place and begin to create new ones, for we are storymakers, not just storytellers. All stories are connected, new ones woven from the threads of the old. One of the ancestor stories, that waits for us to listen again with new ears, is the Mayan story of Creation.

It is said that in the beginning there was emptiness. The divine beings, the great thinkers, imagined the world into existence simply by saying its name. The world was populated with a rich flora and fauna, called into being by words. But the divine beings were not satisfied. Among the wonderful beings they had created, none were articulate. They could sing and squawk and growl, but none had voice to tell the story of their creation nor praise it. So the gods set about to make humans.

Povo do/e Milho, Povo de Luz

A história do nosso relacionamento com a terra está escrita de maneira mais fiel na terra do que em páginas. E isso permanece nela, pois a terra se lembra do que dissemos e do que fizemos.

As histórias estão dentre as nossas ferramentas mais potentes para restauramos a terra, assim como o nosso relacionamento com ela. Por isso, precisamos desenterrar as histórias antigas que moram num lugar e começar a criar novas, afinal, também somos criadores de histórias, não apenas contadores delas. Lembrando que todas as histórias estão conectadas, as novas se entrelaçam a partir dos fios das antigas.

Uma das histórias ancestrais, que nos espera para ouvi-la novamente, com ouvidos novos, é a história da criação maia.

Dizem que no princípio havia o vazio. Os seres divinos, os grandes pensadores, imaginaram o mundo e o concretizaram ao basicamente dizerem o nome de suas criações. Então, o mundo foi povoado por uma flora e uma fauna ricas, passando a existir a partir das palavras. Mas os seres divinos não ficaram satisfeitos. Dentre os seres maravilhosos que eles criaram, nenhum era articulado. Eles conseguiam cantar, grasnar e rosnar, mas nenhum tinha voz para contar a história da criação, nem para exaltá-la.

The first humans, the gods shaped of mud. But the gods were none too happy with the result. The people were not beautiful; they were ugly and ill formed. They could not talk—they could barely walk and certainly could not dance or sing the praises of the gods. They were so crumbly and clumsy and inadequate that they could not even reproduce and just melted away in the rain.

So the gods tried again to make good people who would be givers of respect, givers of praise, providers and nurturers. To this end they carved a man from wood and a woman from the pith of a reed. Oh, these were beautiful people, lithe and strong; they could talk and dance and sing. Clever people, too: they learned to use the other beings, plants and animals, for their own purposes. They made many things, farms and pottery and houses, and nets to catch fish. As a result of their fine bodies and fine minds and hard work, these people reproduced and populated the world, filling it with their numbers.

But after a time the all-seeing gods realized that these people's hearts were empty of compassion and love. They could sing and talk, but their words were without gratitude for the sacred gifts that they had received. These clever people did not know thanks or caring and so endangered the rest of the Creation. The gods wished to end this failed experiment in

Por isso, os deuses começaram a fazer humanos.

Os deuses moldaram com barro os primeiros humanos, o resultado não os deixou muito felizes, pois as pessoas não eram bonitas – eram feias e deformadas –, não conseguiam falar, mal conseguiam andar – e certamente não conseguiam dançar ou cantar louvores aos deuses, ademais, eram muito farelentos –, e também eram tão desajeitados e desajustados que não conseguiam se reproduzir, então apenas derreteram na chuva.

Então, os deuses tentaram fazer pessoas boas, que seriam doadoras de respeito e louvores, provedoras e cuidadoras dos nutrientes. Para isso, eles esculpiram um homem de madeira e uma mulher a partir da medula de um bambu. Ah, aquelas sim eram pessoas bonitas, flexíveis e fortes, capazes de falar, dançar e cantar, e também eram espertas – aprenderam a usar outros seres, as plantas e os animais, para seus objetivos pessoais, criando muitas coisas, fazendas, objetos de cerâmica, casas e redes para capturarem peixes. E, como resultado de seus corpos delgados, suas mentes excelentes e trabalho duro, essas pessoas se reproduziram e povoaram o mundo, enchendo-o de habitantes.

Mas, depois de um tempo, os deuses que tudo viam se deram conta de que os corações dessas pessoas estavam sem um pingo de compaixão e amor. Ou seja, eles conseguiam cantar e falar, mas suas palavras não continham gratidão pelos dons sagrados que receberam. Esse povo esperto não sabia agradecer ou se importar, por isso fizeram o resto da

humanity and so they sent great catastrophes to the world—they sent a flood, and earthquakes, and, most importantly, they loosed the retaliation of the other species. The previously mute trees and fish and clay were given voices for their grief and anger at the disrespect shown them by the humans made of wood. Trees raged against the humans for their sharp axes, the deer for their arrows, and even the pots made of earthen clay rose up in anger for the times they had been carelessly burnt. All of the misused members of Creation rallied together and destroyed the people made of wood in self-defense.

Once again the gods tried to make human beings, but this time purely of light, the sacred energy of the sun. These humans were dazzling to behold, seven times the color of the sun, beautiful, smart, and very, very powerful. They knew so much that they believed they knew everything. Instead of being grateful to the creators for their gifts, they believed themselves to be the gods' equals. The divine beings understood the danger posed by these people made of light and once more arranged for their demise.

And so the gods tried again to fashion humans who would live right in the beautiful world they had created, in respect and gratitude and humility. From two baskets of corn, yellow and white, they ground a fine meal, mixed it with water, and shaped a people made

Criação ficar ameaçada de extinção. Os deuses desejaram acabar com esse experimento fracassado de humanidade, enviando catástrofes ao mundo – enchentes, terremotos e, o mais importante, eles liberaram que as outras espécies se vingassem. Então, as árvores que anteriormente eram mudas, assim como os peixes e o barro, ganharam voz a partir da mágoa e do ódio que sentiam graças ao desrespeito que viram os humanos de madeira demonstrarem. As árvores lançaram a sua ira sobre os humanos por terem criado machados afiados, os veados fizeram o mesmo por conta das flechas, e até os recipientes feitos de argila enraivecera-se por todas as vezes que foram queimados sem o devido cuidado. Assim, todos os membros da criação que foram abusados se uniram e destruíram o povo de madeira como autodefesa.

Novamente, os deuses tentaram criar seres humanos, mas, dessa vez, que fossem pura luz, a energia sagrada do sol. Esses humanos estavam deslumbrados contemplando sete vezes a cor do sol, linda, esperta e muitíssimo poderosa. Eles sabiam tanto que acreditavam saber de tudo. Mas, em vez de serem gratos aos criadores pelos seus dons, acreditavam serem iguais aos deuses. Então, os seres divinos entenderam que essas pessoas de luz eram perigosas, e mais uma vez providenciaram a sua extinção.

E mais uma vez, os deuses tentaram moldar os humanos que deveriam viver de maneira direita no belo mundo feito pelos criadores, sendo respeitosos, gratos e humildes. Então, a partir de duas cestas de milho, uma

*of corn. They were fed on corn liquor and oh these were good people. They could dance and sing and they had words to tell stories and offer up prayers. Their hearts were filled with compassion for the rest of Creation. They were wise enough to be grateful. The gods had learned their lesson, so to protect the corn people from the overpowering arrogance of their predecessors, the people made of light, they passed a veil before the eyes of the corn people, clouding their vision as breath clouds a mirror. These people of corn are the ones who were respectful and grateful for the world that sustained them—and so they were the people who were sustained upon the earth.**

* Adapted from oral tradition.

Of all the materials, why is it that people of corn would inherit the earth, rather than people of mud or wood or light? Could it be that people made of corn are beings transformed? For what is corn, after all, but light transformed by relationship? Corn owes its existence to all four elements: earth, air, fire, and water. And corn is the product of relationship not only with the physical world, but with people too. The sacred plant of our origin created people, and people created corn, a great agricultural innovation from its teosinte ancestor. Corn cannot exist without us to sow it and tend its growth; our beings are joined in an obligate

amarela e outra branca, os deuses jogaram terra numa refeição agradável, misturaram isso com água, e deram forma a um povo feito de milho, que foi alimentado com licor de milho, e, olha, esse sim foi um povo bom – conseguiam dançar e cantar, continham palavras para contar histórias e fazer preces, eram sábios o suficiente para serem gratos, e seus corações estavam cheios de compaixão pelo resto da Criação. Assim, os deuses aprenderam a lição, então, para proteger o povo de milho da arrogância esmagadora de seus antecessores, o povo de luz, eles colocaram um véu sobre os olhos deles, turvando a visão deles, como quando a respiração embaça um espelho. Esse povo de milho é o que foi respeitoso e grato pelo mundo que o sustentou – e por isso foi o povo que permaneceu sobre a terra.

* Adaptado da tradição oral.

Dentre todos os materiais, por que o povo de milho herdaria a terra ao invés do povo de barro ou do povo de luz? Será que é por que esse povo de milho é composto por seres transformados? Afinal, o que é o milho se não a luz transformada por meio do relacionamento entre eles? O milho deve a sua existência a todos os quatro elementos: terra, ar, fogo e água, e é o produto não apenas do relacionamento com o mundo físico, mas com as pessoas. Essa planta sagrada da nossa origem criou as pessoas, e as pessoas criaram o milho, uma grande inovação agrícola, advinda de seu ancestral, o teosinto.

symbiosis. From these reciprocal acts of creation arise the elements that were missing from the other attempts to create sustainable humanity: gratitude, and a capacity for reciprocity.

I've read and loved this story as a history of sorts—a recounting of how, in long-ago times just at the edge of knowing, people were made of maize and lived happily ever after. But in many indigenous ways of knowing, time is not a river, but a lake in which the past, the present, and the future exist. Creation, then, is an ongoing process and the story is not history alone—it is also prophecy. Have we already become people of corn? Or are we still people made of wood? Are we people made of light, in thrall to our own power? Are we not yet transformed by relationship to earth?

Perhaps this story could be a user's manual for understanding how we become people of corn. The *Popol Vuh*, the Mayan sacred text in which this story is contained, is perceived as more than just a chronicle. As David Suzuki notes in *The Wisdom of the Elders*, the Mayan stories are understood as an *ilbal*—a precious seeing instrument, or lens, with which to view our sacred relationships. He

Portanto, o milho não pode existir sem nós para semeá-lo e cuidarmos de seu crescimento; o nosso ser se junta a ele numa simbiose necessária. Então, a partir desses atos recíprocos de criação, surgem os elementos que estavam faltando do esforço dos outros, criar uma humanidade sustentável: gratidão e capacidade de se reciprocidade.

Li e amei essa história enquanto uma história sobre os destinos – uma nova contação de como, nos tempos longínquos, com pouquíssimo conhecimento, as pessoas eram feitas de milho e viviam felizes para sempre. Mas, segundo as muitas versões de conhecimento indígena, o tempo não é um rio, mas um lago no qual o passado, o presente e o futuro existem. Em outras palavras, a criação é um processo em andamento, e a história não é a historiografia por si só, pois também é profecia. Nós já nos tornamos povo do milho? Ou ainda somos pessoas de madeira? Somos o povo de luz, escravos do nosso próprio poder? Será que ainda não fomos transformados pelo relacionamento com a terra?

Talvez essa história seja um manual de instruções para o entendimento de como podemos nos tornar pessoas de milho. O *Popol Vuh*, um texto sagrado maia em que essa história é contada, é apenas tido como mais que uma simples crônica, por exemplo. Mas, conforme David Suzuki notou em *A Sabedoria dos Anciões*⁵⁷, as histórias maias são definidas como *ilbal* – um instrumento precioso de visão, ou uma

⁵⁷ Tal obra ainda não tem tradução na língua portuguesa, foi escrita por David Suzuki em parceria com Peter Knudtson e publicada em 1992 com o título: *The Wisdom of the Elders: sacred native stories of nature*.

suggests that such stories may offer us a corrective lens. But while our indigenous stories are rich in wisdom, and we need to hear them, I do not advocate their wholesale appropriation. As the world changes, an immigrant culture must write its own new stories of relationship to place—a new *ilbal*, but tempered by the wisdom of those who were old on this land long before we came.

So how, then, can science, art, and story give us a new lens to understand the relationship that people made of corn represent? Someone once said that sometimes a fact alone is a poem. Just so, the people of corn are embedded in a beautiful poem, written in the language of chemistry. The first stanza goes like this:

Carbon dioxide plus water
combined in the presence of light
and chlorophyll in the beautiful
membrane-bound machinery of
life yields sugar and oxygen.

Photosynthesis, in other words, in which air, light, and water are combined out of nothingness into sweet morsels of sugar—the stuff of redwoods and daffodils and corn. Straw spun to gold, water turned to wine, photosynthesis is the link between the inorganic realm and the living world, making the inanimate live. At the same time it gives us oxygen. Plants give us food and breath.

lente, com a qual vemos os nossos relacionamentos sagrados —, sugerindo, assim, que tais histórias podem nos oferecer uma lente corretiva. Mas, ao mesmo tempo que nossas histórias indígenas são ricas em sabedoria e precisarmos ouvi-las, não defendo a apropriação indiscriminada delas, pois, conforme o mundo muda, uma cultura imigrante deve escrever suas próprias histórias de relacionamento para colocar um novo *ilbal*, mas que seja temperado de sabedoria daqueles que foram idosos nessa terra muito antes de nós chegarmos.

Sendo assim, como a ciência, a arte e as histórias podem nos dar uma lente nova para entendermos o relacionamento que essas pessoas de milho representam? Alguém disse uma vez que às vezes um fato isolado é um poema. Portanto, o povo de milho está embebido em um belo poema, escrito na linguagem da química. A primeira estrofe é assim:

Dióxido de carbono e água
combinados na presença da luz e
clorofila na bela maquinaria da
vida presa à membrana produz
açúcar e oxigênio.

A fotossíntese, em outras palavras, é a combinação em que o ar, a luz e a água são combinados e, do nada, geram pedaços doces de açúcar — aquilo contido nas sequoias, nos narcisos e no milho. Como um tear de palha que gera ouro, ou a água que se torna vinho, a fotossíntese é a conexão entre o reino inorgânico e o mundo dos seres vivos, dando vida aos inanimados. Ao mesmo tempo, ela

Here is the second stanza, the same as the first, but recited backward:

Sugar combined with oxygen in the beautiful membranebound machinery of life called the mitochondria yields us right back where we began—carbon dioxide and water.

Respiration—the source of energy that lets us farm and dance and speak. The breath of plants gives life to animals and the breath of animals gives life to plants. My breath is your breath, your breath is mine. It's the great poem of give and take, of reciprocity that animates the world. Isn't that a story worth telling? Only when people understand the symbiotic relationships that sustain them can they become people of corn, capable of gratitude and reciprocity.

The very facts of the world *are* a poem. Light is turned to sugar. Salamanders find their way to ancestral ponds following magnetic lines radiating from the earth. The saliva of grazing buffalo causes the grass to grow taller. Tobacco seeds germinate when they smell smoke. Microbes in industrial waste can destroy mercury. Aren't these stories we should all know?

Who is it who holds them? In long-ago times, it was the elders who

também dá oxigênio. Assim, as plantas nos dão alimento e nos permitem respirar.

E aqui está a segunda estrofe, igual à primeira, mas recitada de trás pra frente:

O açúcar combinado com o oxigênio no belo maquinário ligado à membrana da vida chamada de mitocôndria nos leva para onde começamos – água e dióxido de carbono.

A respiração é a busca por energia que nos leva a cultivar, dançar e falar, assim, a respiração das plantas dá vida aos animais, e a respiração dos animais dá vida às plantas. A minha respiração é a sua respiração, e sua respiração é a minha. Esse é o grande poema de dar e receber, da reciprocidade que anima o mundo. E essa não é uma história que vale a pena ser contada? Apenas quando as pessoas compreendem os relacionamentos simbólicos que as sustentam é que conseguem se tornar pessoas de milho, capazes de expressarem gratidão e reciprocidade.

Os muitos fatos do mundo são um poema: a luz se torna açúcar; as salamandras encontram o seu caminho para as lagoas ao seguirem linhas magnéticas que irradiam da terra; a saliva da pastagem de búfalos faz com que a grama cresça mais rápido; as sementes de tabaco germinam quando sentem o cheiro de fumaça; os micróbios do lixo industrial conseguem destruir mercúrio. Essas não são histórias que todos nós deveríamos conhecer?

Então quem as esconde de nós? Há muito tempo, eram os idosos que as

carried them. In the twenty-first century, it is often scientists who first hear them. The stories of buffalo and salamanders belong to the land, but scientists are one of their translators and carry a large responsibility for conveying their stories to the world.

And yet scientists mostly convey these stories in a language that excludes readers. Conventions for efficiency and precision make reading scientific papers very difficult for the rest of the world, and if the truth be known, for us as well. This has serious consequences for public dialogue about the environment and therefore for real democracy, especially the democracy of all species. For what good is knowing, unless it is coupled with caring? Science can give us knowing, but caring comes from someplace else.

I think it's fair to say that if the Western world has an *ilbal*, it is science. Science lets us see the dance of the chromosomes, the leaves of moss, and the farthest galaxy. But is it a sacred lens like the Popul Vuh? Does science allow us to perceive the sacred in the world, or does it bend light in such a way as to obscure it? A lens that brings the material world into focus but blurs the spiritual is the lens of a people made of wood. It is not more data that we need for our transformation to people of corn, but more wisdom.

While science could be a source of and repository for knowledge, the scientific worldview is all too often an

transmitiam. Já no século vinte um, geralmente são os cientistas os primeiros que as escutam. As histórias do búfalo e da salamandra pertencem à terra, mas os cientistas são um alguns dos tradutores dela e carregam a grande responsabilidade de transmitir a história dela ao mundo.

No entanto, os cientistas transmitem essas histórias numa linguagem que exclui a maioria dos leitores, e assim, as convenções que prezam pela eficiência e precisão fazem com que os artigos científicos sejam bem difíceis de serem lidos pelo resto do mundo, dificultando que a verdade seja conhecida por todos nós também. Essa atitude traz consequências sérias para o diálogo com o público sobre meio ambiente, e portanto, para a democracia real, especialmente a democracia de todas as espécies. Qual é a vantagem de conhecermos as coisas, se não a de aprendermos uma lição sobre cuidado? A ciência pode nos dar conhecimento, mas o cuidado vem de outro lugar.

Acho que é justo dizer que o mundo ocidental tem um *ilbal*, a ciência. Ela nos permite enxergar a dança dos cromossomos, as folhas dos musgos, e a galáxia mais distante. Mas será que essa é uma lente sagrada como o Popol Vuh? A ciência nos permite perceber esse sagrado no mundo, ou ela manipula a luz para obscurecê-la? Uma lente que dá foco ao mundo material, mas obscurece o espiritual, é a lente do povo de madeira. Não precisamos de mais dados para a nossa transformação em povo de milho, mas de mais sabedoria.

Enquanto a ciência não pode ser uma fonte e um armazém de

enemy of ecological compassion. It is important in thinking about this lens to separate two ideas that are too often synonymous in the mind of the public: the practice of science and the scientific worldview that it feeds. Science is the process of revealing the world through rational inquiry. The practice of doing real science brings the questioner into an unparalleled intimacy with nature fraught with wonder and creativity as we try to comprehend the mysteries of the more-than-human world. Trying to understand the life of another being or another system so unlike our own is often humbling and, for many scientists, is a deeply spiritual pursuit.

Contrasting with this is the scientific worldview, in which a culture uses the process of interpreting science in a cultural context that uses science and technology to reinforce reductionist, materialist economic and political agendas. I maintain that the destructive lens of the people made of wood is not science itself, but the lens of the scientific worldview, the illusion of dominance and control, the separation of knowledge from responsibility.

I dream of a world guided by a lens of stories rooted in the revelations of science and framed with an indigenous worldview—stories in which matter and spirit are both given voice.

Scientists are particularly good at learning about the lives of other species. The stories they could tell convey the intrinsic values of the lives

conhecimento, a visão de mundo científica é muitas vezes inimiga da compaixão ecológica. Por isso é importante pensar que essa lente pode separar duas ideias que quase sempre são sinônimas na mente do público: a prática da ciência e a visão de mundo científica que a alimenta. A ciência é o processo de revelação do mundo por meio de um inquérito racional. A prática da ciência real leva o questionador a uma intimidade inigualável com a natureza – repleta de admiração e criatividade –, enquanto tentamos compreender os mistérios do mundo mais-que-humano. Tentar entender a vida de outro ser, ou outro sistema, tão diferente do nosso é geralmente um exercício de humildade para muitos cientistas, é uma busca profundamente espiritual.

Contrastando com essa visão de mundo científica, em que uma cultura usa o processo de interpretação da ciência em um contexto cultural que usa a ciência e a tecnologia para reforçar o reducionismo, o materialismo econômico e as prioridades políticas, mantenho firme a ideia de que a lente destrutiva do povo de madeira não é a ciência por si só, mas a lente da visão de mundo científica, a ilusão de dominação e controle, a cisão entre conhecimento e responsabilidade.

Sonho com um mundo guiado por uma lente de histórias enraizadas na revelação da ciência e moldadas pela visão de mundo indígena – histórias nas quais ambos, a matéria e o espírito, ganham voz.

Os cientistas são particularmente bons com o aprendizado sobre outras espécies. As histórias que eles

of other beings, lives every bit as interesting, maybe more so, as those of *Homo sapiens*. But while scientists are among those who are privy to these other intelligences, many seem to believe that the intelligence they access is only their own. They lack the fundamental ingredient: humility. After the gods experimented with arrogance, they gave the people of corn humility, and it takes humility to learn from other species.

In the indigenous view, humans are viewed as somewhat lesser beings in the democracy of species. We are referred to as the younger brothers of Creation, so like younger brothers we must learn from our elders. Plants were here first and have had a long time to figure things out. They live both above and below ground and hold the earth in place. Plants know how to make food from light and water. Not only do they feed themselves, but they make enough to sustain the lives of all the rest of us. Plants are providers for the rest of the community and exemplify the virtue of generosity, always offering food. What if Western scientists saw plants as their teachers rather than their subjects? What if they told stories with that lens?

Many indigenous peoples share the understanding that we are each endowed with a particular gift, a unique ability. Birds to sing and stars to glitter, for instance. It is understood that these

poderiam contar transmitem os valores intrínsecos da vida de outros seres, vidas que são tão interessantes, talvez mais ainda, que aquelas do *Homo sapiens*. Mas enquanto os cientistas estão entre os que têm acesso a essas outras inteligências, muitos parecem acreditar que a inteligência que acessam pertence apenas a eles. Falta a eles o ingrediente principal: humildade. Depois que os deuses experimentaram o amargor da arrogância, deram humildade ao povo de milho, e é preciso humildade para aprender com outras espécies.

Na visão indígena, os humanos são vistos como seres um tanto inferiores na democracia das espécies. Ela se refere a nós como os irmãos mais novos da Criação, portanto, como irmãos mais novos, devemos aprender com os mais velhos. E as plantas estavam aqui primeiro. Elas passaram um bom tempo buscando entender como as coisas funcionavam; vivem, ao mesmo tempo, acima e abaixo do chão; mantêm a terra no lugar; sabem como fazer comida a partir da luz e da água; não alimentam apenas a elas mesmas como também fazem o suficiente para sustentar a vida de todos nós; são provedoras do resto da comunidade e são um exemplo de uma virtude, a generosidade, sempre oferecendo alimento. E se os cientistas ocidentais vissem as plantas como professoras em vez de algo que pertence a eles? E se eles contassem as histórias com aquela lente?

Muitos povos indígenas compartilham o entendimento de que somos dotados com um presente especial, uma habilidade única. Por exemplo, os pássaros cantam e as

gifts have a dual nature, though: a gift is also a responsibility. If the bird's gift is song, then it has a responsibility to greet the day with music. It is the duty of birds to sing and the rest of us receive the song as a gift.

Asking what is our responsibility is perhaps also to ask, What is our gift? And how shall we use it? Stories like the one about the people of corn give us guidance, both to recognize the world as a gift and to think how we might respond. The people of mud and wood and light all lacked gratitude and the sense of reciprocity that flowed from it. It was only the people of corn, people transformed by awareness of their gifts and responsibilities, who were sustained on the earth. Gratitude comes first, but gratitude alone is not enough.

Other beings are known to be especially gifted, with attributes that humans lack. Other beings can fly, see at night, rip open trees with their claws, make maple syrup. What can humans do?

We may not have wings or leaves, but we humans do have words. Language is our gift and our responsibility. I've come to think of writing as an act of reciprocity with the living land. Words to remember old stories, words to tell new ones, stories that bring science and spirit back together to nurture our becoming people made of corn.

estrelas brilham. No entanto, entende-se que esses presentes têm uma dualidade natural, todavia: um presente também é um dom, e isso requer responsabilidade. Se o dom do pássaro é cantar, portanto, ele tem a responsabilidade de saudar o dia com músicas. Ou seja, é o dever dos pássaros cantar, e o resto de nós recebe a canção como um presente.

Perguntar qual é a nossa responsabilidade talvez seja como perguntar: qual é o nosso dom? E como devemos usá-lo? Histórias como a sobre o povo de milho nos orientam tanto a reconhecer o mundo como um presente quanto a como devemos retornar esse favor. Ao povo de barro, ao de madeira e ao de luz faltava gratidão e o senso de reciprocidade que floresce dela. Foi apenas o povo de milho – um povo transformado pela consciência de seus dons e de suas responsabilidades – que se viu sustentado pela terra. A gratidão vem em primeiro lugar, mas a gratidão isolada não é o suficiente.

Outros seres são conhecidos por serem especialmente dotados com atributos que faltam aos humanos: conseguem voar, enxergam a noite, rasgam as árvores com suas garras, e fazem xarope de bordo. Então, o que os humanos conseguem fazer?

Nós podemos não ter asas ou folhas, mas nós humanos temos as palavras. A linguagem é o nosso presente e a nossa responsabilidade. E assim, passei a pensar na escrita como um ato de reciprocidade com a terra viva: palavras para lembrar as histórias antigas, palavras para contar histórias novas, histórias que fazem com que a ciência e o espírito fiquem juntos

novamente, para nutrirem as pessoas que estão se tornando de milho.

APÊNDICE F – EPÍLOGO: RETORNANDO O FAVOR

Epilogue: Returning the Gift

Red over green, raspberries bead the thicket on a summer afternoon. The blue jay picking on the other side of this patch has a beak as redstained as my fingers, which go to my mouth as often as to the bowl. I reach under the brambles for a dangling cluster and there in the dappled shade is a grinning turtle, shin deep in fallen fruit, stretching his neck up for more. I'll let his berries be. The earth has plenty and offers us abundance, spreading her gifts over the green: strawberries, raspberries, blueberries, cherries, currants—that we might fill our bowls. *Niibin*, we call summer in Potawatomi, “the time of plenty,” and also time for our tribal gathering, for powwows and ceremony.

Red over green, the blankets spread on the grass beneath the arbor are piled high with gifts. Basketballs and furled umbrellas, peyotestitched key chains and Ziploc bags of wild rice. Everybody lines up to choose a gift while the hosts stand by, beaming. The teenagers are dispatched to carry choice items to elders seated in the

Epílogo: Retornando o Favor

Vermelho sobre verde, assim as framboesas adornam o matagal numa tarde de verão. O gaio-azul que estava bicando-as do outro lado tem um bico tão avermelhado quanto estão os meus dedos, que vão à minha boca com a mesma frequência que vão à tigela. Procuo sobre o espinheiro um cacho pendurado e ali, na sombra mesclada, há uma tartaruga sorrindo, com a canela afundada em frutas caídas, esticando o pescoço em busca de mais. Deixarei as frutas dela em paz, afinal, a terra tem o suficiente e nos oferece em abundância, espalhando os seus presentes em seu tapete verde: morangos, framboesas, mirtilos, cerejas, groselhas – com isso podemos encher as nossas tigelas. Chamamos o verão de “*niibin*”, em potawatomi, “período de abundância”, e também é um período reuniões tribais, powwows⁵⁸ e cerimônias.

Vermelho sobre verde, assim os cobertores espalham-se sobre a grama que está sob o caramanchão repleto de presentes. Cestas no formato de bolas, guarda-chuvas fechados, chaveiros de ponto peyote e embalagens a vácuo com arroz selvagem. Todos se alinham para escolher um presente enquanto os

⁵⁸ São encontros de indígenas norte-americanos visando tomar decisões ou realizar cerimônias/celebrações espirituais (CAMBRIDGE ONLINE DICTIONARY, online b).

circle, too frail to navigate the crowd. *Megwech, megwech*—the thank you circle among us. Ahead of me a toddler, besotted with abundance, grabs a whole armload. Her mother bends and whispers in her ear. She stands indecisive for a moment and lays it all back down, save a neon-yellow squirt gun.

And then we dance. The drum begins the giveaway song and everyone joins the circle in regalia of swaying fringe, nodding feathers, rainbow shawls, T-shirts, and jeans. The ground resonates with the fall of moccasined feet. Each time the song circles around to the honor beats, we dance in place and raise the gifts above our heads, waving necklaces, baskets, and stuffed animals, whooping to honor the gifts and the givers. Amid the laughter and the singing, everyone belongs.

This is our traditional giveaway, the *minidewak*, an old ceremony well loved by our people and a frequent feature of powwows. In the outside world, people who are celebrating life events can look forward to receiving presents in their honor. In the Potawatomi way, this expectation is turned upside down. It is the honored one who *gives* the

anfitriões esperam, sorrindo. Os adolescentes são designados para escolherem itens para os idosos sentados na roda, pois são frágeis demais para navegarem pela multidão.

– *Megwech, megwech* – os agradecimentos circulavam ao nosso redor.

À minha frente, uma criança que começara a andar recentemente, fascinada pela abundância, apanhou o suficiente para encher seus braços. Então, sua mãe se curva e sussurra em seu ouvido. Mas ela permanece indecisa por um momento depois coloca tudo de volta, exceto uma pistola amarelo-neon, com a qual ficou. Guarde uma pistola amarelo-neon para ela.

E depois dançamos. O tambor começa a tocar a música da doação e todos se juntam à roda em trajés de franjas oscilantes, penas balançando, xales de arco-íris, camisetas e calças jeans; o chão ressoa com a batida dos pés em mocassins; e a cada vez que música gira em torno das batidas de honra, dançamos nos nossos lugares e erguemos os nossos presentes sobre nossas cabeças, agitando colares, cestas e bichos de pelúcia, gritando para homenagear os presentes e seus doadores. Todos se sentem em casa com as risadas e a cantoria.

Essa é a nossa doação tradicional, a *minidewak*, uma cerimônia antiga muito amada pelo nosso povo e uma parte frequentemente presente em powwows. No mundo exterior, as pessoas que estão celebrando a vida em alguma festa tendem a esperar receber presentes em homenagem a elas. Essa situação, na tradição

gifts, who piles the blanket high to share good fortune with everyone in the circle.

Often, if the giveaway is small and personal, every gift will be handmade. Sometimes a whole community might work all year long to fashion the presents for guests they do not even know. For a big intertribal gathering with hundreds of people, the blanket is likely to be a blue plastic tarp strewn with gleanings from the discount bins at Walmart. No matter what the gift is, a black ash basket or a pot holder, the sentiment is the same. The ceremonial giveaway is an echo of our oldest teachings.

Generosity is simultaneously a moral and a material imperative, especially among people who live close to the land and know its waves of plenty and scarcity. Where the well-being of one is linked to the wellbeing of all. Wealth among traditional people is measured by having enough to give away. Hoarding the gift, we become constipated with wealth, bloated with possessions, too heavy to join the dance.

Sometimes there's someone, maybe even a whole family, who doesn't understand and takes too much. They heap up their acquisitions beside their lawn chairs. Maybe they need it. Maybe not. They don't dance, but sit alone, guarding their stuff.

In a culture of gratitude, everyone

Potawatomi, vira do avesso, pois quem é homenageado que dá presentes e coloca o cobertor no alto para compartilhar sua boa sorte com todos na roda.

Muitas vezes, se a doação é pequena e particular, todos os presentes serão feitos a mão. Às vezes, uma comunidade inteira trabalha o ano inteiro para produzir os presentes a convidados que eles nem conhecem. Mas, numa reunião intertribal grande com centenas de pessoas, o cobertor geralmente é uma lona de plástico azul salpicada de presentes comprados nas gôndolas de ofertas do Walmart. Não importa o que é o presente, uma cesta preta de cinzas ou um descanso de panela, o sentimento é o mesmo. A doação cerimonial é um eco de nossos ensinamentos mais antigos.

A generosidade é simultaneamente um imperativo moral e material, principalmente entre as pessoas que vivem perto da terra e conhecem suas ondas de fartura e escassez. Onde o bem-estar de um é tido como o bem-estar de todos. Assim, a riqueza dentre os povos tradicionais é medida pelo fato de terem o suficiente para doarem. Quando acumulamos presentes, ficamos empanturrados demais de riquezas para nos juntarmos à dança.

Às vezes, há alguém, talvez até uma família, que não entende isso e pega presentes demais. Essas pessoas empilham suas aquisições ao lado das cadeiras de jardim. Talvez elas precisassem disso. Talvez não. Mas, elas não dançam e sim sentam sozinhas, tomando conta de suas coisas.

Na cultura da gratidão, todos sabem

knows that gifts will follow the circle of reciprocity and flow back to you again. This time you give and next time you receive. Both the honor of giving and the humility of receiving are necessary halves of the equation. The grass in the ring is trodden down in a path from gratitude to reciprocity. We dance in a circle, not in a line.

After the dance, a little boy in a grass dance outfit tosses down his new toy truck, already tired of it. His dad makes him pick it up and then sits him down. A gift is different from something you buy, possessed of meaning outside its material boundaries. You never dishonor the gift. A gift asks something of you. To take care of it. And something more.

I don't know the origin of the giveaway, but I think that we learned it from watching the plants, especially the berries who offer up their gifts all wrapped in red and blue. We may forget the teacher, but our language remembers: our word for the giveaway, *minidewak*, means "they give from the heart." At the word's center lives the word *min*. *Min* is a root word for *gift*, but it is also the word for *berry*. In the poetry of our language, might speaking of *minidewak* remind us to be as the berries?

The berries are always present at our ceremonies. They join us in a wooden bowl. One big bowl and one big spoon, which are passed around the circle, so that each person can taste the sweetness, remember the gifts, and say thank you. They carry the

que os presentes que receberam seguirão o ciclo da reciprocidade, fluindo para você novamente. Dessa vez você doa e na próxima você recebe. Tanto a honraria de doar quanto a humildade de receber são metades necessárias da equação. A grama do ringue é pisada no caminho da gratidão rumo à reciprocidade. Nós dançamos em círculo, não em fila.

Depois da dança, um menininho com uma roupa da dança da grama joga no chão seu caminhão de brinquedo, pois cansou-se dele. Seu pai o faz pegá-lo de volta e o senta no chão. Um presente é diferente de algo que você compra. Ele possui um significado que vai além dos limites materiais. Você nunca desonra um presente. Um presente exige algo de você: cuidar dele, e algo mais.

Não conheço a origem da cerimônia de doação, mas acho que aprendemos isso ao prestarmos atenção nas plantas, em especial nas frutas que oferecem seus presentes embalados em vermelho e azul. Talvez nós tenhamos nos esquecido da professora, mas a nossa língua nos lembra: a nossa palavra para "doação", "*minidewak*", significa "elas dão de coração", e o sufixo "*min-*" se refere a "*presente*", mas também pode significar "*fruta*". Então, será que na poesia da linguagem, ao falarmos "*minidewak*" podemos nos lembrar de ser como as frutas?

As frutas sempre estão presentes nas nossas cerimônias. Elas se juntam a nós em uma grande tigela de madeira, acompanhada de uma colher grande, e ambas passam por toda a roda. Assim, todos conseguem provar a pelos nossos ancestrais, cuja

lesson, passed to us by our ancestors, that the generosity of the land comes to us as one bowl, one spoon. We are all fed from the same bowl that Mother Earth has filled for us. It's not just about the berries, but also about the bowl. The gifts of the earth are to be shared, but gifts are not limitless. The generosity of the earth is not an invitation to take it all. Every bowl has a bottom. When it's empty, it's empty. And there is but one spoon, the same size for everyone.

How do we refill the empty bowl? Is gratitude alone enough? Berries teach us otherwise. When berries spread out their giveaway blanket, offering their sweetness to birds and bears and boys alike, the transaction does not end there. Something beyond gratitude is asked of us. The berries trust that we will uphold our end of the bargain and disperse their seeds to new places to grow, which is good for berries and for boys. They remind us that all flourishing is mutual. We need the berries and the berries need us. Their gifts multiply by our care for them, and dwindle from our neglect. We are bound in a covenant of reciprocity, a pact of mutual responsibility to sustain those who sustain us. And so the empty bowl is filled.

Somewhere along the line, though, people have abandoned berry teachings. Instead of sowing richness, we diminish the possibilities for the future at every turn. But the uncertain

generosidade vem a nós como uma tigela e uma colher. Somos todos alimentados pela mesma tigela que a Mãe Terra encheu para nós. E isso não é apenas sobre as frutas, mas também sobre a tigela, pois os presentes da terra estão aqui para serem compartilhados, mas são ilimitados. A generosidade da terra não é um convite para que tudo seja pego de uma vez, afinal, toda tigela tem um fundo, e quando ela está vazia, está vazia. Ademais, há uma colher do mesmo tamanho para todos.

Como reabastecemos a tigela vazia? A gratidão isolada é o suficiente? As frutas nos trazem ensinamentos diferentes ao espalharem o seu cobertor de doações, oferecendo sua doçura a pássaros, ursos e meninos igualmente. Mas essa transação não termina aí, pois algo além da gratidão é pedido a nós. As frutas confiam que nós vamos fazer a nossa parte do trato: dispersaremos as suas sementes em locais de cultivo novos, o que é bom para elas e para os meninos. Elas nos lembram que todo florescer é mútuo: precisamos das frutas e elas precisam de nós. Seus presentes se multiplicam por meio do nosso cuidado com elas, e isso diminui se somos negligentes. Portanto, estamos ligados por uma convenção de reciprocidade, um pacto de responsabilidade mútua para sustentar quem nos sustenta. E assim a tigela vazia é enchida.

Em algum lugar da linha do tempo, as pessoas abandonaram os ensinamentos das frutas vermelhas. Ao invés de semearmos riquezas, diminuimos as possibilidades do futuro

path to the future could be illuminated by language. In Potawatomi, we speak of the land as *emingoyak*: that which has been given to us. In English, we speak of the land as “natural resources” or “ecosystem services,” as if the lives of other beings were our property. As if the earth were not a bowl of berries, but an open pit mine, and the spoon a gouging shovel.

Imagine that while our neighbors were holding a giveaway, someone broke into their home to take whatever he wanted. We would be outraged at the moral trespass. So it should be for the earth. The earth gives away for free the power of wind and sun and water, but instead we break open the earth to take fossil fuels. Had we taken only that which is given to us, had we reciprocated the gift, we would not have to fear our own atmosphere today.

We are all bound by a covenant of reciprocity: plant breath for animal breath, winter and summer, predator and prey, grass and fire, night and day, living and dying. Water knows this, clouds know this. Soil and rocks know they are dancing in a continuous giveaway of making, unmaking, and making again the earth.

Our elders say that ceremony is the way we can remember to remember. In the dance of the giveaway, remember that the earth is a gift that we must pass on, just as it came to us. When we forget, the dances we’ll need will be for

cada vez mais. Mas a estrada incerta para o futuro poderia ser iluminada pela linguagem. Na língua potawatomi, nos referimos à terra como “*emingoyak*”: aquilo que foi dado a nós; na língua portuguesa nos referimos à terra como “recursos naturais” ou “serviços prestados pelo ecossistema”, como se a vida dos outros seres fosse nossa propriedade, e como se a terra não fosse uma tigela de frutas, mas uma mina a céu aberto, e a colher fosse uma pá carregadeira.

Imagine que enquanto os nossos vizinhos mantiveram a doação, alguém invadiu a casa deles para pegar o que quisessem. Tal atitude nos deixaria indignados com tamanha transgressão moral. O mesmo deveria acontecer em relação à terra, pois ela doa gratuitamente o poder do vento, do sol e da água, mas, ao invés de apreciarmos isso, invadimos a terra para tomar combustível fóssil. Se tivéssemos pego apenas o que é dado a nós, e se tivéssemos retribuído o presente, não teríamos de temer pela nossa atmosfera hoje.

Estamos todos conectados por uma convenção de reciprocidade: a planta respira para o animal respirar, inverno e verão, predador e presa, grama e fogo, noite e dia, vida e morte. A água sabe disso, as nuvens sabem disso. O solo e as pedras sabem que estão dançando numa doação contínua de fazer e desfazer, e fazer a terra novamente.

Os nossos anciões dizem que essa cerimônia é a maneira com que podemos nos lembrar. Na dança da doação, nos lembramos que a terra é um presente que devemos passar pra frente, tão rapidamente quanto veio a

mourning. For the passing of polar bears, the silence of cranes, for the death of rivers and the memory of snow.

When I close my eyes and wait for my heartbeat to match the drum, I envision people recognizing, for perhaps the first time, the dazzling gifts of the world, seeing them with new eyes, just as they teeter on the cusp of undoing. Maybe just in time. Or maybe too late. Spread on the grass, green over brown, they will honor at last the giveaway from Mother Earth. Blankets of moss, robes of feathers, baskets of corn, and vials of healing herbs. Silver salmon, agate beaches, sand dunes. Thunderheads and snowdrifts, cords of wood and herds of elk. Tulips. Potatoes. Luna moths and snow geese. And berries. More than anything, I want to hear a great song of thanks rise on the wind. I think that song might save us. And then, as the drum begins, we will dance, wearing regalia in celebration of the living earth: a waving fringe of tallgrass prairie, a whirl of butterfly shawls, with nodding plumes of egrets, jeweled with the glitter of a phosphorescent wave. When the song pauses for the honor beats, we'll hold high our gifts and ululate their praises, a shining fish, a branch of blossoms, and a starlit night.

The moral covenant of reciprocity

nós. Quando nos esquecermos disso, as danças que vamos precisar serão as de luto, pelo falecimento dos ursos polares, pelo silêncio da garça-azul, pela morte dos rios e pela lembrança do que era a neve.

Quando fecho meus olhos e espero o ritmo do meu coração bater com o do tambor, imagino as pessoas reconhecendo, talvez pela primeira vez, os presentes deslumbrantes do mundo, vendo-os com novos olhos, como se eles tivessem vacilado à beira da destruição. Talvez a tempo. Ou talvez tarde demais. Então, espalhados na grama, onde há verde sobre marrom, eles vão honrar enfim a doação da Mãe Terra. Cestas de musgo, mantos de plumas, cestas de milho e frascos de ervas curativas. Salmões prateados, praias de ágatas, dunas de areia. Nuvens carregadas e montes de neve, cipós e rebanhos de alces. Tulipas. Batatas. Mariposas-luna. Gansos-das-neves. E frutas. Mais do que qualquer coisa, quero ouvir uma canção grandiosa de agradecimento subir com o vento. Acho que essa música nos salvaria. E depois, como as primeiras batidas do tambor, nós dançaremos, vestidos de regalias para celebrar a terra viva: uma franja ondulante de uma pradaria de grama alta, um rodopio de borboleta que parece adornar-nos com um xale enfeitado com plumas de garça ondulantes e com uma onda de joias fosforescentes brilhantes. Quando a música dá uma pausa para as batidas honrosas, nós ergueremos os nossos presentes e ulularemos em louvor a eles, um peixe reluzente, um ramo de flores e uma noite estrelada.

A convenção moral de reciprocidade

calls us to honor our responsibilities for all we have been given, for all that we have taken. It's our turn now, long overdue. Let us hold a giveaway for Mother Earth, spread our blankets out for her and pile them high with gifts of our own making. Imagine the books, the paintings, the poems, the clever machines, the compassionate acts, the transcendent ideas, the perfect tools. The fierce defense of all that has been given. Gifts of mind, hands, heart, voice, and vision all offered up on behalf of the earth. Whatever our gift, we are called to give it and to dance for the renewal of the world.

In return for the privilege of breath.

nos chama para honrar as nossas responsabilidades em meio a tudo que nos foi dado e tudo o que pegamos. E agora é a nossa vez, muito atrasada. Permita que nós mantenhamos a doação com a Mãe Terra, espalhem os nossos cobertores para ela e os empilhemos com presentes feitos por nós mesmos. Imagine os livros, as pinturas, os poemas, os mecanismos inteligentes, os atos de compaixão, as ideias transcendentais, as ferramentas perfeitas. A defesa feroz de tudo o que foi dado. Presentes de mente, mão, coração, voz e visão, todos oferecidos para a terra. Seja qual for o nosso presente, somos chamados a dá-lo e dançar pela renovação do mundo.

Em retribuição pelo privilégio de respirar.